

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECOLOGIA E RECURSOS NATURAIS**

**PROPOSTA METODOLÓGICA DE AVALIAÇÃO DO GRAU DE
SATISFAÇÃO DE POPULAÇÃO DE ÁREA URBANA. ESTUDO DE
CASO: BAIRRO ANTENOR GARCIA, MUNICÍPIO DE SÃO CARLOS, SP.**

Waldir José Gaspar

SÃO CARLOS - SP

2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECOLOGIA E RECURSOS NATURAIS

**PROPOSTA METODOLÓGICA DE AVALIAÇÃO DO GRAU
DE SATISFAÇÃO DE POPULAÇÃO DE ÁREA URBANA.
ESTUDO DE CASO: BAIRRO ANTENOR GARCIA,
MUNICÍPIO DE SÃO CARLOS, SP.**

Waldir José Gaspar

**Tese de Doutorado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Ecologia e Recursos Naturais do
Centro de Ciências Biológicas e da
Saúde da Universidade Federal de São
Carlos como parte dos requisitos para
a obtenção do título de Doutor em
Ciências (Ciências Biológicas) na Área
de Concentração em Ecologia e
Recursos Naturais.**

SÃO CARLOS – SP

2006

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária/UFSCar**

G249pm

Gaspar, Waldir José.

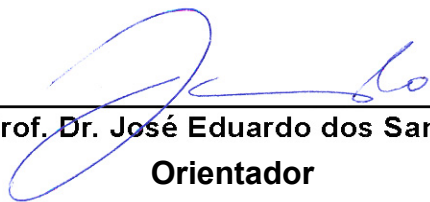
Proposta metodológica de avaliação do grau de satisfação de população de área urbana. Estudo de caso: bairro Antenor Garcia, município de São Carlos, SP / Waldir José Gaspar. -- São Carlos : UFSCar, 2007.

163 p.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2006.

1. Ecologia. 2. Ecologia humana. 3. Planejamento urbano.
4. Qualidade de vida urbana. 5. Questão social. I. Título.

CDD: 574.5 (20^a)



Prof. Dr. José Eduardo dos Santos
Orientador

Waldir José Gaspar

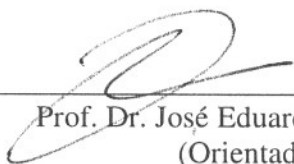
**PROPOSTA METODOLÓGICA DE AVALIAÇÃO DO GRAU DE SATISFAÇÃO
DE POPULAÇÃO DE ÁREA URBANA. ESTUDO DE CASO: BAIRRO ANTENOR
GARCIA, MUNICÍPIO DE SÃO CARLOS, SP**

Tese apresentada à Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Aprovada em 01 de Dezembro de 2006

BANCA EXAMINADORA

Presidente



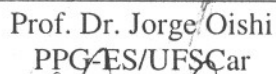
Prof. Dr. José Eduardo dos Santos
(Orientador)

1º Examinador



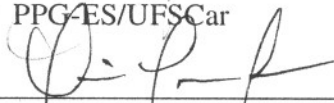
Prof. Dr. José Roberto Verani
PPG-ERN/UFSCar

2º Examinador




Prof. Dr. Jorge Oishi
PPG-ES/UFSCar

3º Examinador



Prof. Dr. Yuri Tavares Rocha
USP/SÃO PAULO-SP

4º Examinador



Profa. Dra. Elisabete Maria Zanin
URI/Erechim-RS

*Zezé, Murilo e Marcelo
(minha querida família)*

AGRADECIMENTOS

Aos moradores do bairro Antenor Garcia – razão da elaboração deste trabalho – pela confiança, compreensão e respeito nesses oito anos de contato;

Ao Programa de Pós Graduação em Ecologia e Recursos Naturais da UFSCar que acreditou na potencialidade deste trabalho. A toda a equipe da secretaria – Beth, Graça, João, Madalena, Renata e Roseli pela gentileza no atendimento, incluindo os colegas Osmar, Luiz e saudoso Ditão, pela amizade cultivada;

Aos membros da banca examinadora, Prof. Dr. José Roberto Verani, Prof. Dr. Jorge Oishi, Profa. Dra. Elisabete Maria Zanin, Prof. Dr. Yuri Tavares Rocha pela honra que me concedem em participar da minha defesa;

Ao amigo Luiz Eduardo Moschini (Du), pela gentileza e presteza, tão peculiares de seu caráter, na solução das minhas diversas dúvidas;

Aos amigos Jorge Oishi, Silvio Possa e Celso Carvalho pelas contribuições nas discussões sobre tratamento estatístico dos dados e políticas governamentais na área da saúde pública e atividades agrícolas;

Ao historiador Marco Antonio Leite Brandão (Marco Bala) pelas entrevistas e disponibilização de material sobre a história do Município de São Carlos.

A amiga Carina Gonzaga pela ajuda na aplicação dos questionários.

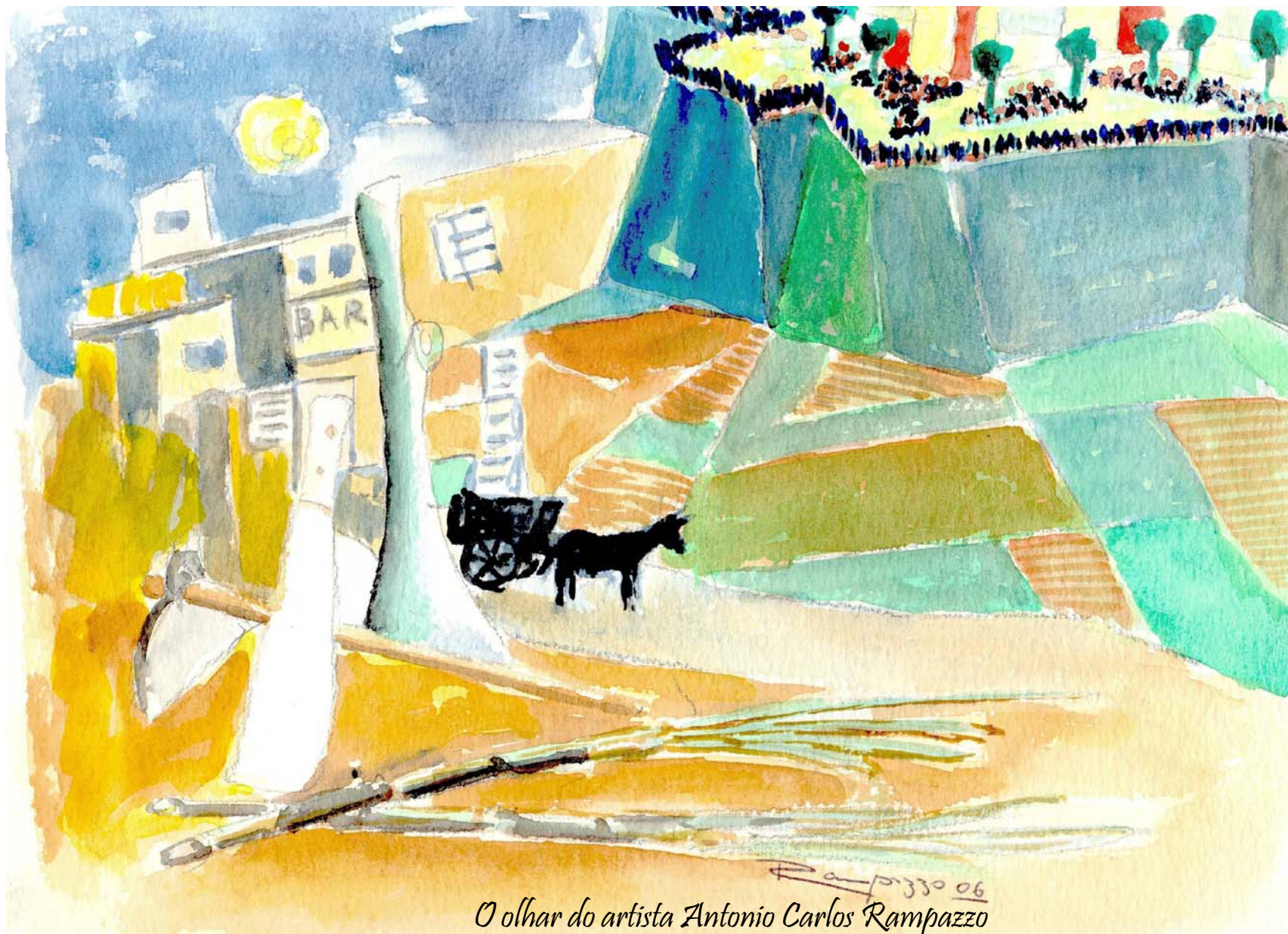
Ao amigo Edson Francelino pela cooperação em vários momentos em que os computadores resolviam “entrar em greve”;

A querida Andréa Petisco pelas discussões que envolveram planejamento urbano, bem como ao amigo Edmilson Volpi pelas diretrizes no uso do programa ArcView para confecção dos mapas;

Ao talentoso artista e amigo Antonio Carlos Rampazzo, que tão bem soube expressar em traços as Variáveis do Grau de Satisfação do morador do bairro Antenor Garcia, através da aquarela reproduzida neste trabalho;

Agradeço ao Mario Massayuki Akiyoshi, pela amizade recente repleta de sabedoria sublime. Também agradeço ao amigo Glauco Figueiredo pelas críticas (às vezes duras) nas diversas fases do trabalho.

Finalmente, meu agradecimento especial ao Prof. Dr. José Eduardo dos Santos, meu orientador e amigo, que muito tem me ajudado nas mais diversas formas.



O olhar do artista Antonio Carlos Rampazzo

RESUMO

Apesar das políticas públicas tratarem de fixar prioridades na avaliação do desenvolvimento e na realização do bem-estar humano, este trabalho considera a possibilidade em avaliar o grau de satisfação da população, com base nas prioridades e indicadores sugeridos pela própria população. A questão assume contornos extremos quando relacionada ao uso correto dos recursos públicos e do insucesso de programas municipais destinados principalmente aos moradores inseridos no espaço periférico urbano. A Avaliação do Grau de Satisfação da população se apresenta como uma estratégia para avaliar os impactos produzidos pelos investimentos – públicos ou privados – em projetos de desenvolvimento social. Neste estudo foi considerada a população de um bairro periférico recente (Loteamento Social Antenor Garcia), do município de São Carlos, SP, com aproximadamente cinco mil habitantes. Com base nas respostas para uma única pergunta aberta e sintética: “O que te agrada e incomoda no bairro em que vive?”, foi elaborado um questionário com setenta e seis questões agrupadas em seis variáveis: Habitação e Ambiente; Saúde; Educação e Lazer; Transportes; Segurança; Social. Quanto à forma da escala do questionário adotou-se a do tipo LIKERT, com referencial de OSGOOD, com respostas induzidas para “Discordo Totalmente” (DT); “Discordo Parcialmente” (DP); “Sem Opinião” (SO); “Concordo Parcialmente” (CP) ou “Concordo Totalmente” (CT). As medidas de consistência entre as correlações foram feitas com base no coeficiente Alfa de CRONBACH, que resultaram em: média a alta correlação ($> 0,66$), para análises internas às variáveis; e média correlação (0,46), para análises inter-variáveis – função dos aspectos correlacionados (ex. Segurança x Saúde). Os dados mostraram que a variável Transportes foi a que apresentou menor grau de satisfação – provavelmente devido a distância do bairro em relação ao centro da cidade de São Carlos. Enquanto que a questão “iluminação do bairro” pertencente a variável Habitação e Ambiente foi considerada a com maior grau de satisfação – provavelmente explicado pelo apelo à segurança que os moradores desse bairro manifestam. Espera-se que esse trabalho possa contribuir na aplicação dos recursos públicos, no tratamento do conflito entre os interesses da população e o planejamento urbano, de modo a entender e atender as reais necessidades dessas populações.

Palavras-chave: Grau de Satisfação. Bem-estar humano. Comunidade Urbana. Planejamento Urbano. Estudo participativo. Questões sociais.

SUMMARY

Although public politics determine priorities in the evaluation of the development and in the accomplishment of the human well-being, this work considers the possibility in evaluating the degree of satisfaction of the population, based on the priorities and indicators from the population perspective. The subject assumes extreme outlines when related to the correct use of the public resources and of the failure of municipal programs destined to the residents mainly inserted in the urban outlying space. Evaluation of the degree of satisfaction of the population comes as a strategy to evaluate the impacts produced by the investments - public or private - in projects of social development. In this study the population of a recent outlying neighborhood (Social Division into lots Antenor Garcia), of the city of São Carlos, SP, with approximately five thousand inhabitants, was considered. With base in the answers for a single open and synthetic question: "What does you like and unlike in the neighborhood in what you live?", a questionnaire with seventy six subjects contained in six variables: Health; Social; Education and Recreation; Safety; Habitation and Environment; and Transports, was elaborated. As for the form of the scale of the questionnaire it was adopted of the type LIKERT, with referencial of OSGOOD, with answers induced for "Totally Disagree" (DT); "Disagree Partially" (DP); "Without Opinion" (SO); "Agree Partially" (CP) or "Totally Agree" (CT). The consistence measures among the correlations were made with base in the coefficient Alpha of CRONBACH, that resulted in: medium to high correlation (>0.66) for internal analysis to the variables; and medium correlation (0.46), for inter-variable analysis - function of the correlated aspects (e.g. Safety versus Health). The variable Transports were the one that presented smaller degree of satisfaction - probably due to distance of the neighborhood downtown of São Carlos. While the item "public illumination" which belongs to the variable Habitation and Environment was the one with best degree of satisfaction - probably due to the appeal of some of the aspects of safety manifested by the habitants of this suburb. One expects that this methodology comes to contribute to deal with the conflict between the interests of the population and the urban planning, in way to understand and to assist the real needs of those populations, in the application of the public resources.

Key-words: Degree of satisfaction. Human well-being. Urban Community. Urban planning. Participatory urban appraisal. Social subjects.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	1
2.	CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA e CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA	6
	2.1. INTRODUÇÃO	6
	2.2. O MUNICÍPIO DE SÃO CARLOS	7
	2.2.1. Breve histórico da urbanização	10
	2.2.2. Descrição do bairro Antenor Garcia	15
3.	EMBASAMENTO TEÓRICO	23
	3.1. SÍMBOLO NOVO PARA O CIDADÃO DA PERIFERIA.....	28
	3.2. A POBREZA VISTA PELOS POBRES.....	31
	3.3. AVALIAÇÃO PARTICIPATIVA DA POBREZA URBANA	37
	3.4. CONCEITOS DE QUALIDADE DE VIDA	40
	3.5. INDICADORES SOCIAIS – PARA QUE SERVEM?	43
	3.6. CONCEITOS E PARÂMETROS DE FELICIDADE E SATISFAÇÃO PESSOAL	52
	3.7. QUESTIONÁRIOS: FERRAMENTAS PARA APOIO À PARTICIPAÇÃO DECISÓRIA.....	60
	3.8. TRATAMENTO ESTATÍSTICO	70
	3.8.1. Mensuração de atitudes	71
	3.8.2. O “rebelde” dado qualitativo	74
	3.8.3. Interpretando escalas	76
	3.8.4. Análise bidimensional – processamento de redução de dimensionalidade	78
	3.8.5. Consistência dos dados alfa (α) de Cronbach	80
	3.8.6. Análise multivariada	81
4.	METODOLOGIA E PROCESSO	85
	4.1. CONFECÇÃO E APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIOS.....	85
	4.2. ANÁLISE FATORIAL.....	89
5.	RESULTADOS E DISCUSSÃO	91
	5.1. ANÁLISE ENTRE QUESTÕES DA MESMA VARIÁVEL.....	92
	5.2. ANÁLISE ENTRE QUESTÕES DE DIFERENTES VARIÁVEIS.....	112
	5.3. CONSIDERAÇÕES SOBRE ABORDAGENS ESTATÍSTICAS ADICIONAIS	124
	5.4. ANÁLISE MULTIVARIADA DOS DADOS (ANÁLISE FATORIAL)	126

6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	133
7.	REFERÊNCIAS.....	137
8.	APÊNDICES	144
9.	ANEXOS	158

LISTA DE FIGURAS

Figura 2.2.1 – Esboço Cartográfico sem escala do Município de São Carlos no Estado de São Paulo.	7
Figura 2.2.2 – Limites do município de São Carlos, área urbanizada, rede hidrográfica e sub-bacias.	8
Figura 2.2.2.1 – Mapa de São Carlos situando o bairro Antenor Garcia (sem escala).....	16
Figura 2.2.2.2 – Panorâmica do bairro Antenor Garcia. Em detalhe erosão devido às chuvas de 1999.	17
Figura 2.2.2.3 – Habitação característica do bairro Antenor Garcia.....	18
Figura 2.2.2.4 – Faixa etária dos moradores do bairro Antenor Garcia em março de 2006.	19
Figura 2.2.2.5 – Analfabetismo por idade e sexo em números absolutos observados em 362 moradores do bairro Antenor Garcia em março de 2006.	20
Figura 2.2.2.6 – Aspecto da vegetação de campo de cerrado na área do bairro Antenor Garcia (detalhe de árvore atingida por raio).....	21
Figura 2.2.2.7 – Vista aérea mostrando mata ripária ao longo do córrego da Água Quente (à esquerda) e bairro Antenor Garcia (à direita).	22
Figura 3.2.1 – Proporção de negros na população brasileira nos anos de 1976, 1986, 1996 e 2001.....	32
Figura 3.5.1 – Fluxograma apresentando os 83 Indicadores Ambientais Paulistanos (PIER).	49

Figura 3.6.1 – Correlação entre Felicidade e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH, 2002).....	56
Figura 3.6.2 – Correlação entre Satisfação e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).....	57
Figura 3.6.3 – Correlação entre Felicidade e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).....	58
Figura 3.6.4 – Mapa da Felicidade do Estado de São Paulo.....	59
Figura 3.8.3.1 – Exemplo de Medida de Grau de Satisfação da população do bairro Antenor Garcia em relação ao atendimento médico do Posto de Saúde Araci II.	77
Figura 5.1.1 – Questões que definem a intensidade do Grau de Satisfação do morador do bairro Antenor Garcia, São Carlos, SP, com relação à variável TRANSPORTES.	99
Figura 5.1.2 – Questões que definem a intensidade do Grau de Satisfação do morador do bairro Antenor Garcia, São Carlos, SP, com relação à variável SEGURANÇA.	100
Figura 5.1.3 – Questões que definem a intensidade do Grau de Satisfação do morador do bairro Antenor Garcia, São Carlos, SP, com relação à variável SAÚDE. Org: o autor (2006).....	102
Figura 5.1.4 – Questões que definem a intensidade do Grau de Satisfação do morador do bairro Antenor Garcia, São Carlos, SP, com relação à variável HABITAÇÃO E AMBIENTE.	104
Figura 5.1.5 – Bairro Antenor Garcia e detalhe da mata a nordeste.....	105

Figura 5.1.6 –	Questões que definem a intensidade do Grau de Satisfação do morador do bairro Antenor Garcia, São Carlos, SP, com relação à variável EDUCAÇÃO E LAZER.....	107
Figura 5.1.7 –	Questões que definem a intensidade do Grau de Satisfação do morador do bairro Antenor Garcia, São Carlos, SP, com relação à variável SOCIAL.....	110
Figura 5.1.8 –	Síntese do Grau de Satisfação ordenado por variável para o morador do bairro Antenor Garcia, São Carlos, SP. 111	
Figura 5.2.1 –	Meios de transportes utilizados pelos moradores do bairro Antenor Garcia.	113
Figura 5.2.2 –	Moradores que percebem os pequenos núcleos de mata que contornam o bairro (Q13) e também responderam que “cuidam” do meio ambiente (Q19).....	114
Figura 5.2.3 –	Arborização de rua no bairro Antenor Garcia.	115
Figura 5.2.4 –	Moradores que preferem assistir televisão x moradores que usam a calçada como área de lazer na hora da novela ou do jogo.	116
Figura 5.2.5 –	Percentual de respostas à pergunta sobre estar satisfeito com o local em que vive (Q67) – bairro Antenor Garcia.	118
Figura 5.2.6 –	Distribuição das respostas para a Questão “Você é feliz?” (Q66) para os moradores do bairro Antenor Garcia.....	119
Figura 5.2.7 –	Percentual de respostas dos moradores analisadas por sexo sobre a satisfação de morar no bairro Antenor Garcia.	120

Figura 5.2.8 – Respostas sobre percentual de felicidade divididas por sexo no bairro Antenor Garcia.....	120
Figura 5.2.9 – Correlações entre percentual dos moradores que estão satisfeitos com o local em que vivem (Q67) com escolaridade (Q70) para o bairro Antenor Garcia.	121
Figura 5.2.10 – Correlações entre percentual dos moradores que não estão satisfeitos com o local em que vivem (Q67) e escolaridade (Q70) para o bairro Antenor Garcia.	122
Figura 5.2.11 – Correlação entre os moradores que responderam que são felizes (Q66) e a idade média (Q69) para cada faixa de escolaridade (Q70), no bairro Antenor Garcia.	123
Figura 5.2.12 – Moradores do bairro Antenor Garcia que concordam e discordam que tenham poucos filhos, agrupados por região de origem.....	124
Figura 5.3.1 – Histograma representativo das respostas obtidas com a aplicação do questionário no bairro Antenor Garcia. (MS – Muito Satisfeito; PS – Parcialmente Satisfeito; SO – Sem Opinião; PI – Parcialmente Insatisfeito; MI – Muito Insatisfeito).....	125
Figura 5.4.1 – Autovalores (Eigenvalues) para os questionários aplicados no bairro Antenor Garcia.	128

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.1 –	Exemplos do crescimento populacional em cidades para países com diferentes Índices de Desenvolvimento Humano (IDH).....	2
Quadro 2.2.2.1 –	Categorização dos moradores do bairro Antenor Garcia por preferência religiosa.....	20
Quadro 3.2 –	Dados da Taxa de Crescimento e Razão de Urbanização da População Brasileira, 1991-2000.....	27
Quadro 3.2.1 –	Evolução Conceitual da Pobreza: Uma Síntese.....	35
Quadro 3.3.1 –	Abordagem Direta e Indireta da Pobreza.....	39
Quadro 3.5.1 –	Composição de indicadores na formulação de Índices Temáticos.....	51
Quadro 3.6.1 –	Índice Internacional de Felicidade em 2002	55
Quadro 3.7.1 –	Oito degraus da escada da participação cidadã.....	65
Quadro 3.8.3.1 –	Medida de Grau de Satisfação no Atendimento Médico do Posto de Saúde.....	77
Quadro 4.1.1 –	Número total de pessoas consultadas com a pergunta “O que te agrada e incomoda no bairro em que vive?” e respectivos Estados de origem.....	85
Quadro 5.1 –	Questões contempladas no Questionário e que foram analisadas em separado (Capítulo 5.2).	91
Quadro 5.1.1 –	Alfa (α) de Cronbach e Medida Média para todas as questões utilizadas na matriz Grau de Satisfação da população do bairro Antenor Garcia.	92
Quadro 5.1.2 –	Relevância de cada questão na composição do Grau de Satisfação do bairro Antenor Garcia.	93
Quadro 5.1.3 –	Número de questões por variável e valor do Alfa (α) de Cronbach calculados por variável, utilizadas na pesquisa do Grau de Satisfação da população do bairro Antenor Garcia	96
Quadro 5.1.4 –	Número de respostas por Categoria para cada Questão estudada e suas respectivas codificações entre -2 e +2	97
Quadro 5.1.5 –	Questões recodificadas para a variável TRANSPORTES.	97

Quadro 5.4.1 –	Teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e Teste de Esfericidade de Bartlett (BTS).....	126
Quadro 5.4.2 –	Autovalores e porcentagem da variância total explicada pelos fatores identificados na análise fatorial	127
Quadro 5.4.3 –	Matriz de componentes rotacionada para todas as questões.....	129
Quadro 6.1 –	Seqüência de edição de medida de Grau de Satisfação em relação aos Indicadores do Bairro Antenor Garcia.	135

LISTA DE SIGLAS

BTS –	Bartlett Test of Sphericity
CAIC –	Companhia da Agricultura, Imigração e Colonização
CEBRAP –	Centro Brasileiro de Análise e Planejamento
GEO –	Global Environment Outlook
HIV –	Human Immunodeficiency Virus
IBGE –	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH –	Índice de Desenvolvimento Humano
IPEA –	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IQV –	Índice de Qualidade de Vida
IQVU –	Índice de Qualidade de Vida Urbano
ISSP –	International Social Survey Programme
KMO –	Kayser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy
OMS –	Organização Mundial da Saúde
ONU –	Organizações das Nações Unidas
PIB –	Produto Interno Bruto
PIER –	Pressão; Impacto; Estado; Resposta
P. M. –	Prefeitura Municipal
PNAD –	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
PNUD –	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PNUMA –	Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
RDH –	Relatório de Desenvolvimento Humano
RSBC –	Revista Sociedades Brasileiras de Câncer
SPSS –	Statistical Package for the Social Sciences (Programa Estatística)
WCED –	World Commission on Environment and Development
WUF –	World Urban Forum
WVS –	World Values Survey

1. INTRODUÇÃO

“As pessoas são as verdadeiras riquezas das nações.” Esta afirmação, apresentada no Relatório para o Desenvolvimento Humano de 2004¹, só pode ser considerada como verdade quando o cidadão for atendido em seu objetivo básico do desenvolvimento, que é ampliar suas liberdades humanas, tanto na expressão de suas percepções quanto na possibilidade de escolha de vida plena e criativa.

Apesar das políticas públicas tratarem de fixar prioridades na avaliação do bem-estar humano, admite-se – objetivo deste trabalho – que também seja possível avaliar o grau de satisfação da população por meio das prioridades das variáveis elencadas pela mesma. A questão assume contornos extremos quando tratada no ambiente urbano: Tanto em termos da dimensão que atingiu, mensurável por meio do crescimento exponencial da população vivendo em cidades, como em relação às questões de sustentabilidade e conceitos de qualidade de vida frente a um mundo essencialmente urbano.

A urbanidade pode ser comprovada pela análise, dos 177 países que constam do Segundo Relatório de Desenvolvimento Humano - PNUD (2004), quanto ao crescimento urbano nos anos de 1975, 2002 e projeção para 2015, apenas a Geórgia (97 no ranking IDH²) prevê redução de sua população urbana de 2,7 milhões (2002) para 2,4 milhões (2015). O Quadro 1.1 apresenta outros exemplos comparativos de projeção de crescimento urbano.

As Nações Unidas estimam que, no ano de 2015, 48,7% da população dos países em desenvolvimento (2.904 milhões) e 77,3% da população dos países desenvolvidos (951 milhões) viverão em cidades. A população urbana mundial cresceu muito rapidamente na primeira metade deste século, aumentando de 14% no seu início para 29% em 1950. Entre 1950 e 2000, o número de pessoas que viviam em cidades cresceu em 3,9 vezes, aumentando de 732 milhões para 2,86 bilhões³.

¹ Relatório de Desenvolvimento Humano, 2004. Liberdade Cultural num Mundo Diversificado – PNUD.

² IDH – Índice de Desenvolvimento Humano.

³ United Nation: New York (2003). World Population Prospect.

No mundo desenvolvido, a população urbana era, em 1950, em torno de 52,5%, atingindo 71,8% em 2000. Por sua vez, nos países em desenvolvimento a população urbana em 1950 era de apenas 17,9%, crescendo para 35,2% em 2000. A explosão urbana tem um aspecto muito mais marcante no mundo em desenvolvimento, onde aumentou em seis vezes nos últimos 50 anos, enquanto nas regiões desenvolvidas apenas duplicou. Na década de 1990, a taxa anual de crescimento da população urbana atingiu, algo em torno de 3,1% para os países em desenvolvimento, ficando em 0,67% nos países desenvolvidos.

Quadro 1.1 – Exemplos do crescimento populacional em cidades para países com diferentes Índices de Desenvolvimento Humano (IDH).

População Urbana (milhões de pessoas)*				
IDH	País	1975	2002	2015*
1	Noruega	2,73	3,49	4,06
8	Estados Unidos	162,29	232,21	275,63
72	Brasil	66,16	145,17	178,57
94	China	161,44	488,18	694,14
127	Índia	132,21	294,91	401,34
177	Serra Leoa	0,62	1,83	3,05

* Calculado com base no 2004h. *World Urbanization Prospects: The 2003 Revision*. Department of Economic and Social Affairs, Population Division. New York.

Org: o autor (2006)

Além da expansão das metrópoles, ocorre também o crescimento de cidades pequenas e de médio porte que vem apresentando taxas sem precedentes. Mais que simplesmente um fenômeno demográfico, a rápida urbanização é um dos processos que mais afetam países em desenvolvimento. O resultado é uma transformação radical na estrutura das cidades, acompanhada de complexas mudanças sociais, econômicas e ambientais. O que nos leva a crer que o crescimento das cidades é inevitável e irreversível.

No Fórum Internacional para a Pobreza Urbana, promovido pelo PNUD (1997)⁴, foram apresentadas três características evidentes da pobreza, quando analisadas mundialmente: a africanização da pobreza, a femilização da pobreza e a urbanização da pobreza.

Em 1997, metade dos pobres existentes no mundo vivia em áreas urbanas. Estes dados cresceram drasticamente, alcançando 90% na América Latina, 45% na Ásia e 40% na África.

Analisando-se a questão da pobreza humana numa escala maior de tempo, verifica-se que nos últimos cinquenta anos ela tem diminuído mais que nos últimos quinhentos⁵, chegando a reduzir em algumas áreas em quase todos os países.

Entretanto, sob o aspecto da concentração de renda no Brasil, apesar do IBGE⁶ modificar a classe de apresentação dos dados, verifica-se que em 2004 o rendimento médio dos 10% mais ricos na população ocupada ainda era 16,2 vezes o rendimento médio dos 40% mais pobres.

Sob esse aspecto, a política de proteção social e a política tributária são os dois instrumentos mais importantes de ação utilizados pelo estado brasileiro para alterar o perfil de distribuição de renda.

Nessa linha de raciocínio, o que se verifica é que a meta da erradicação da pobreza no mundo, de um modo geral, configura-se como ideais que se banalizaram. Exemplos de projetos sérios contra a miséria e pela vida, coordenado por Herbert de Souza em 1995, ou Comunidade Solidária e os Programas Sociais “ofertados” pelo governo federal na gestão 2001/2006, mostraram claramente que esta utopia virou sonho ingênuo ou apenas clichês de campanha eleitoral.

Apesar de a imprensa oficial informar que o Brasil atravessa um momento de forte estabilidade econômica, o que se observa é que a falta de mudanças estruturais no processo de crescimento do país, aliada a falta de metas mais claras e objetivas quanto às prioridades políticas brasileiras, resultam (salvo raras

⁴ Forum on Urban Poverty, Governance and Participation: Practical Approaches to Urban Poverty Reduction. Disponível em: <<http://magnet.undp.org/Docs/urban/urbpov.html>>. Acesso em: 05 set. 2004.

⁵ PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Human Development Report. Disponível em CD ROM. New York, 1990.

⁶ IBGE/PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Disponível em: <www.ibge.gov.br> Acesso em: 15 set. 2006.

exceções) em descaso pelas condições de vida da sua população, principalmente periférica urbana.

Em contrapartida, o que se observa, é a sociedade organizando maneiras de sobrevivência própria que escapam ao domínio do planejamento do poder público. Para tanto ela busca formas de apropriação e apreensão simbólica da qualidade do espaço urbano vivido, como elemento de construção, comparação e representação de suas necessidades básicas como cidadão.

A análise da qualidade do espaço urbano ocupado passa a ser a questão primordial entre os organismos, inclusive internacionais. A satisfação ao elenco de questões que traduzam a condição de bem estar para a população passa a ser a chave para o sucesso de planos administrativos locais.

Quando analisadas as questões que direcionam o crescimento urbano periférico em cidades de porte médio do Estado de São Paulo, incluindo fatores conseqüentes da migração, observa-se que o conceito de grau de satisfação, diferentemente do conceito de felicidade, pode estar mais afeto à população satisfeita ou insatisfeita com as condições da infra-estrutura urbana.

Como forma de aferir os impactos produzidos pelos investimentos – públicos ou privados – em projetos de desenvolvimento social em áreas carentes de estrutura, **este trabalho propõe** uma abordagem metodológica para avaliar o GRAU DE SATISFAÇÃO da população com base em um conjunto de variáveis obtidas por meio dos próprios anseios dos moradores. Nesta pesquisa procurou-se identificar o elenco de questões e o nível de importância das mesmas na perspectiva de traduzir o grau de satisfação das pessoas na busca do bem-estar humano.

Dessa forma propõe-se a análise da melhoria das condições da infra-estrutura urbana visando o atendimento às necessidades do ser humano dentro da sociedade em que vive. Porém, o que se verifica é a grande dificuldade em se mensurar as variáveis que definem o grau de satisfação de uma população, uma vez que a satisfação é um fenômeno complexo e pode ter significado distinto para cada indivíduo. Dessa forma, optou-se por mensurar as variáveis que os próprios moradores julgaram pertinentes para o bairro em que moram, sendo necessária portanto, a percepção das questões a cada variável que traz satisfação ou insatisfação para os moradores entrevistados.

Para tratar dessas variáveis escolhemos um bairro mais periférico da cidade de São Carlos, interior do Estado de São Paulo, onde a segregação, a discriminação, a exclusão social e a degradação sócio-ambiental estão configuradas no cotidiano de seus moradores.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA e CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA

2.1. INTRODUÇÃO

A cidade de São Carlos experimentou várias transformações étnicas, principalmente devido aos diversos padrões econômicos impostos desde a época da Corte Portuguesa com conseqüência fundamental na dinâmica da urbanização e produção do “ambiente construído”. Aliada às características geomorfológicas da região, verifica-se a produção de espaços cada vez mais segregados onde, de certo modo, foi e continua sendo um atrativo para determinados grupos.

A tendência de crescimento da malha urbana tem sido variada e limitada, a cada década, por diversos fenômenos. Desde a barreira da linha do trem, reproduzindo o que comumente delimitam regiões em cidades de médio e pequeno portes, até o desfavorecimento provocado pelas altas declividades ao sul/sudeste, algumas vezes superiores a 15% (em decorrência das cuestas basálticas secundárias do córrego da Água Quente), que limitam diversas formas de ocupação, e pela rodovia SP-215, posicionada logo após, seguindo em direção ao município de Ribeirão Bonito.

Toda a zona localizada a sul da linha férrea apresenta-se como um grande bolsão de pobreza, desvalorizada devido à falta de infra-estrutura urbana, carência de equipamentos públicos e com pouca possibilidade de expansão, decorrente da sua situação geográfica natural.

São os moradores dessa região menos favorecida, ocupando loteamentos irregulares implantados por especuladores imobiliários; onde se observa nitidamente a substituição das restrições naturais por aquelas impostas pelo espaço modificado, sem considerar o planejamento geográfico que este capítulo busca contextualizar, tanto em seus aspectos técnicos quanto históricos.

Para uma melhor contextualização do bairro Antenor Garcia, procurou-se analisar primeiramente o município de São Carlos, por seus aspectos geográficos e históricos de sua urbanização.

2.2. O MUNICÍPIO DE SÃO CARLOS

O Município de São Carlos localiza-se na região centro-oriental do Estado de São Paulo, a 230 km da capital, entre as coordenadas 47° 30' e 48° 30' Longitude Oeste e 21° 30' e 22° 30' Latitude Sul, mais precisamente no final da Serra do Itaqueri – prolongamento da Serra de Brotas (Figura 2.2.1). Tem altitude variável, encontrando seu ponto mais elevado (900 metros) dentro do sítio urbano.

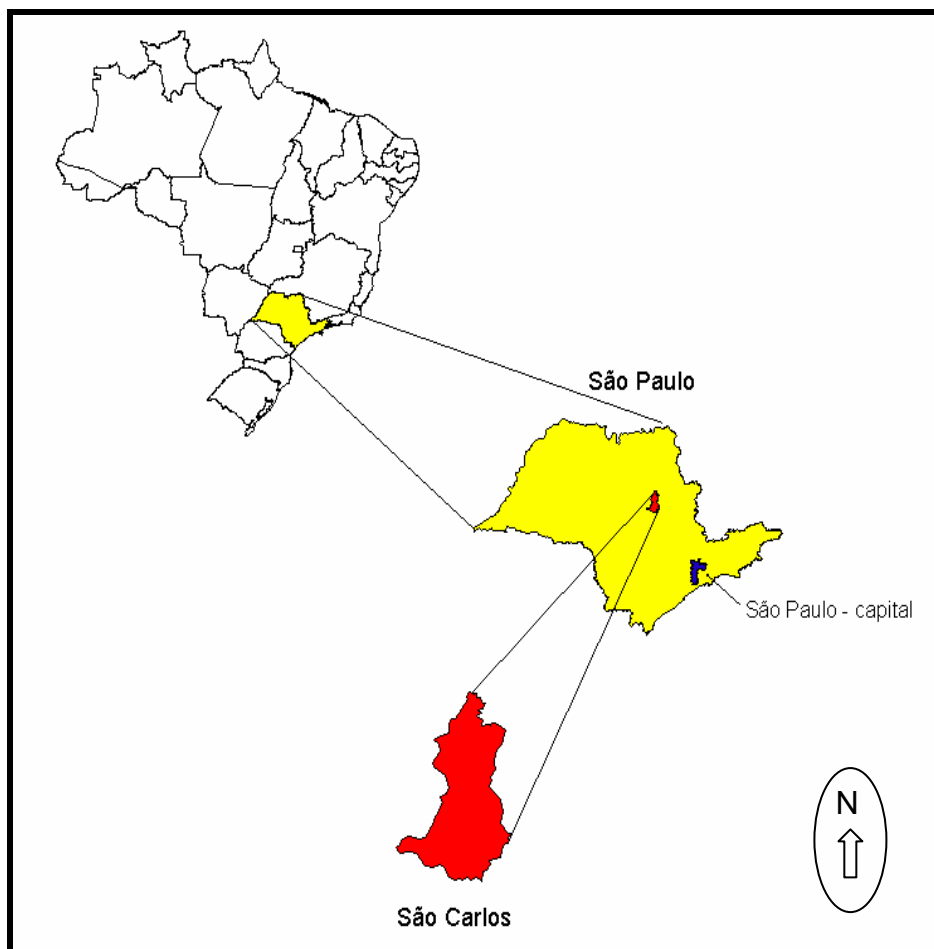


Figura 2.2.1 – Esboço Cartográfico sem escala do Município de São Carlos no Estado de São Paulo.

Fonte: Volpi (2006)

Região de relevo acidentado e vales abertos no perímetro urbano, suas terras fazem parte de duas grandes bacias de drenagem: 67% do território situado ao norte pertencem à bacia hidrográfica do rio Grande e, os restantes 33% ao sul, situam-se

na bacia do rio Tietê (via rio Jaguaré-Guaçu) e afluentes, como rio Monjolinho e ribeirão da Laranja-Azeda, ribeirão do Feijão, córregos da Água Fria e da Água Quente (Figura 2.2.2).

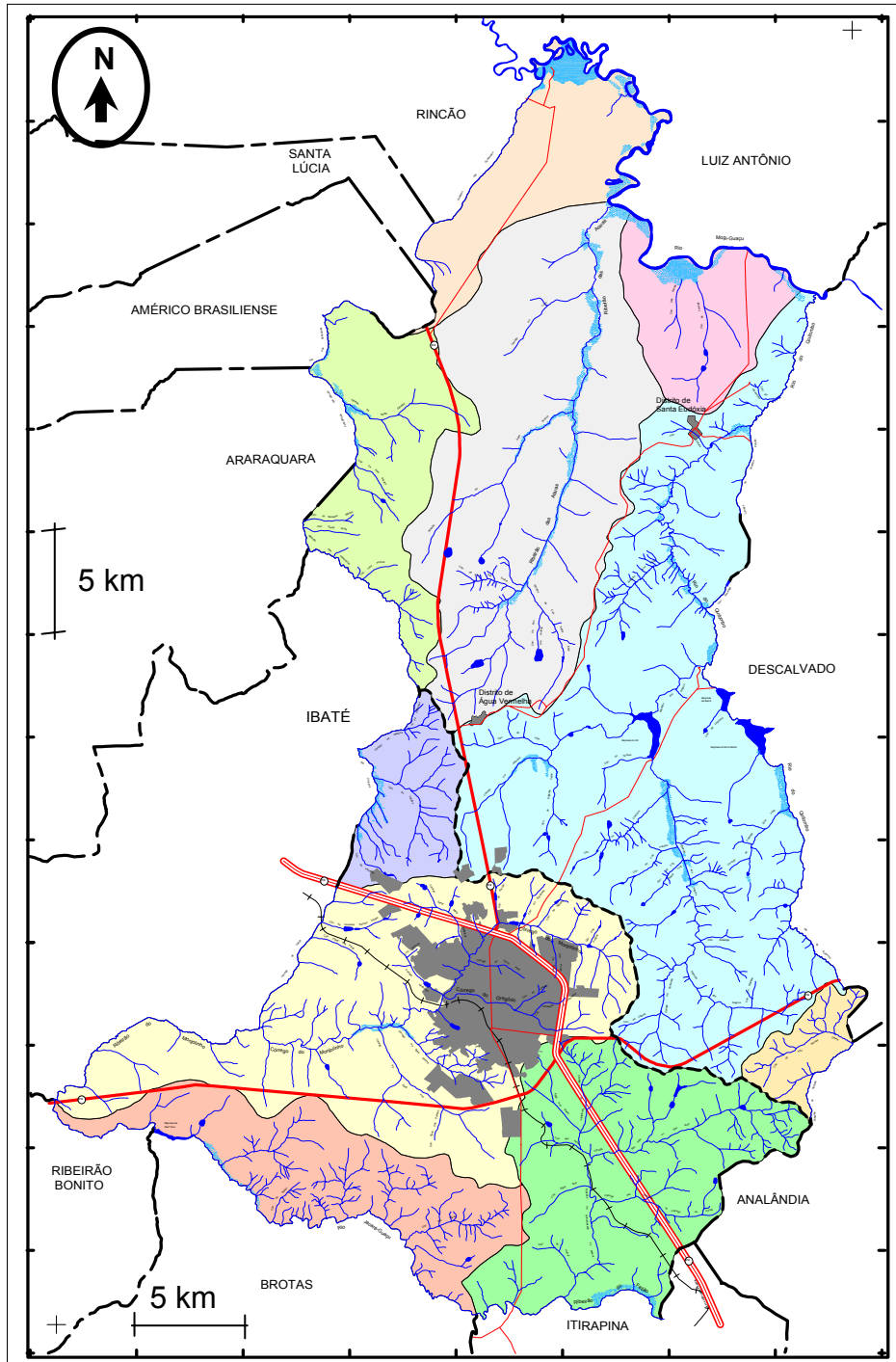


Figura 2.2.2 – Limites do município de São Carlos, área urbanizada, rede hidrográfica e sub-bacias.

Fonte: Prefeitura Municipal de São Carlos

O clima da região é ameno com transição de tropical quente com inverno seco e verão chuvoso para tropical com verão seco e inverno úmido (TOLENTINO, 1967). A temperatura média anual é de 21,3 °C e a precipitação pluviométrica média anual é de 1468 mm com predominância de chuvas de novembro a fevereiro. A umidade relativa do ar é de 66%. É comum a presença de geadas uma ou duas vezes por ano durante o inverno, principalmente nas partes mais altas. Os ventos predominantes são de nordeste, seguidos aqueles de sudeste (EMBRAPA - CCPSE, 1999).

Devido à localização do município de São Carlos no contexto da Bacia do Paraná, aí afloram formações geológicas caracterizadas por: formação Botucatu, formação Pirambóia, formação Serra Geral, formação Bauru, e Sedimentos Cenozóicos. Segundo BJORNBERG e TOLENTINO (1959), de maneira geral, as características geológicas da região de São Carlos apresentam nas cotas mais elevadas do Planalto São Carlos e de toda a chamada serra do Cuzcuzeiro, o arenito da formação Bauru. Os fundos de vale dos rios de planalto e as extensas áreas a leste e a oeste são ocupados por basalto da formação Serra Geral e, abaixo, os arenitos da formação Botucatu e Pirambóia.

Segundo Santos et. al. (2004, p. 671), apenas 14,4% da área total do município está ocupada com a vegetação natural que, consiste basicamente de vegetação baixa e tortuosa sobre os solos arenosos denominada de “cerrado” e nos solos mais ricos em nutrientes, vegetação florestal formada por matas estacionais semidecíduas e matas ribeirinhas.

Num período de 35 anos verificou-se considerável crescimento demográfico, com aumento da população em aproximadamente 2,4 vezes, já que em 1970 era de 85.425 habitantes. Sob esse aspecto, Cavalheiro (1991, p. 88) cita que, juntamente com aumento da população sancarlense, houve um acréscimo de seus problemas ambientais.

De um total de 1.141km² de área, o município conta com 70 km² de área urbanizada. Sua população foi estimada em aproximadamente 214.786 habitantes, dos quais 95% se concentram na área urbana (204.046 hab.) e 5% somam a população rural (10.740 hab.), segundo projeção do IBGE para o ano de 2005 com base no Censo realizado no ano de 2000 e contagens posteriores.

2.2.1. Breve histórico da urbanização

O conhecimento sobre o processo histórico de ocupação de espaços e urbanização do município de São Carlos, desde sua fundação até o presente, constitui base para a compreensão adequada das relações entre a dinâmica socioeconômica de transformação do território e das condições ambientais vigentes na cidade. Por meio dessa síntese procura-se associar lugares e hábitos, contidos no repertório cultural dos moradores, para definição – tema deste trabalho – do elenco de aspectos relacionados ao grau de satisfação da população do bairro Antenor Garcia.

O burgo carlopolitano, finalmente denominado de cidade de São Carlos, à margem do “picadão” de Cuiabá; teve sua data de fundação oficializada 100 anos depois, somente em 4 de novembro de 1857, com a inauguração da Capela da matriz⁷. Seu processo de formação, por volta de 1800, deu-se a partir da conjunção de três sesmarias: do Monjolinho, do Pinhal e do Quilombo, e a expulsão dos índios da tribo Guaianazes que, em suas andanças nômades, foram os primeiros habitantes dessa região, originalmente conhecida como “campos ou sertões de Araraquara”. Refere-se a essas tribos indígenas o fato de terem sido plantados pinheiros que existiam nas proximidades da estação Conde do Pinhal, os quais teriam dado o nome de Pinhal à sesmaria, e posteriormente o primeiro nome para a povoação fundada em suas terras: São Carlos do Pinhal (CASTRO, 1916).

Posteriormente, a denominação da comarca, município e districto de paz de São Carlos do Pinhal foi mudada para a de São Carlos pela lei n. 1158, de 26 de dezembro de 1908.

Antes, a rota do ciclo do ouro (picadão) penetrava ao sul da área urbana da cidade de São Carlos, seguindo em direção norte, paralelo à margem esquerda do córrego Monjolinho até sua cabeceira, seguindo a oeste na direção da atual cidade de Araraquara (KONDOR, 2001, p.97). Este ponto de passagem, beneficiava a figura do tropeiro bem como dos contrabandistas de ouro⁸ – um dos símbolos do

⁷ NEVES, Ary Pinto. Entrevista concedida a Waldir Gaspar em 29 fev.1996.

⁸ BRANDÃO, Marco Antonio Leite. Entrevista concedida a Waldir Gaspar em 27 jul. /2005. fita cassete sonora (60 min).

brasão da cidade de São Carlos é uma montanha de ouro –, que o utilizavam como ponto de parada para abastecimento e estrebaria.

A doação de terra de políticos e fazendeiros da época foi imperativa para a expansão do núcleo urbano, que em 1858 contava com sete quarteirões localizados ao sul do pátio da matriz e um desenho urbano na forma de tabuleiro de xadrez.

Quem dirigiu a formação deste município foram membros da família Arruda Botelho, talvez a mais rica do Brasil da época⁹, participando de diversas fases da economia que retrataram ou “serviram de reflexo” para todo o estado brasileiro, como os ciclos da (i)cana-de-açúcar desde seu fornecimento para a Guerra do Paraguai por meio de lingotes de rapadura; do (ii)gado, com o pastoreio principalmente em solos menos férteis e do (iii)café, chegando a ostentar a fama de principal nicho paulista. Em todas as fases esteve presente o negro escravo que, independente de questões étnicas e raciais, sua introdução na região muito se assemelha à trajetória de vida da população que hoje reside nos bairros situados ao sul e sudoeste do município (Loteamento Antenor Garcia, Bairro Presidente Collor, Bairro Cidade Araci, etc).

A região que poeticamente o historiador Ary Pinto das Neves denominou como “*cidade do sol*”, para lembrar as bordas do planalto ocidental paulista como “[...] último contraforte da larga rechã arenítico-basáltica meridional [...]” é a reserva aquífera do arenito guarani. O historiador comenta ainda que “[...] as terras são-carlenses debruçam-se em linha de escarpas sinuosas, fendidas às vezes pelos cursos d’água que descem para a depressão periférica circundante [...]seus fronts escarpados, voltados para sudeste, formando curiosas figuras geológicas, mesas, piões e cuscuzeiros, que os modernos geógrafos denominam morros testemunhos, silentes sentinelas a contrastar vivamente com as áreas em torno.” (NEVES, 1983 p.01).

A dinâmica da urbanização da cidade foi determinada pelo predomínio da economia cafeeira e, assim, o processo de produção do “ambiente construído” era o espelho da acumulação de capital engendrado no café; capital que só era investido nas cidades, porque elas se constituíam também como espaços privilegiados de reprodução desse capital (DEVESCOVI, 1983, p.58).

⁹ Id, 27 jul. 2005.

Foi com o cultivo do café, mas principalmente as características pedológicas propícias para seu cultivo que o fazendeiro tornou-se barão, criando uma imagem meio urbana, meio rural, tendo como um dos resultados marcantes a arquitetura colonial típica de sua época.

Segundo o historiador Marco Antonio Leite Brandão, em 1820, 1830 e 1840 a igreja registrou (batizou) os primeiros grandes grupos de escravos na região de São Carlos, provenientes da região africana do Congo. Numa segunda fase, em consequência ao novo “boom” do café (1860), após a Lei Eusébio de Queirós, o município passou a receber escravos e filhos de escravos do Maranhão e interior da Bahia.

Quando D. Pedro II visitou São Carlos em 1886, logo após a inauguração da ferrovia em 1884, a região possuía uma das maiores taxas (25%) de escravos do país, mais precisamente, segundo o relatório do presidente da província de São Carlos, 3.880 negros, para uma população total de aproximadamente 16.000 habitantes¹⁰.

Apesar da elite local não contar com nomes expressivos de abolicionistas, após sua assinatura, em 1888, o que se verifica é que a população negra que até então era essencialmente rural, passou a agrupar-se em núcleos urbanos. O próprio fundador da cidade – Conde do Pinhal – por advertência do filho que estudava na França, desde 1886/1887 passou a assalariar o trabalho de seus escravos em sua fazenda.

Entretanto, a elite “escravocrata” preferia o escravo (entre 1876 e 1881 investiu-se grande fortuna na aquisição de aproximadamente 1 escravo por dia, chegando perto de 2000 escravos) ao imigrante, o avanço da ferrovia auxiliou as pressões do mercado internacional contra a escravidão. À medida que o negro escravo era enviado cada vez mais para o interior do estado, pois seu preço subiu muito após a assinatura da Lei do Ventre Livre (1850), sua mão de obra era substituída pela do imigrante.

Após a abolição e o início do processo de contratação do negro, houve a necessidade, por parte dos barões do café, de “esquecer e apagar a imagem” da escravidão em suas terras. Paralelamente, a elite cafeeira precisou adaptar-se com

¹⁰ Id, 27 jul. 2005

a substituição do capital escravo para a valoração da terra, da produção e do trabalho.

Quanto à formação dos bairros, Neves (1984, p. 36) observa que, “[...] em 1891, a cidade comportava três bairros (Santa Cruz, Estação e Matriz), os quais foram se conformando segundo a inserção de classe de população que aí se instalava.”

Com o processo de instalação da ferrovia (1893) e a implantação do bairro operário da Vila Prado, observa-se a expansão da cidade na direção sul. Bairros como Vila Nery no quadrante leste da cidade, Vila Izabel, próximo ao Picadão de Cuiabá, ocupado por negros advindos da Fazenda Pinhal, e Vila Pureza, situado na região oeste, direcionaram a expansão da cidade no sentido leste e oeste.

Todos os loteamentos eram distantes da região central, caracterizando bolsões intermediários de baixa densidade populacional.

Entre 1886 e 1930 vieram para residir em São Carlos cerca de 30 mil imigrantes, sendo, em grande maioria (entre 18 e 20 mil) italianos. Nos primeiros anos do século XX, vieram muitos espanhóis e poloneses.

São Carlos teve importância muito grande no processo de industrialização do estado de São Paulo no século XX. Devido ao seu pioneirismo (comparando-se toda a América Latina) na produção de energia elétrica e uma legislação municipal incentivando a aquisição de terras para implantação de indústrias.

Inicialmente, com capital estritamente próprio dos imigrantes é que o município entra no processo da industrialização.

Posteriormente, por meio da política de liberação de capital oficial de estado, a Família Pereira Lopes implantou as primeiras indústrias voltadas para linha de produção em massa (geladeiras e tratores), atraindo mão de obra de outras regiões do estado. Com o processo de industrialização em curso no início do século XX e o crescente aumento populacional assiste-se ao processo de transformação da cidade, com a implantação de outros bolsões periféricos diversos e seus problemas associados. A necessidade por habitação dessa classe operária fomentou na burguesia industrial, investimentos em moradias de aluguel relativamente próximas aos estabelecimentos industriais.

A partir de 1930, a Companhia da Agricultura, Imigração e Colonização (CAIC) adquiriu grandes extensões de terras no entorno do município de São Carlos (parte

loteado e parte destinado para plantação de eucalipto), orientando o crescimento da cidade. Devescovi (1985, p.80) comenta que o desemprego era a preocupação mais evidente no final da década de 1930.

Contrariamente a outros municípios, observa-se que após o declínio da cafeicultura, São Carlos voltou-se à atividade pecuária, e não para a agricultura. Sob esse aspecto Dozena (2001, p.98) comenta que talvez seja “[...] condição responsável pelo fato de que o fenômeno do ‘bóia-fria’ (os trabalhadores volantes na agricultura) não atingisse proporções significativas em São Carlos, pelo menos até o final da década de 1960, quando em outros municípios ele já vinha ocorrendo desde a primeira metade dessa década.”

Em seguida, após 1940, foram implantados vários loteamentos mais afastados para a população de baixa renda de forma precária, destituídos de infraestrutura mínima e serviços. O processo de construção da moradia nesses bairros assumiu uma nova configuração, passando a ser pelo processo da auto-construção.

Devido à fase de transição da economia agro-exportadora para urbano-industrial, conforme comentado anteriormente, os novos “capitalistas industriais” foram os responsáveis pela forma de ocupação da malha urbana e características de moradia (DEVESCOVI 1983, p.241). Dessa maneira, a distribuição de bens e serviços e a implantação de infra-estrutura de então girava em torno da capacidade monetária e aquisitiva dos consumidores reais ou potenciais.

A área central do município sofreu uma mudança de uso, passando de espaço exclusivo de moradia dos senhores do café para abrigar atividades comerciais, financeiras e de prestação de serviços, juntamente com moradia da população de estrato social médio. “A burguesia local desloca-se para alguns bolsões residenciais próximos à zona central e nas imediações da Santa Casa (zona oeste), ocupando também os loteamentos da Vila Elizabeth (1949) e da Estância Suíça (1957)” (KONDOR, 2001, p.102).

Sob o aspecto político após 1970, São Carlos sofreu as conseqüências por não ter optado por uma cultura de racionalização e de separação entre aspectos público e privado, gerando políticas populistas que possibilitaram a especulação imobiliária pela ocupação (implantação) de forma indiscriminada de loteamentos periféricos com conseqüentes agressões ambientais.

Em 31 anos, a área urbanizada do município cresceu 4,26 vezes, passando de 24,12 km² (1970) para 102,89 km² (2001). Sua população, que era de 120 mil habitantes em 1970, passou para 193 mil habitantes em 2001 (GASPAR, 2002). Um dos fatores que contribuíram para o aumento dessa população urbana foi, em parte, o êxodo dos trabalhadores rurais das lavouras do estado do Paraná com o conseqüente afluxo desses trabalhadores para as áreas periféricas principalmente na porção sul do município de São Carlos.

De certa forma, esta região está sofrendo as maiores conseqüências com os diferentes processos de modificação de seu uso, podendo ser exemplificada por três aspectos: a anuência dos órgãos governamentais quanto à implantação de um distrito industrial exatamente na área de proteção ambiental do aquífero guarani, a implantação de empresas de mineração de areia com grande poder de degradação (ambiental, visual, potencial turístico, etc), e os loteamentos em áreas arenosas para esses grupos populacionais que passam a ser herdeiros de todas as seqüelas do descaso ambiental.

Para Gaspar (2000), a degradação ambiental e o processo de implantação desorientada de loteamentos (notadamente os destinados à população de baixa renda) são temas complementares, particularmente devido à desorientação técnica dos empreendedores (ou, na pior das hipóteses, devido à “desvios de conduta” por parte destes).

Foi nesse período que se pode verificar a consolidação do processo de segregação/exclusão social por meio da especulação imobiliária, que resultou na implantação desses diversos bairros periféricos. Dentre eles, figuram-se os moradores do loteamento Antenor Garcia que é o objeto deste estudo.

2.2.2. Descrição do bairro Antenor Garcia

Neste capítulo, apresentam-se algumas características que se mostram pertinentes para a correta interpretação do estudo.

O bairro Antenor Garcia – nome do pai do dono das terras onde o bairro foi implantado –, com aproximadamente 32 ha, situa-se no extremo mais distante do centro da cidade de São Carlos (Figura 2.2.2.1).

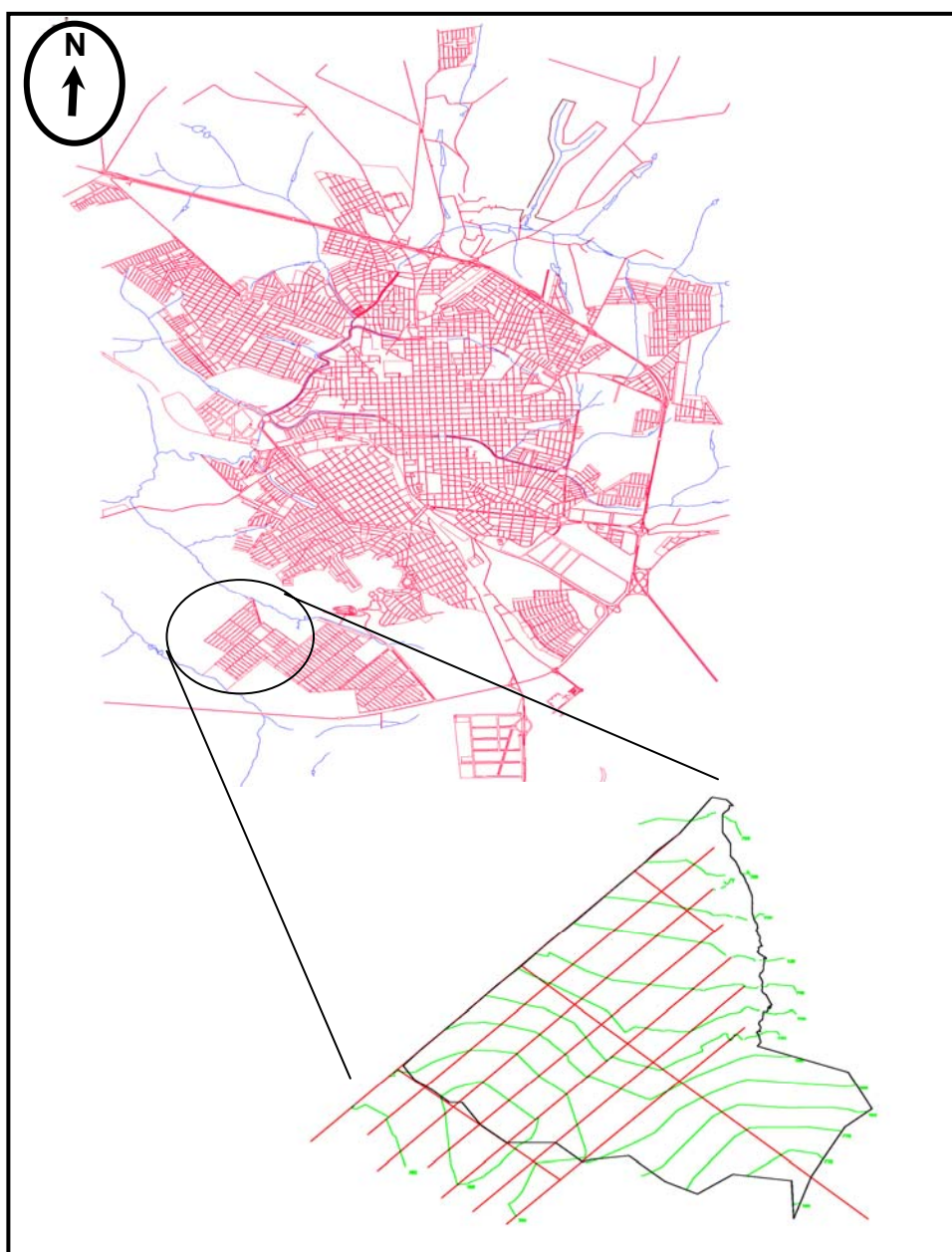


Figura 2.2.2.1 – Mapa de São Carlos situando o bairro Antenor Garcia (sem escala).

Fonte: Gaspar (2000, p. 78)

O bairro foi implantado sobre um material inconsolidado proveniente da decomposição do Arenito, em topografias variáveis de encostas, desde superfície plana horizontal até terrenos de médio declive, gerando sérios problemas erosivos locais (Figura 2.2.2.2).



Figura 2.2.2.2 – Panorâmica do bairro Antenor Garcia. Em detalhe erosão devido às chuvas de 1999.

Fonte: o autor (fev. 1999).

A região teve um processo mais intenso de ocupação a partir de 1980, sem nenhuma infra-estrutura instalada, com a distribuição de 30% de seus lotes. Observa-se que neste processo de “doação”, para cada lote doado, intermeávam-se dois lotes vazios. O processo se deu com a chegada de agricultores (cortadores de cana-de-açúcar, apanhadores de laranja e catadores de frango empregados durante a safra), basicamente de origem paranaense ou paulista, instalados em pequenas moradias construídas pelo processo de mutirão e, paulatinamente, perdendo seu vínculo com o campo, principalmente devido à mecanização da lavoura e à conseqüente falta de emprego.

A análise sócio-econômica demonstra a instalação de uma população de baixíssima renda, com habitações em situação precária, carente de serviços e infra-estrutura, como rede de esgoto, rede de água, coleta de lixo, iluminação, pavimentação, drenagem. A maioria das construções é de alvenaria de tijolo baiano (oito furos) sem reboco e algumas são barracos de madeira, visivelmente precários (Figura 2.2.2.3).



Figura 2.2.2.3 – Habitação característica do bairro Antenor Garcia.

Fonte: o autor (nov. 2006).

Parte dessa população periférica vive em condições de extrema pobreza, com crianças trabalhando/brincando em depósitos de entulho, onde se concentra o maior índice de portadores de HIV, bem como de gravidez precoce ou de criminalidade e, o que é mais constrangedor, são esses os aspectos utilizados pela mídia de maneira inadequada no sentido de depreciar a reputação do bairro (GASPAR; SANTOS, 2006, p.3).

De certa forma, a população é composta por pessoas sem qualificação profissional, com baixo grau de escolaridade e com núcleos familiares de dois a três filhos que passaram a buscar trabalho nos centros urbanos.

Em março de 2006, de um total de 1.600 lotes de (6 x 25)m, 64% estavam ocupados, abrigando 5.760 habitantes. A densidade populacional na época, considerando-se apenas os lotes ocupados era de 375 hab/ha, portanto de alta densidade.

A Figura 2.2.2.4 apresenta a distribuição por faixa etária dos moradores do bairro.

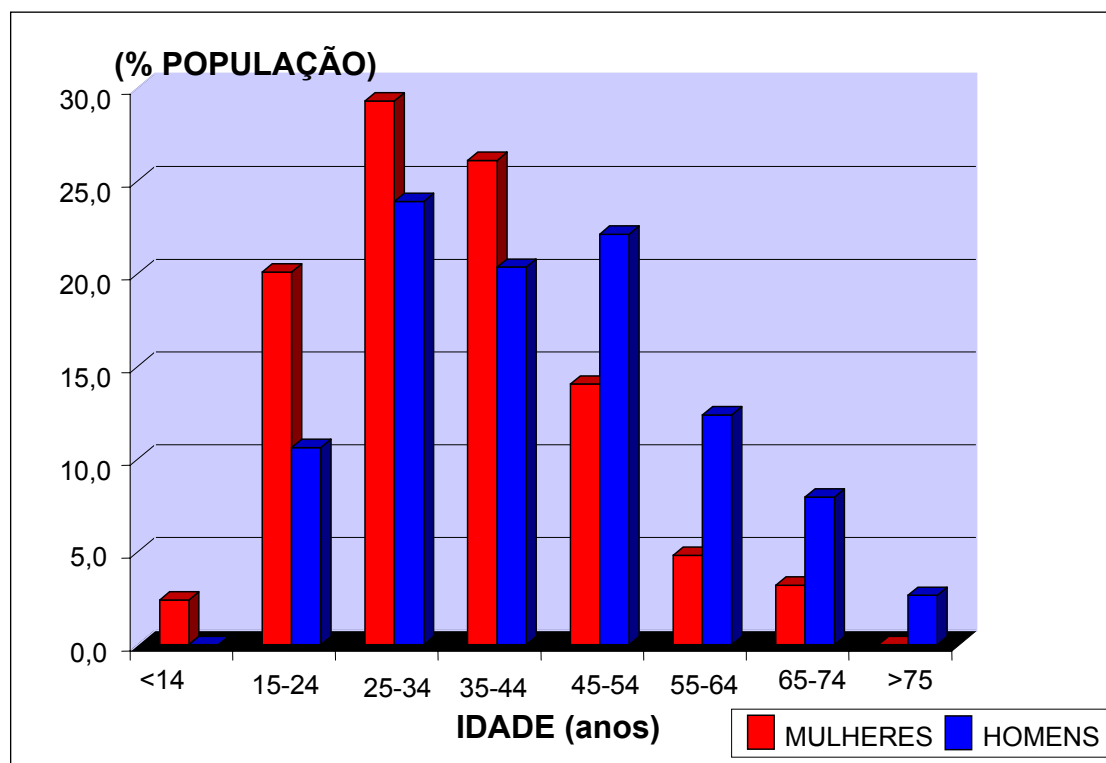


Figura 2.2.2.4 – Faixa etária dos moradores do bairro Antenor Garcia em março de 2006.

Org: o autor (mar. 2006)

A figura 2.2.2.5 apresenta a divisão por faixa etária do total de analfabetos dentre os 362 questionários aplicados no bairro Antenor Garcia, resultando em 16,35% da população.

Observou-se que em março de 2006 o bairro possuía quarenta e seis bares e armazéns, resultando numa média de um bar para cada cento e vinte e cinco habitantes ou vinte e dois lotes ocupados.

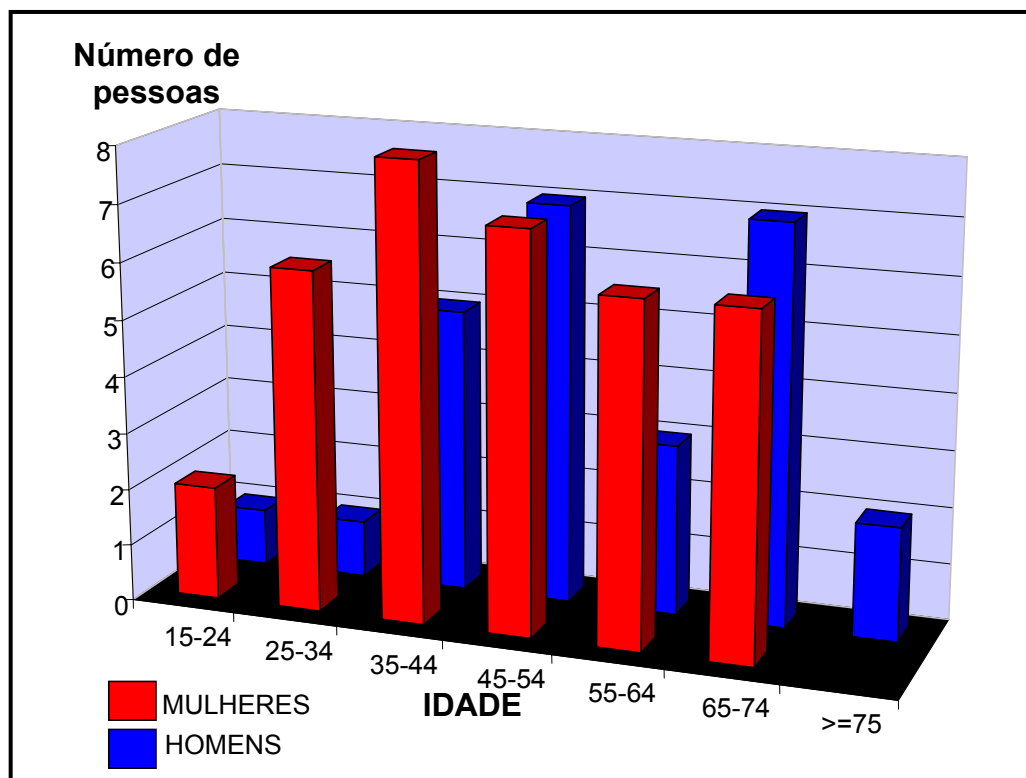


Figura 2.2.2.5 – Analfabetismo por idade e sexo em números absolutos observados em 362 moradores do bairro Antenor Garcia em março de 2006.

Org: o autor (mar. 2006)

Verificou-se também, o grande número de igrejas e templos (17), realçando o misticismo, a necessidade de exercitar uma religiosidade (Quadro 2.2.2.1).

Quadro 2.2.2.1 – Categorização dos moradores do bairro Antenor Garcia por preferência religiosa.

Preferência religiosa	moradores	%
Católicos	146	40,3
Evangélicos	108	29,9
Ausência de doutrina	93	25,7
Outras	8	2,2
Não sabe	7	1,9
Total	362	100,0

Org: o autor (set. 2004)

A contagem da vegetação arbórea/arbustiva presente ao longo das calçadas em novembro de 2003 apresentou 779 árvores, quase que em sua totalidade da espécie *Bauhinia forficata* (pata-de-vaca), observando-se 350 árvores/ha de calçada.

Numa escala menor, a vegetação, pouco presente na área de estudo, é formada por campo de cerrado e cerrado, apresentando desde árvores de porte médio, com cerca de 4m de altura, até pequenos arbustos. Seus galhos são retorcidos e a vegetação herbácea, entre as árvores, ficando seca na época de menor precipitação, propiciando focos de incêndios (Figura 2.2.2.6).

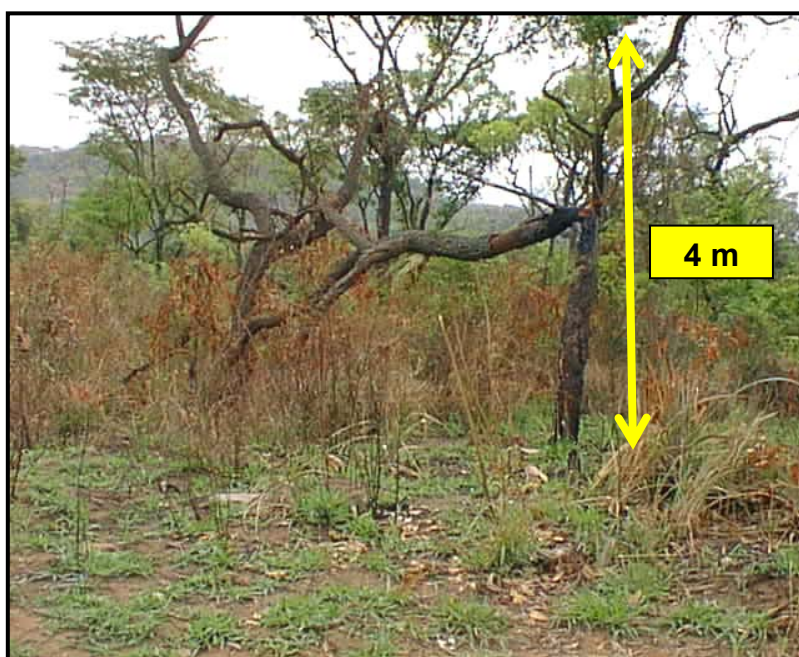


Figura 2.2.2.6 – Aspecto da vegetação de campo de cerrado na área do bairro Antenor Garcia (detalhe de árvore atingida por raio).

Fonte: o autor (jan. 2004)

Em visita feita à área ao longo do córrego Água Quente, ainda se encontra presente a vegetação ribeirinha, vegetação esta ausente em alguns locais devido à implantação do bairro, conforme mostra a Figura 2.2.2.7.



Figura 2.2.2.7 – Vista aérea mostrando mata ripária ao longo do córrego da Água Quente (à esquerda) e bairro Antenor Garcia (à direita).

Fonte: o autor (abr. 2001)

3. EMBASAMENTO TEÓRICO

Face ao crescimento urbano exacerbado, e tendo como referência os pressupostos da sustentabilidade¹¹, hoje em dia considerados incontornáveis, devido à necessidade de evoluir para um quadro de qualidade de vida urbana aceitável e em harmonia com as expectativas da população, observa-se que os indicadores sociais e as metodologias para sua formulação voltaram a integrar a agenda das ciências sociais e a preocupação dos administradores públicos.

O interesse manifestado internacionalmente pela problemática da sustentabilidade ou das regiões sustentáveis, tem subjacente a necessidade de desenvolver sistemas de medição dos parâmetros de qualidade de vida dos moradores dessas regiões.

Este conceito não pode ser aplicado de forma restrita a unidades geográficas isoladas como cidades, por exemplo, já que, sob o aspecto ambiental, para ‘sustentar’ uma cidade, muitas vezes fornecendo recursos e recebendo resíduos, sua abrangência é bem maior que aquela que suas fronteiras definem (RESS, 1992).

Entretanto, restringindo-se ao aspecto da urbanidade¹², verifica-se que a densidade populacional, principalmente nos países em desenvolvimento, propiciou o acúmulo de uma superpopulação marginal, que, mesmo deixados à revelia, “[...] se viram muito ocupados com os problemas prementes que diziam respeito à sua sobrevivência [...]” e, de certa forma, aqueles que preferiram migrar para cidades grandes “[...] tiveram de enfrentar como puderam a necessidade de inventar empregos, lugares de moradia, transporte, saneamento, opções de lazer. Não se saíram tão mal: mantiveram vivas as áreas centrais, desprezados por ocupantes anteriores; construíram, de qualquer maneira, favelas em sítios impossíveis e proibidos; foram para periferias e para cidades-novas e frentes pioneiras.” (SANTOS, 1988, p. 16).

Este fato é definido por Lefebvre em seu estudo no âmbito do planejamento urbano como, a “produção de espaços urbanos”, em que, faz a distinção entre

¹¹ De acordo com o conceito generalizado de sustentabilidade, o desenvolvimento deve viabilizar soluções para os problemas presentes da população sem comprometer a capacidade das gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades. Comissão Mundial de Desenvolvimento do Meio Ambiente - WCED (1987).

¹² Segundo dicionário Aurélio é a qualidade daquele que vive no ambiente urbano – cidade.

“natureza primeira” como a base geográfica, locus ou aspecto fundamental intocado da natureza, e “natureza segunda” sendo a re-elaboração da natureza por meio do trabalho ou conseqüência de sua prática social (LEFÈBVRE, 1974).

O aspecto marcante dessa “produção de espaços urbanos” é a segregação social que se apresenta principalmente na ocupação desses espaços urbanos, relegando às camadas menos favorecidas da população os espaços mais afastados da integração urbana.

Santos (1996, p. 44) comenta que este fato não é exclusividade dos cidadãos brasileiros, mas guardadas as devidas proporções referente às variáveis que a integram, encontram equivalência em diversos países do mundo.

Ainda sob o aspecto da dinâmica de produção de espaços periféricos que, segundo Kurz (2001, p.14), por vezes, confunde-se com a dinâmica de produção de bens de consumo, o autor comenta que existe um marcante processo de estratificação social, e conclui observando que o processo de ocupação urbano periférico não se limita a intervir na natureza, porém, prefere, por vezes, “produzir outra natureza”, na ânsia de se emancipar plenamente da mesma.

Sobre esse aspecto, em sua crítica cronológica sobre o caráter destrutivo do complexo econômico-científico mundial, Robert Kurz ressalta que até meados do século XX, a humanidade limitou-se a consumir a matéria existente na natureza cujo caráter destrutivo “não era mais que um efeito secundário e indireto”. Após a Segunda Guerra Mundial, quando a cultura da combustão capitalista ameaçava extinguir as reservas naturais, a energia atômica assumiu o aspecto de produtor de “outra natureza”, visando se “emancipar plenamente da natureza”. Essa mesma lógica referente à base energética revela-se no plano da transformação de matérias-primas, onde o emprego tecnológico da ciência no espaço econômico do capital concentrou-se nas transformações físicas e químicas da produção industrial. No ‘agrobusiness’ da agronomia, passa a imperar o padrão industrial da linha de montagem, com a produção de material biológico incidindo diretamente na produção de animais e plantas (KURZ, 2001, op. cit, p.15).

Complementando o aspecto da produção de outra natureza, o autor observa ainda que na terceira revolução industrial – da microeletrônica – o consumo industrial de matéria inorgânica se esgotou como suporte de crescimento econômico: “[...] a natureza orgânica, a própria vida, deve ser decomposta em seus elementos

constitutivos e transformada para criar uma "outra biologia", independente da evolução natural terrestre”.

Bernardes (2003, p. 25) aborda a questão da produção de espaços salientando que o incremento técnico acumulativo vem intensificando o domínio sobre a natureza, “[...] o que nos permite observar a substituição das restrições naturais pelas restrições impostas pelo espaço modificado, eliminando qualquer afirmação sobre determinismo geográfico.”

Qual a dinâmica da população diante da transformação do espaço?

Neste processo de desequilíbrio, a população suburbana eclode, modificando o espaço, ampliando a assimetria da pobreza e exclusão social, ressaltando características de integração com a cidade formal e de insustentabilidade urbana¹³.

Essa aglomeração urbana se reflete na oferta de serviços, de empregos e qualidade de vida piorando o quadro de integração destas comunidades às regras de nossa sociedade de consumo.

Mais que simplesmente um fenômeno demográfico, a rápida urbanização é um dos processos que mais afetam as metrópoles de países em desenvolvimento. O resultado é uma transformação radical na estrutura das cidades, acompanhada de complexas mudanças sociais, econômicas e ambientais.

Sobre esse aspecto, urbanistas de cunho modernista apregoam a valorização do espaço verde, porém, consideram o ambiente natural um “estorvo” (sic) a ser vencido (FRANCO, 1997 p.36).

Compactuando dessa idéia, Le Corbusier, quando faz menção sobre a seqüência e a ordem no eixo de referência no projeto urbanista comenta: “... a casa, a rua, a cidade são pontos de aplicação do trabalho humano,... caso estejam em desordem, nos travam, como nos trava a natureza, ambiente que combatemos todos os dias...” (FRANCO, op. cit., p.40).

¹³ Urbanização sustentável é um processo contínuo, dinâmico e multi-dimensional, pois engloba questões não só ambientais, mas também aspectos da sustentabilidade social, econômica e político-institucional. Objetiva satisfazer características urbanas e rurais, admitindo os processos de migração e crescimento urbano. Deve balizar o relacionamento do ser humano em vários níveis: desde local, estendendo sua influência nas questões metropolitanas, regionais, nacionais e globais. As políticas devem observar as relações econômicas e a dependência entre cidades e zona rural, e inserir a realidade do crescimento urbano, da migração e das necessidades humanas objetivas na administração dos processos. (WUF, 2002).

Ao longo de todo o século XX, o Brasil produziu um continuado processo de êxodo de sua população do campo para a cidade. A razão de urbanização da população brasileira em 1940 era de 31,2%. Em 1980, este índice já alcançava 67,6%, atingindo em 2000, 81,2%. Este processo igualmente se faria acompanhar por um processo intensivo de metropolitanização da população brasileira.

O Quadro 3.2 apresenta os dados de Evolução da Taxa de Crescimento e Razão de Urbanização da População Brasileira ente os anos de 1991 e 2000.

Observa-se que entre o ano 1991 e o ano de 2000, a população brasileira residente em cidades cresceu 24,3%, sendo que na região Norte este aumento relativo chegou a 52,2%. Já a população concentrada no meio rural, no mesmo período experimentou um declínio de 11,1% em todo o país, sendo que na região Sul este declínio foi de 16,4%. Deste modo, a razão de urbanização da população brasileira, no mesmo período, passou de 75,6% para 81,2%.

Criam-se assim, nas palavras de Milton Santos os “novos urbanos”, ou o bóia-fria que vive na cidade, que “...muito raramente tem acesso ou participa dos documentos finais, e ainda muito menos aos documentos de base que embasam o planejamento do bairro onde vivem.” (SANTOS, 1996, p. 86).

A pauperização dessas populações como fruto de alteração de processos de sistemas tradicionais de manejo ou políticas de produção, tem levado muitos moradores a buscarem novas alternativas de sustento, engrossando o estrato social inferior periférico urbano.

Sobre esse assunto, o estudo efetuado pela economista Sônia Rocha divulgado pela Folha de São Paulo¹⁴ revela, com base nos dados da PNAD - 2005 (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), que a pobreza e a indigência no Brasil são crescentemente fenômenos urbanos, mais especificamente de bairros periféricos de cidades fora da influência das metrópoles.

No mesmo artigo, o jornal Folha de São Paulo comenta o estudo promovido pelo CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), indicando que no período entre 1995 e 2004 aumentou a dependência dos cidadãos brasileiros aos programas sociais do governo (bolsa-família; vale-gás; vale-leite; entre outros).

¹⁴ ROCHA, S. Queda da pobreza é maior no campo que nas cidades. Folha de São Paulo, São Paulo, p. A4, 1 de jan. 2006.

Quadro 3.2 – Dados da Taxa de Crescimento e Razão de Urbanização da População Brasileira, 1991-2000.

Grandes Regiões	Taxa de Crescimento da População			Razão de Urbanização da População	
	Total, 1991-2000	Urbana 1991-2000	Rural 1991-2000	Urbana 1991	Urbana 2000
Brasil	15,6%	24,3%	-11,1%	75,6%	81,2%
Norte	28,6%	52,2%	-5,4%	59,0%	69,9%
Nordeste	12,3%	27,9%	-11,7%	60,7%	69,1%
Sudeste	15,4%	18,7%	-8,7%	88,0%	90,5%
Sul	13,5%	23,9%	-16,4%	74,1%	80,9%
Centro-Oeste	23,4%	31,7%	-12,5%	81,3%	86,7%

Fonte: Modificado de Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil, baseado no Censo Demográfico 1991 e 2000

Na visão de Cândido (1964, p.19), populações com modo de vida tradicional, “[...] de regiões do interior Paulista, marcadas pela estreita ligação das representações simbólicas e religiosas com a vida agrícola e aspectos da natureza [...]” são, por necessidade de sobrevivência, “[...] obrigados a se deslocarem para áreas de maior sustento.”

“Toda representação é uma imagem, um simulacro do mundo a partir de um sistema de signos, ou seja, em última ou em primeira instância, toda representação é um gesto que codifica o universo [...]” embora, nessa representação, “[...] conserve sempre, no horizonte da sua expectativa, o desejo de esgotá-lo.” (FERRARA, 1997, p.12)

Leff (2002, p. 159) abordando sobre a necessidade de utilizar conceitos interdisciplinares na busca da construção de uma realidade homogênea, porém multifacetada, comenta que: “[...] o questionamento inquisidor sobre o contexto urbano a partir do olhar externo e estranho de outra pessoa [...]”, revelando os efeitos que os símbolos produzem no cotidiano transformando a realidade, “[...] pode levantar alguns problemas teóricos e gerar um processo de assimilação de novos conceitos e metodologias de pesquisa [...]”

Sobre as representações simbólicas, Eliade comenta:

[...] não é uma área exclusiva da criança, do poeta ou do desequilibrado; ela é consubstancial ao ser humano; precede a linguagem e a razão discursiva. O símbolo revela certos aspectos da realidade – os mais profundos – que desafia qualquer outro meio de conhecimento. As imagens, os símbolos e os mitos não são criações irresponsáveis da psique; elas respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser (ELIADE, 1991, p.10).

3.1. SÍMBOLO NOVO PARA O CIDADÃO DA PERIFERIA

A palavra "SÍMBOLO" origina-se do grego *symbolon*, um sinal de reconhecimento. Na Grécia antiga, quando dois amigos se separavam, quebravam uma moeda, um pequeno prato de argila, um anel, ou ainda a metade de uma concha de madrepérola.

Quando o amigo ou alguém de sua família voltava, tinha de apresentar sua metade. Caso ela combinasse com a outra metade, esse alguém teria revelado sua identidade de amigo e tinha, assim, direito à hospitalidade (DURAND, 1988, p. 45).

Diegues (2002, p. 62), comentando sobre os caiçaras do litoral sul amazonense, onde o sincretismo religioso, no qual o elemento católico tradicional era fundamental para o seu modo de vida, está sofrendo alterações em seu campo simbólico. O contato mais estreito entre a maioria das comunidades tradicionais caiçaras e o mundo urbano-capitalista, juntamente com a substituição crescente do catolicismo sincrético pelo protestantismo fundamentalista são elementos desintegradores do pensamento simbólico e mítico.

Historicamente, outro fato que consubstancia a modificação do conceito de símbolo é a consolidação da palavra impressa em substituição ao texto não escrito, com maior divulgação à partir da invenção da imprensa por Johann Gutemberg em 1450.

Apesar do ser humano buscar seus símbolos – gradativamente com menos intensidade – assimilados no passado, paulatinamente a maneira de pensar passa a agregar outros símbolos, necessários para a caracterização com o novo modo de vida.

Exemplificando esse aspecto, a citação seguinte apresenta a postura autoritária dos órgãos de conservação em relação à transferência dos caiçaras de suas moradias “seculares” das Unidades de Conservação, tendo como consequência sua descaracterização sócio-cultural:

Os custos sociais e ambientais dessas posturas têm se revelado inumeráveis; tanto para contribuir com a elevação do quadro de miséria que assola o país, como por destituir as populações de seus bens materiais e simbólicos, levando-as a descaracterização sócio-cultural, e conseqüentemente, a perda para a humanidade de todo um saber patrimonial, acumulado e construído a partir de relações harmoniosas com a natureza (CUNHA, 1993 apud DIEGUES, op. cit., p. 138).

O autor conclui que, apesar do trabalho relatar o efeito da implantação de projetos em unidades de conservação, o fato de não levarem em conta as atividades habituais para sobrevivência dos moradores tradicionais, parte considerável foi obrigada a migrar, engrossando as favelas de inúmeras cidades.

Crespo (2003, p. 65) na busca da compreensão da percepção da natureza e do meio-ambiente, em pesquisa de opinião realizada no Brasil nos anos 1991, 1997 e 2001, intitulada: O que o brasileiro pensa do meio ambiente e do desenvolvimento sustentável, conclui que: O perfil do cidadão menos sensível às questões ambientais tem mais chance de ser mulher, possuir no máximo o curso primário, ter mais de 50 anos e morar no interior ou nas periferias urbanas.

Com relação às vulnerabilidades urbanas (lixo, enchentes, deslizamentos de encostas, assoreamentos, congestionamentos, contaminação de rios e corpos d'água, etc), a pesquisa apresenta como dado interessante que “... cada vez mais os brasileiros identificam no poder local, no bairro o *locus* onde os problemas ambientais devem ser solucionados. A responsabilidade atribuída às prefeituras cresceu de 30% em 1992 para 46% em 2001. A responsabilidade atribuída “a cada um de nós” estacionou em 36% (CRESPO, op. cit., p. 68).

Este raciocínio nos remete ao trabalho sobre Percepção Ambiental desenvolvido por Ferrara (1993) em área urbana onde, ruas, avenidas, praças, edifícios transformam-se em signos ou símbolos que, de certa forma, auxiliam na compreensão do imaginário – contexto urbano. Em sua pesquisa, Lucrecia D'Alessio

Ferrara analisa a percepção ambiental, flagrada por meio dos índices urbanos que povoam as fotos batidas pelos moradores de três bairros da cidade de São Miguel Paulista (SP). Como conclusão aponta que a pesquisa de percepção é capaz de flagrar signos que nos ajudam a ver de outro modo a nossa realidade, e comenta que nos apresenta “uma espécie de alfabetização urbana em que os problemas físicos e estruturais empalidecem ante a urgência de uma ação cultural que se impõe ao desenho urbano e deve vetorizar a intervenção pública”.

A palavra percepção, utilizada nesse contexto pode ser representada pelos símbolos ou mitos que as pessoas têm no imaginário, expressos por suas manifestações. Os símbolos nos encantam pela sua sincronicidade e pela simultaneidade que eles se apresentam; percebemos uma coincidência significativa de acontecimentos com poucas probabilidades de acasos e que curiosamente nos fazem ficar atentos, alertas às nossas atitudes. É com espontaneidade e naturalidade que os símbolos se apresentam mobilizando na psique humana consideráveis revelações de nosso mundo interno.

Usando-se o comentário do arquiteto e urbanista prof. Raymundo De Paschoal¹⁵, procurando correlacionar questões da percepção ambiental com o modo de vida do ser humano; “[...] ninguém melhor que o andarilho urbano que, através de seus símbolos, abordam questões sobre as condições das calçadas da cidade de São Paulo.”

Verifica-se que o enunciado pode ser visto como uma representação visível de um mundo invisível. Observa-se que o interesse qualitativo, principalmente do homem urbano, sobre questões (relações) que envolvam problemas ambientais, passou a ocupar destaque na mídia após a divulgação do relatório mundial sobre o estado do meio ambiente “Nosso Futuro Comum, 1982”. Este relatório, também conhecido como relatório Brundtland consolida uma visão crítica do modelo de desenvolvimento adotado pelos países industrializados e mimetizado pelas nações em desenvolvimento, ressaltando a incompatibilidade entre os padrões de produção e consumo vigentes nos primeiros e o uso racional dos recursos naturais e a capacidade de suporte dos ecossistemas.

¹⁵ Professor do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. Entrevista ago. 2005.

Sobre as conseqüências do desenvolvimento insustentável da natureza, que Robert Kurz¹⁶ prefere chamar de “catástrofes sociais da natureza”, o sociólogo comenta que o repasse dos custos no plano da concorrência, são deslocados para a sociedade inteira, principalmente onerando a natureza e o futuro. “Essa ‘externalização’ dos custos aparece então, de um lado, como poluição do ar e da água, lixiviação e erosão do solo, transformação destruidora das condições climáticas, etc, e de outro como ‘desemprego’ e pobreza.”

3.2. A POBREZA VISTA PELOS POBRES

Assim como a maioria dos países em desenvolvimento, a sociedade brasileira é marcada por grandes contradições no âmbito da exclusão social: analfabetismo, desemprego, pobreza e marginalização, segregação étnica, de portadores de necessidades especiais, de grupos etários e de gênero, distribuição desigual de riquezas entre cidadãos e regiões, violência, etc. São aspectos que retratam as diversas nuances dessa segregação.

Dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2005) quando analisam a distribuição de renda no país mostram que, 10% mais pobre da população brasileira detêm apenas 0,7% da renda nacional, enquanto que os 10% da população mais rica detêm 47% desses recursos.

O Relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2004) apresenta que o trabalho infantil, tanto no mundo como no Brasil, ainda persiste com números alarmantes: De um total estimado de 200 milhões de crianças trabalhando no mundo em várias atividades, a OIT acredita que 10 milhões de crianças trabalhem em funções domésticas. O estudo calcula que, no Brasil, apenas em funções domésticas, trabalhem 559 mil crianças¹⁷.

¹⁶ <http://obeco.planetaclix.pt/rkurz108.htm>. Cons. em 05 fev. 2006.

¹⁷ Um dos problemas mais graves é que, no caso do Brasil, o fenômeno chega a ser visto como algo positivo por famílias que alegam que estão ajudando essas crianças, onde essas crianças não são vistas como trabalhadoras, mas apenas como ajudantes, tornando seu envolvimento supostamente aceitável. Embora reconheça o problema, o governo brasileiro não apresenta os mesmos números do relatório da OIT, divulgando que, o número de meninos e meninas trabalhando em funções domésticas é de 220 mil, já que não estariam sendo contabilizadas as pessoas com 16 e 17 anos de idade. Brasil é acusado na ONU de violar direitos das crianças. <http://www.consciencia.net/2004/mes/05/infancia-onu.html>. Jamil Chade, Agência Estado, 11 de jun. 2004,

A situação do preconceito de raça, credo e gênero estão ainda longe de ser resolvida. Apesar da proporção de negros na população brasileira permanecer praticamente inalterada entre 1986 e 2001, conforme apresentado na Figura 3.2.1, dados estatísticos do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA)¹⁸ mostram que, a renda per capita média dos negros em 2000 (R\$ 162,75) correspondeu a menos da metade do que ganhavam os brancos em 1980 (R\$ 341,71, em valores corrigidos).

As pesquisas mostram também que, em 1992, os brancos que trabalhavam por conta própria recebiam em média R\$ 309,42 — 66,7% a mais que os negros. Em 1999, a diferença chegou a 100%: os brancos recebiam, em média, R\$ 400 mensais e os negros, R\$ 200 (ou seja, menos do que os brancos recebiam no início da década de 90). Ao longo das duas décadas que separam os dados, a diferença econômica entre os dois grupos se manteve praticamente inalterada.

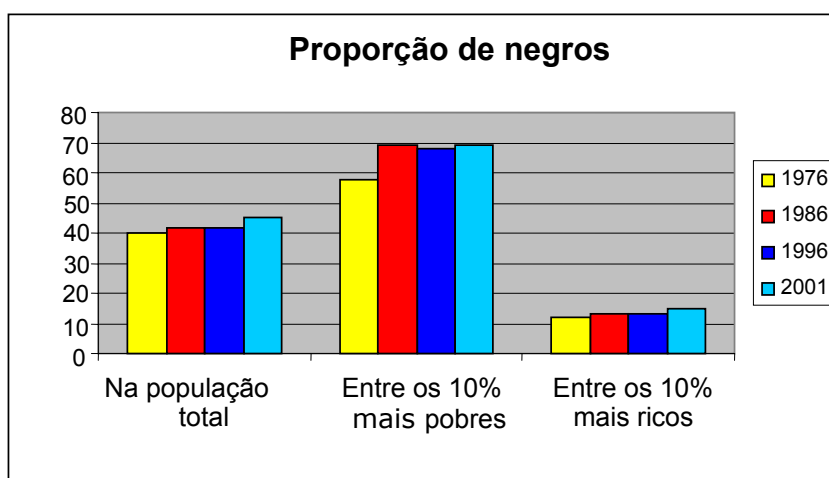


Figura 3.2.1 – Proporção de negros na população brasileira nos anos de 1976, 1986, 1996 e 2001.

Fonte: Modificado de Combate ao Racismo e Superação das Desigualdades Raciais IPEA/PNUD, Projeto BRA/01/013. Cons. 18 jan. 2006

18 http://www.pnud.org.br/projetos/pobreza_desigualdade/visualiza.php?id07=36, cons. 18 jan. 2006.

Quanto aos aspectos sobre a violência contra a mulher, a Organização Mundial da Saúde (OMS)¹⁹ divulgou em 2002 que a violência responde por aproximadamente 7% de todas as mortes de mulheres entre 15 e 44 anos no mundo todo. Dados do PNUD (2003, op. cit.), apresentam que em média, uma em cada três mulheres, em todo o mundo, foi vítima de violência em uma relação familiar.

Segundo alguns autores, dentre os principais fatores que resultam na pobreza “endêmica” provavelmente, a má distribuição de renda²⁰ possa ser considerada aquele que requer maior atenção.

No Quadro 3.2.1 são analisados os conceitos de pobreza mais discutidos na literatura. Para sua confecção, houve a necessidade de identificar os elementos constitutivos da pobreza, sejam eles recursos, “activos”²¹, necessidades ou capacidades. Para tal, duas questões essenciais foram abordadas, conforme Pereira (2001, p.4):

Qual o padrão de referência para identificar os pobres?

Quem deve definir os elementos que constituem a pobreza?

Para sua elaboração verifica-se que a primeira questão vem confrontar diretamente a visão ‘absolutista’, na qual a definição de pobreza é independente do quadro social, da visão ‘relativista’ que defende o contrário. A segunda questão tem como ‘opostos’ os defensores da definição realizada por profissionais e os defensores da definição realizada pelos próprios pobres.

A autora observa que quase todos os conceitos levam em consideração diferentes tipos de recursos ou activos²², apresentando também, implicitamente,

¹⁹ Organização Mundial da Saúde (OMS), Sexual Violence Facts, disponível em http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/globalcampaign/en/exualviolencefacts.pdf. Cons. 12 fev. 2006.

²⁰ Segundo Relatório de Desenvolvimento Humano de 2005: O Brasil é usado como exemplo para se ressaltar que a má distribuição de renda agrava a pobreza <http://www.pnud.org.br/rdh/>. Cons. 17 jan. 2006.

²¹ Preferiu-se manter a palavra activo conforme escrita portuguesa europeia. Embora nem sempre a distinção seja feita, podemos considerar que, em grande parte da literatura da pobreza normalmente quando se fala em recursos à disposição dos pobres consideram-se os próprios fluxos (em numerário, bens e serviços) que lhes permitem satisfazer necessidades; quando se fala em activos consideram-se todos os meios à disposição dos indivíduos, agregados familiares ou comunidades que geram ou contribuem para aumentar esses fluxos ou outros benefícios que contribuem para o bem-estar (PEREIRA, op. cit., p.2).

²² Na literatura sobre pobreza o significado atribuído a estes dois conceitos - activos e recursos - não é uniforme. Em vários casos, são mesmo usados indiferentemente: “Os activos englobam um conjunto de recursos tangíveis e intangíveis ...”(PNUD, 1997: pág. 62). Em termos econômicos, normalmente referem-se os recursos ou activos tangíveis, como por exemplo, terra, trabalho,

uma maior ou menor diversidade de necessidades. Um fator interessante nesta evolução é que elementos antes considerados necessidades – a educação e a saúde – passam a ser incluídos na análise da pobreza como disponíveis, como é o caso da pobreza vista pelos pobres. Esta evolução enfatiza a liberdade dos pobres levarem a vida que valorizam, melhorando o seu acesso aos disponíveis ou a importância da “[...] criação das boas condições de vida pelos próprios pobres.” (PEREIRA, 2001, op. cit.).

Observa-se também que apenas os pobres mencionam os aspectos ambientais e de infra-estrutura na consideração de “ativos” ou recursos.

Quadro 3.2.1 – Evolução Conceitual da Pobreza: Uma Síntese

Conceitos	Dimensões consideradas	Recursos ou activos considerados	Classificação das necessidades consideradas	Definição da pobreza		Nível de identificação da pobreza
				Padrão de Referência	Quem define	
Subsistência	Rendimento (recursos no sentido restrito).	Rendimentos monetários.	Materiais, somente as físicas.	Absoluto.	Os técnicos.	Subsistência física
Necessidades básicas	Necessidades básicas.	Rendimentos monetários e em espécie; bens e serviços públicos.	Materiais, físicas e não físicas.	Absoluto.	Os técnicos.	Nível de vida adequado
Privação relativa	Privação em termos do padrão de vida comum na sociedade.	Rendimentos monetários e em espécie; activos físicos e financeiros; benefícios associados ao emprego; bens e serviços públicos.	Materiais, essencialmente não físicas.	Relativo.	Os técnicos.	Condições de vida que permitam a participação social.
Abordagem consensual	Privação de necessidades socialmente percebidas.	Rendimento.	Materiais, essencialmente não físicas.	Relativo.	Os indivíduos em geral incluindo os pobres.	Padrão de vida mínimo aceitável.
Pobreza como privação de Capacidades	Capacidades (necessidades funcionais).	Não se aplica.	Materiais, físicas e não físicas.	Absoluto.	Os técnicos	Capacidades para obter um nível de vida adequado

Quadro 3.2.1 (cont.) – Evolução Conceitual da Pobreza: Uma Síntese

(Dis) Empowerment	Acesso às bases do poder (recursos e activos)	Espaço de vida defensável, tempo excedente, conhecimento e técnicas, informação adequada, organização social, redes sociais, instrumentos de trabalho e condições de vida, recursos financeiros.	Não se aplica.	Absoluto e relativo.	Os técnicos.	Poder social e político para a produção das próprias condições de vida
A pobreza definida pelos “pobres”	Bem-estar material; bem-estar psicológico; infra-estrutura; Activos físicos, humanos; sociais e ambientais; Vulnerabilidade.	Infra-estrutura; Activos físicos, humanos, sociais e ambientais.	Materiais e não materiais.	Absoluto e relativo.	Os pobres.	Vários

Fonte: Modificado de PEREIRA (op. cit., p.4)

3.3. AVALIAÇÃO PARTICIPATIVA DA POBREZA URBANA

O trabalho encomendado pelo Banco Mundial à Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da Universidade Federal de Pernambuco (FADE, 2000) apresenta a síntese de uma Avaliação Participativa da Pobreza no Brasil Urbano, baseado em 632 discussões e/ou entrevistas individuais com moradores de dez comunidades em três cidades brasileiras: Recife, Santo André e Itabuna.

O trabalho de campo consistiu no levantamento de informações sobre três conjuntos de questões:

- Bem-estar e tendências na variação do bem-estar no tempo (com referência a questões relativas à segurança, risco, vulnerabilidade, coesão social, exclusão social, oportunidade e mobilidade, crime e conflito);
- Problemas e prioridades;
- Análise das instituições (por exemplo: confiança e avaliação da efetividade das diversas instituições – governamentais, não-governamentais e instituições de mercado).

Foi possível identificar fatores comuns no que se refere às questões de bem-estar, qualidade de vida e condições de vida. Os indivíduos tendem a associar pobreza e incapacidade, e relacionar bem-estar com segurança. A segurança é correlacionada a uma variedade de fatores dentre os quais emprego e acesso a fonte de renda fixa, acesso à comida, saúde e acesso aos serviços de saúde, além de posse da terra e moradia.

O emprego fixo ou o acesso a relações de patronagem foram considerados como fontes de segurança.

De uma maneira geral “[...] constatou-se que a pobreza não parece estar associada diretamente com gênero ou velhice”.

Verificou-se que “... para a maioria das pessoas a insegurança aumentou, sendo atribuído ao crescimento generalizado do desemprego, e a explosão da violência e do crime.” Quanto a esse aspecto o relatório observou diferenças marcantes entre homens e mulheres adultas, apresentando que: “Para os jovens, os critérios utilizados compreendiam aspectos relativos à infra-estrutura e moradia, posse de eletrodomésticos, automóveis e lazer.” Em contraste, observa-se que os

grupos de homens e mulheres adultas “[...] enfatizaram aspectos relativos à renda e mercado de trabalho e condições financeiras de manter crianças nas escolas.”

Com relação às principais causas da pobreza “[...] houve um consenso em torno do desemprego, juntamente com a falta de educação adequada e de saneamento básico. Desigualdade da distribuição de renda e falta de investimentos nas áreas de saúde e habitação foram também citados nos grupos de homens e mulheres adultos, mas não nos grupos de jovens.”

Outra conclusão importante em relação à questão da pobreza e bem-estar foi que “[...] muitos indivíduos empregados eram pobres [...]” comprovando que “[...] o desemprego é maior entre os não-pobres.” (PNUD, 2003). Os relatos em muitos grupos apontam também para a concentração de renda como causa da pobreza.

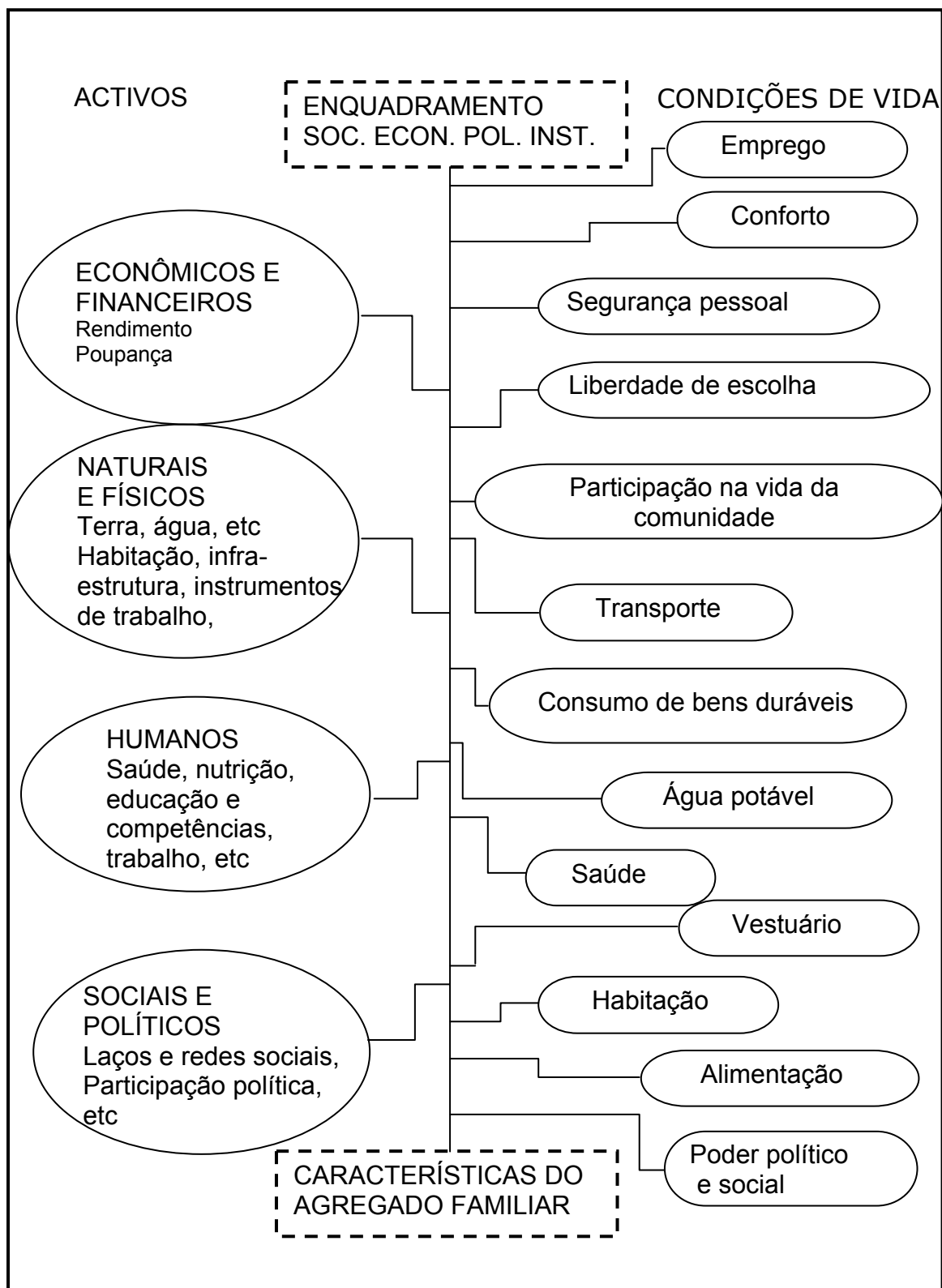
Com relação às instituições governamentais e um padrão de dependência em relação ao governo “verificou-se um quadro de frustração e descrença”, fato este também comprovado por Crespo (2003, p. 65, 72).

Em resumo o trabalho mostrou que os problemas mais importantes enfrentados pelas comunidades referem-se, segundo as narrativas dos grupos, “[...] ao desemprego e ao binômio violência/falta de segurança pública, falta de moradia e de esgotamento sanitário, juntamente com a baixa qualidade dos serviços de saúde [...]”

O Quadro 3.3.1 fornece uma maneira esquemática para representar a pobreza, onde são detalhadas as influências das características da família e do enquadramento sócio, econômico, político e institucional, e o acesso aos activos e a capacidade de utilizá-los na “construção” das condições de vida (satisfação das necessidades) (PEREIRA, 2000, p.50).

Correlacionar aspectos da condição de vida com os ‘activos’ requer a elaboração de metodologia específica que englobe a preocupação manifestada internacionalmente, pelos aspectos cotidianos, como: a aglomeração, a perifização, a qualidade de vida, a felicidade, a religião, o grau de satisfação, a educação, dentre outros. Essa abordagem leva os pesquisadores a elaborarem sistemas para a medição destes parâmetros, principalmente no que diz respeito à qualidade de vida.

Quadro 3.3.1 – Abordagem Direta e Indireta da Pobreza



Fonte: Modificado de Pereira (2000, p. 50)

3.4. CONCEITOS DE QUALIDADE DE VIDA

De acordo com Neri (1997, p. 7) a expressão qualidade de vida, originária dos estudos de medicina sobre as chances de sobrevivência de recém-nascidos, apareceu nos “Psychological Abstracts” em 1985, com 38 referências e no contexto da psicologia no Brasil, somente em 1991, introduzido por Anita Liberalesso Neri. A autora conceitua qualidade de vida na velhice como:

Um constructo multidimensional referenciado a critérios sociais normativos e intrapessoais, a respeito das relações atuais, passadas e prospectivas que o indivíduo maduro ou idoso faz de suas relações com o seu ambiente (NERI, 1997, p. 7).

Pesquisadores da área do planejamento urbano (CARMO, 1993; BASSANI, 2001; JANUZZI, 2002, 2003; NAHAS, 2002), concordam que no final dos anos 1970, o conceito de qualidade de vida era visto como referencial às avaliações de desenvolvimento, incorporando aspectos concernentes à análise individual sobre condições de vida, tais como grau de satisfação, senso de realização e nível de felicidade.

“[...] a caracterização de uma boa qualidade de vida não se faz pela ausência de doença, mas pelo bem-estar profissional, físico, emocional e social das pessoas.” (LIPP, 1997, apud, BASSANI, 2001, p.50).

O conceito de qualidade de vida incorpora percepções da pessoa perante um conjunto de sistemas do seu ambiente, aquele que tem uma imagem sobre valores e crenças, possui uma história de vida e se defronta cotidianamente com o desconhecido.

Bassani (2001, op cit, p. 50) exemplifica dizendo: “Um migrante que chega a São Paulo, que vai viver em alguma favela, mas sente-se acolhido ali, passa a trabalhar junto a algum ambulante e consegue comprar um aparelho de som e CD de suas músicas prediletas, pode, por exemplo, não eleger como prioridade de qualidade de vida na cidade as condições de moradia, mas, sim, a segurança para trabalhar como ambulante ou o transporte mais eficiente para passar com os amigos ou a namorada. ” Por outro lado, “[...] o profissional liberal, que foi obrigado a mudar de sua casa ampla para um apartamento por ter sido assaltado e ter visto a vida de sua família ameaçada, pode eleger a segurança, as condições de privacidade e moradia como prioridades na avaliação de qualidade de vida em São Paulo.”

Salienta-se que, conforme comentado na Introdução deste trabalho (p.1), mais uma vez, os aspectos sobre Percepção, abordados anteriormente, voltam a ser utilizados como parâmetro de Qualidade de Vida ou do bem-estar do homem.

Santos (1996, p.12) analisando os aspectos do bem-estar do cidadão brasileiro, comenta: “Em nenhum outro país foram assim contemporâneos e concomitantes processos como a desruralização, as migrações brutais desenraizadoras, a urbanização galopante e concentradora, a expansão do consumo de massa, o crescimento econômico delirante, a concentração da mídia escrita, falada, televisionada, a degradação das escolas...” e completa seu raciocínio: “Em lugar de um *cidadão* formou-se um *consumidor*, que aceita ser chamado de *usuário*”.

Na década de 1990, foram lançadas diversas iniciativas de cunho internacional com o intuito de desenvolver sistemas para medição de parâmetros de monitoramento da qualidade do ambiente urbano, cabendo ressaltar que entende-se como qualidade do ambiente urbano como a agregação de domínios objetivos (aspectos da vida tangíveis) e subjetivos (sentimentos sobre a vida) habitualmente quantificados pelas questões de satisfação e felicidade.

A seguir foram ressaltadas aquelas que se julgam ser as mais relevantes:

- Projeto Cidades Sustentáveis (1993) pelo Grupo de Especialistas de Ambiente Urbano da Comissão Européia, que culminou num relatório formulando recomendações para integrar as considerações sobre ambiente urbano na Europa com as políticas nacionais e locais;
- Programa Cidades Sustentáveis (1990) pelo UNCHS (United Nations Centre for Human Settlements – Habitat), destinado essencialmente a países em desenvolvimento e reúne o *know-how* de diferentes regiões do mundo, no sentido de fortalecer a capacidade de definir as questões ambientais mais críticas e identificar instrumentos e mecanismos adequados para as tratar;
- Projeto Cidade Ecológica (1993), pelo Grupo Ambiental em Questões Urbanas da OCDE, visando identificar estratégias para o desenvolvimento de políticas integradas e coordenadas que permitam a resolução eficiente de problemas ambientais. O projeto visa equacionar questões urbanas como transportes e infra-estruturas, produção e consumo de energia,

padrões de uso do solo e potencial para a renovação e desenvolvimento de áreas urbanas e suburbanas;

- Projeto Cidades Saudáveis (1991) pela Organização Mundial da Saúde (OMS), pretende envolver os municípios em várias regiões do mundo, incluindo América do Norte, Europa, América Latina e África, num programa de avaliação de um conjunto de variáveis ambientais relacionados à saúde nas cidades, visando a melhoria da qualidade do ambiente urbano;
- Programa Gestão Ambiental Urbana mantido pelo United Nations Development Programme (UNDP) em conjunto com a UNCHS-Habitat e pelo Banco Mundial, com a intenção de definir estratégias ambientais para preparar e implementar planos locais em cidades selecionadas;
- Agenda 21 Local é um projeto internacional do International Council of Local Environmental Initiative (ICLEI) que pretende desenvolver um quadro de planejamento para o desenvolvimento local sustentável, colocando especial atenção na aplicação e concepção de mecanismos de planejamento ambiental, como consultas, auditorias, fixação de metas, monitoração para a identificação de opções e avaliação de interesses conflituosos e valores implícitos no conceito da sustentabilidade.

Todos os sistemas de medição apontados geram uma lista de questões, geralmente interpretadas como variáveis ou indicadores.

Segundo Kayano e Caldas (2001, p.12), a análise dessas variáveis permite, por exemplo, construir um Índice de Qualidade de Vida do Bairro. No entanto, em relação àquelas variáveis que realmente traduzem os anseios da população, o autor faz as seguintes perguntas: Quais variáveis devem ser analisadas? A população pode ou deve opinar sobre aquelas que realmente podem ser utilizadas para “medir” sua “Qualidade de Vida?”.

Assim como na literatura médica está se formando consenso crescente²³ de que a “qualidade de vida deve ser analisada pelo paciente e não pelo médico”, no aspecto urbano, talvez, a participação mais efetiva da população na definição das

²³ Qualidade de Vida de Idosos com Câncer de Próstata em Radioterapia, Patrícia Peres de Oliveira. Artigo publicado na Revista Sociedades Brasileiras de Câncer (RSBC), Ano1 • Nº 1 1.º Trimestre de 2004. ISSN 1679-9801 http://www.rsbcancer.com.br/rsbc_v_02/edicoes/01.pdf. Cons. 15 Ago. 2004.

variáveis que realmente devem ser analisados pelo poder público, pode manifestar o grau de satisfação da população.

3.5. INDICADORES SOCIAIS – PARA QUE SERVEM?

Foi-se o tempo em que políticos e administradores públicos podiam alardear suas realizações sem que se pudessem aferir o impacto que haviam causado às coletividades que governavam (Keinert, R. C.)²⁴.

Para pesquisa acadêmica, as variáveis ou o indicador social são o elo de ligação entre os modelos explicativos da Teoria Social – aspectos do planejamento e da geografia urbana – e a evidência empírica dos fenômenos sociais observados. É um recurso metodológico, que informa algo sobre um aspecto da realidade social ou sobre mudanças que estão se processando sobre sua quantificação (JANNUZZI 2003, p.15).

Em outras palavras, assim como se comparam imagens ou fotografias de pessoas ou localidades, os indicadores podem ser definidos como a conclusão de uma comparação entre fotografias de épocas diferentes ou de fotografias de uma mesma época, porém de lugares diferentes.

Dessa forma, as variáveis ou os indicadores permitem acompanhar as mudanças da qualidade de vida de determinado morador, família, bairro, município ou país num determinado período; e também permite comparar regiões com perfis semelhantes num mesmo período.

Jannuzzi (op. cit., p.25), conclui que existem indicadores simples e compostos: Simples – descrevem imediatamente um determinado aspecto da realidade (por exemplo o número de leitos de um hospital ou o número de matrículas no primeiro grau em relação ao segundo). Compostos – agrupamento de indicadores simples apresentados em um único número, estabelecendo um tipo de média entre eles. Portanto é necessária certa “ponderação” ou predileção de um indicador sobre o outro.

Conforme Oliveira (1997, p. 3), o conceito de indicadores sociais²⁵ e o movimento que levou este nome tiveram origem nos Estados Unidos no final da

²⁴ Prefácio Introdutório do livro Indicadores Sociais no Brasil – Conceitos, Fontes de Dados e Aplicações. JANNUZZI, P. de M., Editora Alínea, Campinas, SP – 2003, 141 p.

década de 1950, representando uma “[...] tentativa governamental de enfrentar a situação social do país: a luta pelos direitos civis, a força crescente pelo movimento dos negros e mulheres, greves, revoltas estudantis e, sobretudo, a evidência dos bolsões de pobreza dentro da sociedade de opulência.”

Face à necessidade de acompanhamento das transformações sociais e aferição dos impactos das políticas sociais, bem como a disparidade observada entre o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) – indicador até então usado para ‘medir’ o nível de desenvolvimento econômico de um país –, e as evidências de crescentes níveis de pobreza e aumento das desigualdades sociais, concluiu-se que o uso deste indicador por si só, não era suficiente para ‘refletir’ as condições de desenvolvimento social.

Tais dados confirmavam que o crescimento econômico devia ser encarado como um meio e não um fim, mostrando que não existe um vínculo automático entre o Produto Interno Bruto (PIB) de um país, ou PIB *per capita* (década de 1960) e o desenvolvimento humano de seus habitantes.

Como exemplo, os dados comparativos do primeiro relatório das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano, apresentavam que enquanto o Sri Lanka mostrava uma esperança de vida ao nascer de 71 anos e uma taxa de alfabetização adulta de 87% com uma renda per capita de US\$ 400,00, o Brasil com uma renda per capita de US\$ 2.020,00 apresentava uma esperança de vida ao nascer de 65 anos e 78% de alfabetização adulta. Na Arábia Saudita, onde a renda per capita era de US\$ 6.200,00 a esperança de vida era de apenas 64 anos e a taxa de alfabetização adulta não passava de 55% (PNUD, 1990).

Paralelamente, diversos países da Europa e mesmo da América Latina passaram a acompanhar iniciativas voltadas para a elaboração de outros indicadores, buscando o estabelecimento de uma ligação entre sua construção e a esfera política do planejamento governamental.

Financiados por instituições criadas em datas diferentes, como: a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE); Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO); Organização

²⁵ Definidos como indicadores da terceira vertente, isto é: levam em consideração aspectos econômicos, qualidade de vida humana, sistema político, cultural e institucional para a construção de indicadores de sustentabilidade e qualidade ambiental. (PNUMA. 2003)

Mundial para a Agricultura e Alimentação (FAO); Organização Internacional do Trabalho (OIT); Organização Mundial da Saúde (OMS); Organização das Nações Unidas para a Infância (UNICEF); Comunidade Económica Europeia (CEE) e a Divisão de Estatística das Nações Unidas, desde algumas décadas, pesquisadores ligados ao planejamento governamental e universidades passaram a concentrar imensos esforços com o intuito de desenvolver instrumentos de mensuração do bem estar social, promovendo a construção de um sistema de indicadores na área social.

Segundo Abreu (2003, p. 4), “No início da década de 1960 no Brasil, depois de um longo período de crescimento rápido, as pressões por redistribuição de renda eram muito mais modestas do que as encontradas em 2003.”, e complementa comentando “[...] sabia-se muito menos sobre a miséria do povo: a história dos indicadores sociais era curta, a história dos índices de concentração de renda era nula.”

As publicações “*Toward a Social Report*” e “*Social Indicators*”, elaboradas sob encomenda do governo americano em meados dos anos 1960, representaram marcos importantes no processo de construção de indicadores sociais na época, inaugurando o que viria se chamar de “Movimento de Indicadores Sociais”, porém “[...] verificava-se um ‘otimismo exacerbado’ com base nas possíveis orientações que os Indicadores Sociais pudessem realizar no sentido de balizar as ações governamentais da época, de modo a proporcionar níveis crescentes de bem estar social.” (JANNUZZI, 2003, p.14).

Segundo Nahas (2002, p. 26), nos anos 1970, diversas críticas foram feitas aos modelos de desenvolvimento mundiais, principalmente àqueles que se pautavam apenas na representação numérica dos indicadores sociais, dentre elas a concepção de uma visão individualista das questões sociais e o caráter arbitrário e improdutivo de sua separação das características econômicas: “[...] o social deveria ser visto como totalidade, como sistema.” Outra crítica foi a preocupação em se desvincular questões sociais sob a ótica da visão reducionista de problemas solucionáveis por ações corretivas do Estado.

Nesse panorama, a expressão “qualidade de vida” passa a dar maior sustentação no processo de formulação das bases teóricas dos indicadores sociais: “[...] prosperidade e conforto não asseguram, necessariamente ‘saúde e felicidade’; ao contrário, algumas conseqüências do progresso material (poluição, erosão dos

serviços públicos, perda da intimidade pessoal, etc) prejudicam a qualidade de vida.” (CARMO, 1993, p. 56).

A importância do tratamento estatístico de dados pode ser observada no Relatório de Desenvolvimento Humano do ano de 2000, onde a ausência de estatística pode ser tão reveladora quanto a sua existência. Como exemplo cita que no governo militar argentino, na década de 1970, “[...] os estatísticos e economistas argentinos foram os primeiros a desaparecer em 1976-1977 — o que de certa forma revela o receio que o governo militar de então tinha do vazamento de dados” (RDH, 2000).

Na década de 1970, concomitantemente com a realização da primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano em Estocolmo – Suécia, promoveu-se a Conferência de Estatísticos Europeus propondo a criação de indicadores ambientais como forma de descrever e acompanhar as condições do meio-ambiente, enquanto se pesquisava uma conceituação mais acabada para as estatísticas ambientais (MUELLER, 1991 apud NAHAS 2002, p.28).

Porém, no início dos anos 1980, principalmente devido à crise que, de maneira geral os países ocidentais estavam enfrentando, com a perda de autonomia política dos governos locais em função de um quadro de integralização, o que se percebeu, no campo da pesquisa dos indicadores sociais, foi que, o trabalho “sofreu uma espécie de refluxo” (OLIVEIRA, 1997, p.5).

Na década de 1980, o que se observa no mundo é um aumento sem precedentes da criminalidade, exclusão social e pobreza, aliado aos problemas de infra-estrutura urbana, provocado pelo processo crescente de urbanização. Economicamente, o que se verificou “[...] foi um quadro de estagnação do crescimento econômico em cem países do mundo.” Nessa época, as políticas de mercado passam a ser o principal critério de ascensão social para uma diminuta classe média, em detrimento da massa de espectadores pobres, que sofriam com a degradação ambiental e a precariedade nos serviços sociais e de infra-estrutura urbana: Os aspectos globalizantes regem as relações de mercado. Envolto por essa bruma, ao longo da década de 1990, vem à tona a necessidade de formular outros indicadores sociais em conjunto aos ambientais, na expectativa de monitorar o desenvolvimento das cidades.

Nesse aspecto, Santos (op. cit., p.133), apresenta sua linha de raciocínio:

Os próprios intelectuais ainda buscam as variáveis adequadas para escrever essa pedagogia do urbano que codifique e difunda, em termos didáticos e de maneira simples, o emaranhado de situações e relações com que o mundo da cidade transforma o homem urbano em instrumento de trabalho e não mais em sujeito, entretanto, todos os dados estão praticamente em nossas mãos, para tentar reverter a situação (SANTOS, 1996, p.113).

No final da década de 1980, ao se incorporar o conceito de qualidade de vida às novas experiências de formulação e implementação de políticas públicas (Planejamento Local, Planejamento Participativo), a pertinência instrumental dos Indicadores Sociais, paulatinamente passou a ser restabelecida, onde a própria análise desses indicadores permitia, por exemplo, construir um “Índice de Qualidade de Vida para o bairro” (KAYANO e CALDAS, 2001, p. 14).

Posteriormente (anos 1990), o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD - 1992), apresenta um novo indicador para mensurar o desenvolvimento econômico e humano denominando-o: Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). De certa forma ele surgiu como proposta de complementação ao indicador econômico Produto Interno Bruto (PIB e PIB *per capita*). Na sua confecção ele sintetiza quatro aspectos: expectativa de vida, taxa de alfabetização, escolaridade e PIB *per capita*.

A intenção da proposta foi de apresentar num único número, um indicador que não fosse cego aos aspectos sociais do desenvolvimento. Entretanto, tanto o IDH, quanto o ICV construídos pela Fundação João Pinheiro, o IPRS (Fundação Seade), o IDG (PNUD) e o IPH (PNUD), ‘são inadequados’ (sic) como medida de desenvolvimento sustentável, pois não inserem questões ambientais na sua formação (BRAGA et. al., 2003, p.8).

Outro conceito, apresentado em Stambul (Habitat II – 1996), possibilitou ampliar a visão na formulação de indicadores com o intuito de avaliar e monitorar o desenvolvimento urbano. Nessa ênfase, foi proposto o “Programa Internacional de Indicadores Urbanísticos para Monitoramento de Assentamentos Urbanos”, (BONDUKI, 1996, apud NAHAS, op. cit., p. 32).

O ANEXO A apresenta uma síntese comparativa entre alguns indicadores sociais urbanos desenvolvidos nos anos 1990.

Verifica-se que, desde 1996 apenas o critério para elaboração dos Indicadores do Mapa de Exclusão Social da Cidade de São Paulo passou a incluir a questão da felicidade como um dos aspectos analisados.

Mais recentemente, dentre as propostas de construção de índices sintéticos de sustentabilidade agregando aspectos sociais, ambientais e de desenvolvimento sustentável, destaca-se o Índice de Sustentabilidade Ambiental (ESI, 2005) desenvolvido pela Universidade de Yale (YCELP)²⁶ e de Columbia (CIESIN)²⁷, com apoio do World Economic Forum²⁸. Seu objetivo é analisar a estabilidade ambiental ao longo do tempo, por meio de um *ranking* de países, valendo-se de um conjunto de 76 indicadores²⁹, dos quais 21 referem-se aos aspectos ambientais.

Com base nos resultados de 2005, os países com valores mais altos de ESI, são aqueles com maiores possibilidades de apresentar melhores condições ambientais. Os cinco países, em ordem decrescente são Finlândia, Noruega, Uruguai, Suécia e Islândia – todos esses países possuem recursos naturais significativos e baixas densidades populacionais. Por outro lado, aqueles que ocupam as cinco mais baixas posições, em ordem decrescente são Uzbequistão, Iraque, Turkmenistão, Taiwan, e Coréia do Norte. São países que enfrentam problemas naturais de ordem geológica e geográfica mas, principalmente, com os aspectos de ordem política. Dos 146 países analisados o Brasil ocupa a 11ª colocação.

Em 2003 a Prefeitura Municipal de São Paulo (SP), confeccionou a matriz (Matriz de Indicadores Ambientais Paulistanos), baseada no modelo GEO Cidades.

O modelo GEO cidades deriva do Projeto GEO (Global Environment Outlook), iniciado pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) em 1995. Seu objetivo é produzir a avaliação continuada dos problemas e fenômenos urbano-ambientais paulistanos por meio da identificação e caracterização de indicadores ambientais (Figura 3.5.1).

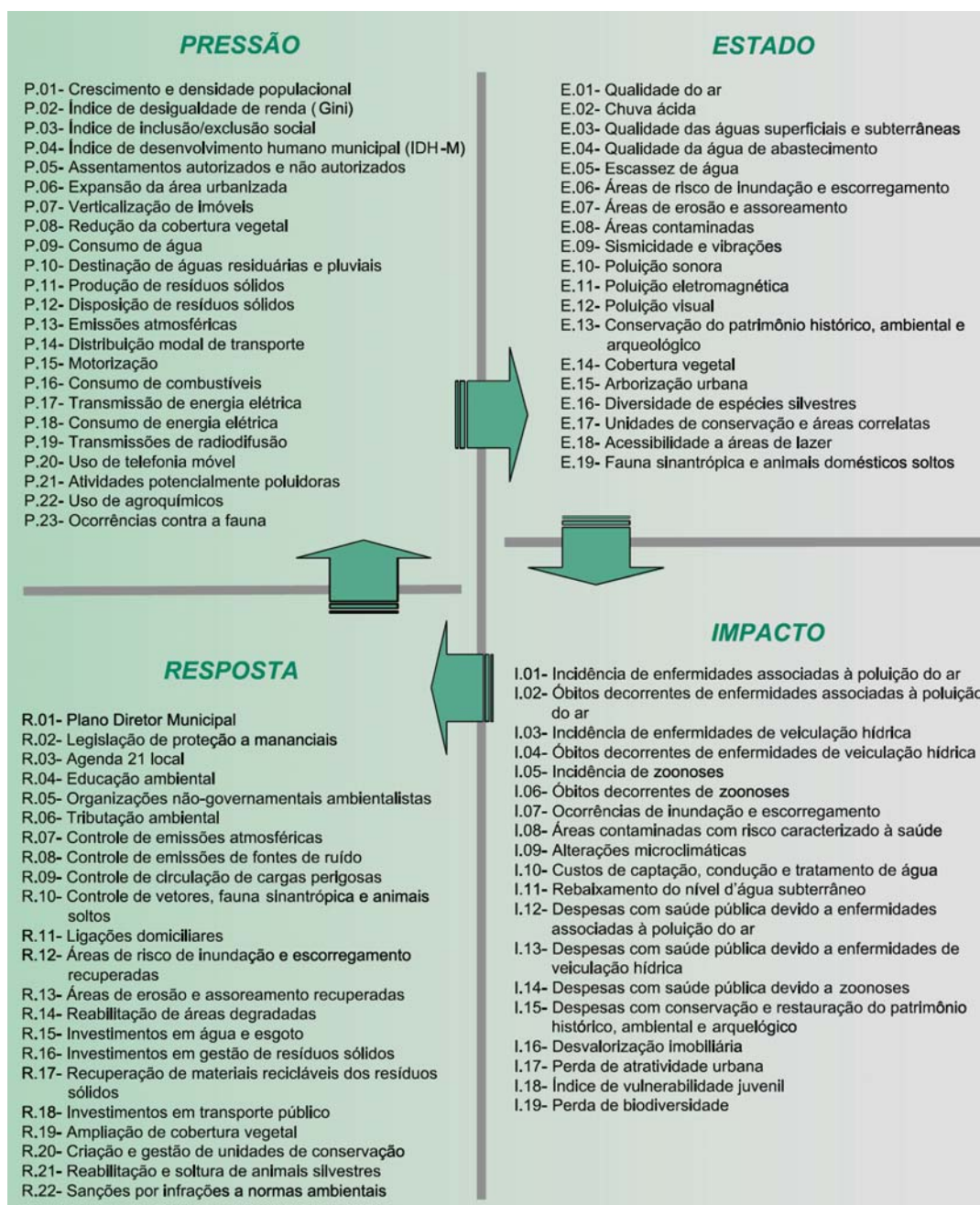
²⁶ <http://www.yale.edu/esi/>. Cons 24 jan. 2006

²⁷ <http://www.ciesin.columbia.edu>, Cons. 25 jan. 2006

²⁸ <http://www.weforum.org/>. Cons. 24 jan. 2006

²⁹ http://www.yale.edu/esi/c_variableprofiles.pdf. Cons. 25 jan. 2006

Figura 3.5.1 – Fluxograma apresentando os 83 Indicadores Ambientais Paulistanos (PIER30).



Fonte: Modificado de GEO cidades de São Paulo (2003, p. 7)

³⁰ Indicadores de Pressão sobre o meio ambiente se relacionam às atividades humanas e sua dinâmica (ou seja, as causas dos problemas ambientais); de Impacto se referem aos efeitos adversos à qualidade de vida, aos ecossistemas e à socioeconomia local; de Estado dizem respeito às condições do ambiente que resultam dessas atividades; e, de Resposta revelam as ações da sociedade no sentido de melhorar o estado do meio ambiente, bem como prevenir, mitigar e corrigir os impactos ambientais negativos decorrentes daquelas atividades (atuando, assim, diretamente tanto nos impactos quanto nas pressões e no estado do meio ambiente). (GEO cidade de São Paulo, 2003, p. 4).

Metodologia semelhante ao modelo utilizado pela Prefeitura do Município de São Paulo (GEO cidades, 2004), o Índice de Sustentabilidade Municipal proposto por Braga et al (2003), é composto a partir de 4 índices temáticos³¹.

O Quadro 3.5.2 apresenta os indicadores utilizados para a composição de três índices: de qualidade de vida humana, de pressão antrópica e de capacidade político-institucional (BRAGA et. al., 2003).

Os autores concluem que a aplicação da metodologia para construção dos índices de sustentabilidade, em parte dos 26 municípios formadores da bacia do rio Piracicaba, mostrou-se uma ferramenta útil na avaliação ambiental dos padrões de desenvolvimento e comparação entre municípios. Como resultado, observaram que a grande maioria dos municípios apresentaram a característica de 'insustentabilidade', sendo 18% dos municípios considerados sustentáveis e potencialmente sustentáveis quando os dados se referiam a 1991, e 16% para os dados de 2000.

Kayano e Caldas (2001, p. 11) comentam que, para o Brasil, dentre os motivos que justificam a tendência no uso de indicadores sociais, destacam-se pelo menos três:

- a) a exigência de organismos internacionais que financiam programas e projetos em políticas públicas, e que precisam medir, de certo modo, o desempenho dos referidos programas e projetos;
- b) a necessidade de legitimar (com dados empíricos) tanto as políticas governamentais quanto as denúncias por parte da sociedade civil, como ocorreu no caso da Campanha contra a Fome no Brasil, que utilizou indicadores produzidos pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)³² sobre níveis de pobreza e miséria; e

³¹ Qualidade de vida humana; Pressão antrópica; Capacidade político-institucional; e, Qualidade do sistema ambiental (obtido através dos Índices de qualidade de Água nos períodos de seca e chuva). (BARBOSA, 1997 apud BRAGA, op. cit., p.19)

³² No início de 1993 uma pesquisa divulgada pelo IPEA (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas) mostrou que 9,2 milhões de famílias, ou 31,6 milhões de pessoas, passavam fome no Brasil. Em abril, o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, despertou um amplo movimento de solidariedade lançando a Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida, popularizada como a Campanha contra a Fome.

Quadro 3.5.1 – Composição de indicadores na formulação de Índices Temáticos

Índices Temáticos	Indicadores	Composição dos indicadores
Qualidade de Vida Humana	Qualidade da Habitação	- Percentual de habitação sub-normais
	Condições de Vida	- Índice de longevidade – IDH
		- Índice de educação – IDH
	Renda	- Índice de renda – IDH
	Saúde e Segurança Ambiental	- Índice de mortos em acidentes de trânsito
		- Índice de mortos por doenças respiratórias
		- Índice de mortos por doenças parasitárias
		- Índice de mortos por homicídios
	Serviços Sanitários	- Índice de abastecimento de água
		- Índice instalação sanitária
- Índice de serviço de coleta de lixo		
Pressão Antrópica	Pressão Urbana	- Taxa de pressão populacional
		- Densidade habitacional por cômodo
		- Número de veículos per capita
		- Consumo energético urbano
	Pressão Industrial	- Intensidade energética industrial
	Pressão agropecuária	- Densidade de lavouras e pastagens no município
		- Taxa de crescimento médio de lavouras e pastagens nos 10 últimos anos
		- Intensidade energética rural
	Cobertura Vegetal	- Proporção da área ocupada por matas e florestas plantadas e área ocupada por matas e florestas naturais nas propriedades agrícolas
		- Cobertura vegetal
Capacidade Político Institucional	Autonomia Político-Administrativa	- Autonomia fiscal
		- Endividamento público
		- Peso eleitoral
	Gestão Pública Municipal	- Funcionários com nível superior
		- Informatização
		- Conselhos de política urbana e descentralização
	Gestão Ambiental	- Instrumentos de gestão urbana
		- Conselho de meio ambiente
	Informação e participação política	- número de unidades de conservação municipais
		- ONGs ambientalistas
		- Participação política eleitoral
		- Imprensa escrita
	- Imprensa falada	

Fonte: Adaptado de BRAGA: Índices de sustentabilidade municipal: o desafio de mensurar (2003, p. 20)

- c) a necessidade de democratizar informações sobre as realidades sociais para possibilitar a ampliação do diálogo da sociedade civil com o governo, favorecendo um eventual aumento da participação popular nos processos de formulação (e definição) de agendas, bem como de monitoramento e avaliação de políticas públicas.

A cobrança crescente da sociedade civil por resultados visíveis que atestem o correto uso dos recursos públicos e melhorem sua qualidade de vida; o limitado sucesso de muitos programas; o desconhecimento dos efeitos e impactos produzidos pelos investimentos realizados nas políticas públicas e nos programas e projetos de desenvolvimento social, tem feito com que os governos, organizações não governamentais, fundações de corporações públicas e privadas, principalmente agências internacionais de fomento e os países doadores reivindicuem cada vez mais a inclusão de metodologias de monitoramento e avaliação de processo, resultados e impacto dos programas implementados.

Na América Latina, são raros os programas que aprofundam seus esforços avaliativos, no sentido de mostrar efeitos e impactos. A maior parte deles restringe-se apenas à descrição das discrepâncias entre o realizado e o programado, e entre os recursos implementados e as coberturas alcançadas (CHUCHKOVA, 1994, p. 9).

3.6. CONCEITOS E PARÂMETROS DE FELICIDADE E SATISFAÇÃO PESSOAL

O que vem a ser felicidade
Toda explicação perde o valor...
É tão claro e simples que é verdade
Quando alguém diz que invade
A fronteira do amor.

Esse sentimento poderoso
É estado. é capital, é um país
E o que há de mais maravilhoso
É descobrir que, o tempo inteiro
Estava a um palmo do nariz

O Que Vem a Ser Felicidade
Composição: Orlando Morais

Não há na Terra quem não queira ser feliz.

Responder a pergunta: O que me faz feliz? Talvez seja aquilo que o homem procura com maior veemência. 'Medir' o que faz o ser humano feliz talvez seja mais difícil ainda. Entretanto, por mais difícil que seja medir a felicidade é preciso criar condições para que se possa alcançá-la.

Thomas Jefferson incluiu o direito pela "busca da felicidade" na Declaração de Independência dos Estados Unidos em 1776, em parte porque era seguidor do filósofo e economista Jeremy Bentham³³ que, como representante do Iluminismo inglês, entendia por felicidade um simples acúmulo de "utilidades", mas principalmente por acreditar que:

"[...] todos os homens foram criados iguais, foram dotados pelo criador de certos direitos inalienáveis que, entre estes, estão a vida, a liberdade e a busca da felicidade."

Por ironia, Ho Chi Minh, o líder comunista do Vietnã do Norte, colocou o trecho inicial da Declaração de Independência dos Estados Unidos – os homens nascem livres e iguais e que tinham todo o direito de repudiar um governo que os oprimia –, no preâmbulo da constituição vietnamita de 1947.

Dois séculos depois, enquanto a Catalunha debate a inclusão da mesma frase em seu novo Estatuto de Autonomia, os pesquisadores continuam procurando um instrumento para medir a felicidade como complemento aos indicadores como o Produto Interno Bruto, por exemplo.

Em pesquisa sobre felicidade, Blanchflower e Oswald (2005) apontam para uma nova proposta denominado "Índice de Felicidade Subjetivo". Usando o exemplo do povo americano que, desde 1970 mantêm-se "prostrado", os autores comentam que grandes riquezas não representam "compra adicional de felicidade".

Em complementação ao Índice de Desenvolvimento Humano – 2005 (IDH)³⁴, onde a Noruega ocupa a 1ª, a Austrália 3ª e o Brasil a 63ª colocação no mundo, os

³³ Para o utilitarista Bentham, o objetivo da política econômica era dar a maior felicidade ao maior número de pessoas.

³⁴ Criado para medir o nível de desenvolvimento humano dos países a partir de indicadores de educação (alfabetização e taxa de matrícula), longevidade (expectativa de vida ao nascer) e renda (PIB per capita). Seus valores variam de 0 (nenhum desenvolvimento humano) a 1 (desenvolvimento humano total). Países com IDH até 0,499 são considerados de desenvolvimento humano baixo; com índices entre 0,500 e 0,799 são considerados de

autores analisaram os dados de aproximadamente 50.000 pessoas de 35 países, provenientes da aplicação de questionários aplicados em 2002 pelo Programa Internacional de Estudo Social (ISSP)³⁵, com a intenção de verificar sua correlação.

Dentre as perguntas do questionário, cinco delas, denominadas simplesmente de indicadores de felicidade, foram utilizadas para a elaboração do Índice de Felicidade para cada país:

- Se você tiver que considerar sua vida de uma maneira geral, você dirá que é feliz ou infeliz? (escala de 1 a 7);
- Você está satisfeito com sua vida em família? (escala de 1 a 7);
- Você está satisfeito com o seu trabalho? (escala de 1 a 7);
- Para avaliar se você concorda ou não: Seu trabalho raramente é estressante (escala de 1 a 5);
- Qual a frequência da sua felicidade nos últimos três meses? Você tem voltado do serviço muito cansado para fazer as coisas que precisam ser feitas? (escala de 4 pontos).

O processo de cálculo dos Índices de Felicidade é detalhado em Blanchflower e Oswald (op. cit., p. 4), onde a escala do índice assume o valor 1 para completamente infeliz e 7 para completamente feliz.

No Quadro 3.6.1, verifica-se que o Nível de Felicidade dos noruegueses é de 5,29, dos australianos é de 5,39 e dos brasileiros 5,42. Para os autores, o fato de o Brasil apresentar um Nível de Felicidade maior que da Austrália, provavelmente está na “insensatez” em se dar muito peso nas diferenças entre países, e relembram a existência de dificuldades de “tradução exata da língua” (sic) quando da aplicação do questionário.

De acordo com os autores, dentre diversas correlações apresentadas, a Austrália se mostra um paradoxo, principalmente por estar na 3ª posição do “ranking” pelo IDH, enquanto pelas suas análises assume a 12ª posição em felicidade global, além de apresentar um baixo índice de satisfação no emprego.

desenvolvimento humano médio; e com índices maiores que 0,800 são considerados de desenvolvimento humano alto. site: <http://www.pnud.org.br/rdh> - cons. 21 jan. 2006.

³⁵ O ISSP é um programa anual continuado de colaboração internacional em pesquisas que abordam tópicos sobre áreas da ciência social. Coordena pesquisas e executa projetos visando metas numa perspectiva internacional, a partir de estudos nacionais individuais. Trinta e nove países são sócios do ISSP.

Outras correlações com o índice de Felicidade são apresentadas, como: o estado civil, a educação, a taxa de desemprego/invalidez, etc.

Quadro 3.6.1 – Índice Internacional de Felicidade em 2002

País	Nível de Felicidade	Felicidade Familiar	Satisfação no Emprego	"Stress" no Trabalho	Indicador de Cansaço	Classificação IDH
México	5,58	5,96	5,80	2,70	2,53	53
Irlanda do Norte	5,56	5,74	5,31	3,45	2,46	8
Japão	5,56	5,52	4,89	3,38	1,90	11
Áustria	5,54	5,80	5,51	3,55	2,07	17
Chile	5,54	5,81	5,16	3,07	2,89	37
Estados Unidos	5,52	5,67	5,34	3,25	2,71	10
Suíça	5,51	5,73	5,61	3,07	2,01	7
Nova Zelândia	5,48	5,60	5,14	3,49	2,48	19
Reino Unido	5,43	5,62	5,06	3,55	2,68	15
Brasil	5,42	5,31	5,11	2,82	2,68	63
Filipinas	5,40	5,61	5,33	3,21	2,41	84
Austrália	5,39	5,62	5,04	3,43	2,53	3
Irlanda	5,35	5,81	5,41	3,22	2,37	8
Dinamarca	5,35	5,76	5,42	3,06	2,39	14
Israel	5,32	5,71	5,19	3,15	2,81	23
Noruega	5,29	5,55	5,23	3,59	2,54	1
Chipre	5,29	5,54	5,36	3,63	2,27	29
Píses Baixos	5,28	5,50	5,12	3,30	2,42	12
Finlândia	5,26	5,43	5,12	3,41	2,30	13
França	5,26	5,33	5,07	3,68	2,64	16
Suécia	5,24	5,55	5,17	3,58	2,53	6
Espanha	5,24	5,48	5,05	3,23	2,70	21
Bélgica	5,20	5,47	5,22	3,52	2,40	9
Taiwan	5,19	5,38	4,96	2,99	2,13	85
Eslovênia	5,18	5,55	5,17	3,47	2,52	26
Antiga Alem. Or.	5,17	5,56	5,27	3,80	2,46	20
Portugal	5,15	5,44	5,17	3,10	2,47	27
República Che.	5,03	5,14	4,92	3,51	2,45	31
Antiga Alem. Oc.	5,02	5,50	5,14	3,83	2,34	20
Hungria	4,99	5,30	5,11	3,04	2,73	35
Polônia	4,97	5,37	4,94	3,09	2,75	36
Eslováquia	4,88	5,06	4,96	3,33	2,88	42
Lituânia	4,85	4,96	4,82	3,47	2,62	39
Rússia	4,83	4,99	4,89	2,88	2,82	62
Bulgária	4,53	4,88	4,75	3,04	2,86	55
Entrevistados	45.800	44.936	44.936	24.796	24.829	

Fonte: Modificado de Blanchflower e Oswald (2005, p.13-14)

Entretanto, com base nos dados do World Values Survey (WVS)³⁶, referentes a 115.000 pessoas de 78 países, e do ISSP (2002), Leigh e Wolfers (2006)³⁷ fizeram várias correlações usando Felicidade, Satisfação, PIB e o IDH, apresentando-as em forma de gráficos.

Na figura 3.6.1, onde é apresentada a posição de alguns países na correlação entre Nível de Felicidade e Índice de Desenvolvimento Humano IDH, extraídos do Quadro 3.6.1. em contraposição aos comentários de Blanchflower e Oswald, Leigh e Wolfers afirmam que “[...] apesar da Austrália não se figurar como um paradoxo [...]” – título do trabalho – “[...] outros países se apresentam paradoxais”:

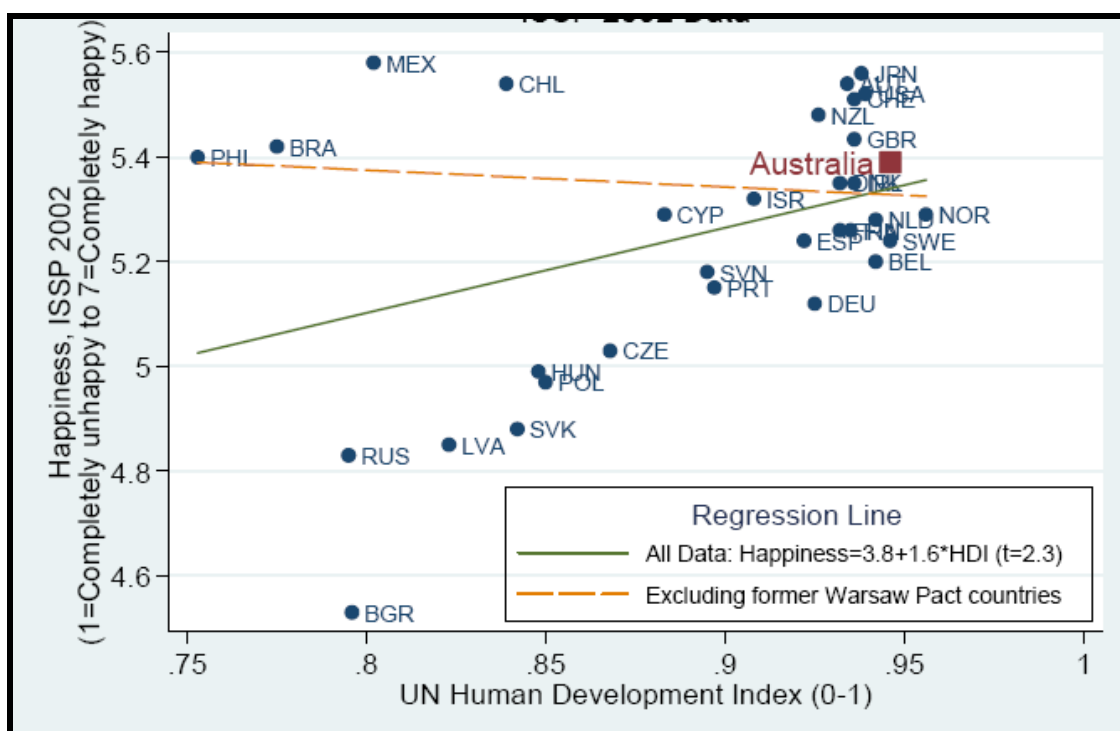


Figura 3.6.1 – Correlação entre Felicidade e Índice de Desenvolvimento Humano (ISSP, 2002).

Fonte: Modificado de LEIGH e WOLFERS (2006, p. 4).

³⁶ *World Values Surveys (WVS)* são uma série de pesquisas de opinião, com base em amostras nacionais probabilísticas de grande *N*, conduzidas por uma equipe internacional de cientistas sociais, sob a direção de Ronald Inglehart.

³⁷ Os dados foram incluídos de duas ondas de pesquisas separadas: Dos 78 países, 12 (inclusive a Austrália), foram analisados em 1995-97, enquanto 66 foram analisados em 1999-2000 (INGLEHART, 2005). Os WVS contêm questões sobre qualidade de vida, felicidade, satisfação, e percepções que facilitam a análise do comportamento social.

Apesar de países como as Filipinas, Brasil, México e Chile, terem um elevado nível de felicidade, apresentam índices relativamente baixos de desenvolvimento humano, destoando-se por estarem situados bem acima da linha média de regressão (Figura 3.6.1). Quando comparados com o bloco de países comunistas anteriores ao Pacto de Varsóvia (Bulgária, Rússia, Lituânia, Eslováquia, Hungria, Polônia, República Checa e Eslovênia), verifica-se que, apesar de apresentarem IDH alto, mostram-se particularmente infelizes. Caso estes países da coligação do bloco oriental sejam omitidos, a análise de regressão mostra um padrão diferenciado (conforme linha tracejada Figura 3.6.1).

Com o intuito de verificar a dissimilitude entre os termos satisfação e felicidade, Leigh e Wolfers (op. cit.) analisaram a diferença dos resultados entre Satisfação e IDH (Figura 3.6.2) e Felicidade e IDH (Figura 3.6.3).

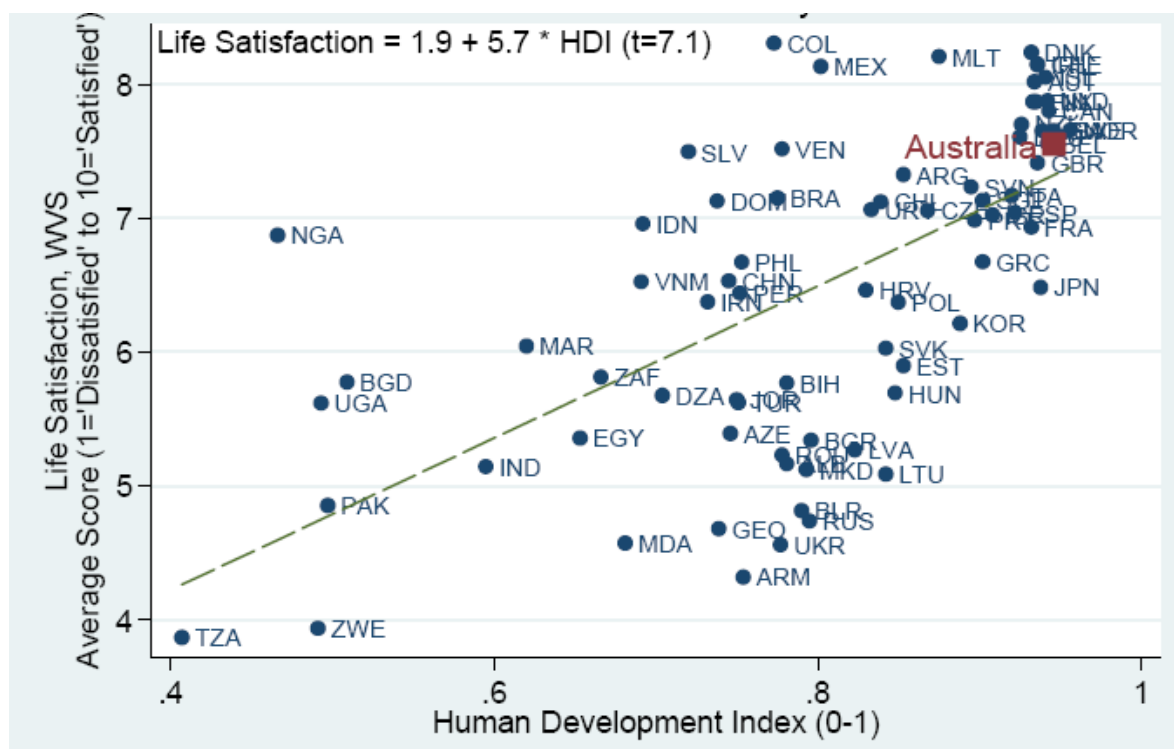


Figura 3.6.2 – Correlação entre Satisfação e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

Fonte: Modificado de LEIGH e WOLFERS (2006, p. 7)

Pela análise comparativa das inclinações das linhas de regressão média das Figuras 3.6.2 e 3.6.3, verifica-se que a correlação entre Felicidade e IDH é muito menor do que a correlação entre Satisfação e IDH, sugerindo que existe uma distinção importante entre Felicidade e Satisfação.

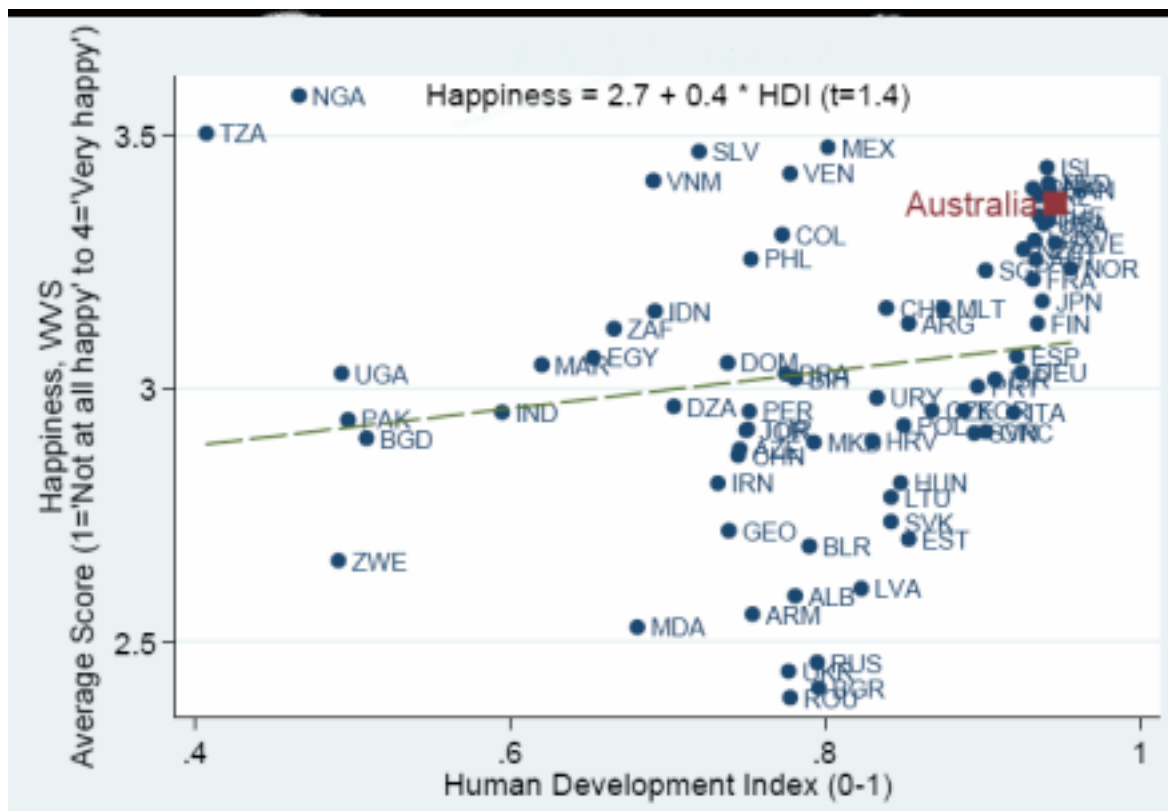


Figura 3.6.3 – Correlação entre Felicidade e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

Fonte: Modificado de LEIGH e WOLFERS (2006, p. 8)

Os autores concluem que, além do uso dos indicadores consagrados na literatura – Produto Interno Bruto *per capita* (PIB *per capita*) e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), o indicador Índice de Felicidade (IF), pode ser usado como referência para estudo de tomadas de decisões políticas. Comparativamente, mostram que as correlações entre Satisfação e Produto Interno Bruto *per capita* (PIB *per capita*) são positivas e muito maiores que as correlações entre Felicidade e PIB *per capita*.

Nessa linha de raciocínio, com o intuito de propor o 'Mapa da Felicidade para o Estado de São Paulo', as empresas Limite Consultoria e Pesquisas de Marketing e Sampling Pesquisa de Mercado³⁸, efetuaram uma pesquisa em março de 2004, consultando 5.952 entrevistados distribuídos por todas as regiões do Estado.

Conforme apresentado na Figura 3.6.4, o estudo revelou que, das 11 regiões mapeadas pela pesquisa, a cidade de São Paulo é aquela onde a população se declara mais feliz. Cerca de 39% dos paulistanos se declararam muito felizes, um índice 3 vezes maior do que a região do ABCD – periférica à cidade de São Paulo-, que apresentou o menor índice de pessoas que se declararam muito felizes, com 13%.

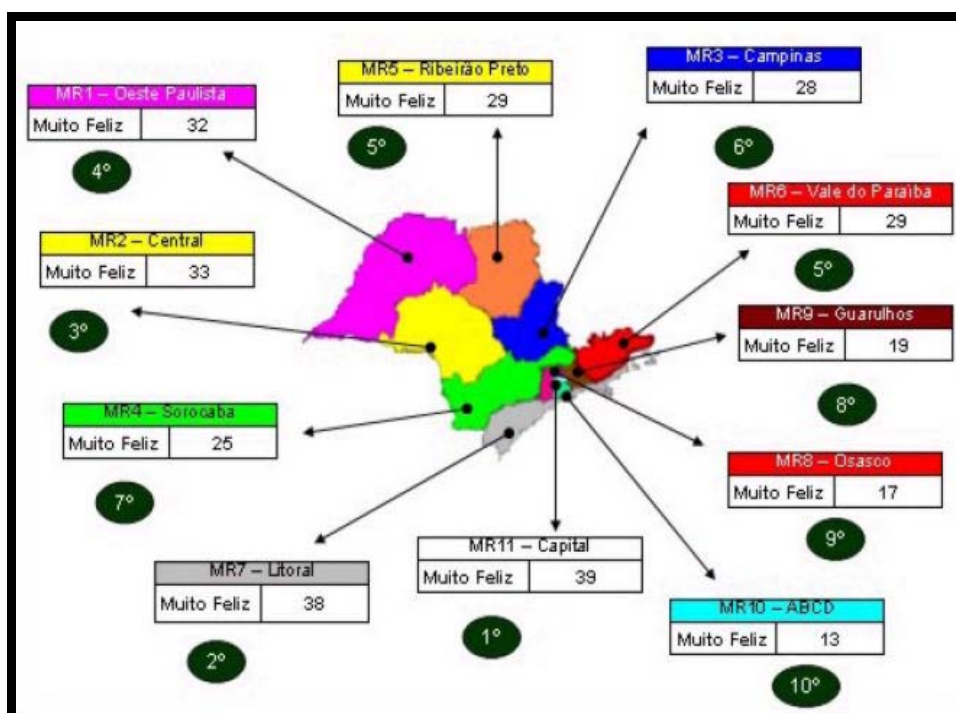


Figura 3.6.4 – Mapa da Felicidade do Estado de São Paulo.

Fonte: Limite Consultoria e Pesquisas de Marketing e Sampling Pesquisa de Mercado

A pesquisa aponta que, entre os moradores das grandes cidades, 25% se disseram muito felizes, contra 22% dos habitantes dos municípios menores, mostrando que o morador da grande cidade não é menos feliz que o morador de

³⁸ Site: <http://www.consumoemarcas.com.br> cons. em 06 jan. 2006.

cidade pequena. Os que se consideram felizes somam 59% dos entrevistados nas cidades grandes e médias e 57% nos municípios pequenos (Figura 6.7.5).

De maneira geral, o que se observa pela análise dos resultados é que o antigo conceito que afirmava que a felicidade seria alcançada na aposentadoria, com a compra de uma chácara no interior do estado, vivendo uma vida mais pacata da própria terra, passa a não ser aceito pela sociedade atual. A pesquisa conclui mostrando que as pessoas que se dizem mais felizes em geral são casadas, cultivam muitas amizades e têm vida social intensa.

3.7. QUESTIONÁRIOS: FERRAMENTAS PARA APOIO À PARTICIPAÇÃO DECISÓRIA

Em correspondência com o conceito de sustentabilidade³⁹, principalmente por meio das dimensões sociais e políticas, observa-se que, não há como planejar e realizar intervenções a favor da preservação do meio ambiente, da manutenção da saúde, das soluções de questões ecológicas ou da relação homem-natureza, sem considerar as relações sociais como um todo.

Nessa linha de raciocínio, na qual se busca compreender a natureza ou o ambiente, Capra (2003) observa que existem duas abordagens completamente diferentes sobre sustentabilidade: Uma de cunho científico, que afeta o estudo da matéria, correlacionando seus elementos fundamentais e procurando responder questões pertinentes à quantificação. E outra de base filosófica, resultando no estudo da forma, remetendo-nos aos conceitos de ordem e relações que envolvem a qualidade.

Entretanto, independentemente do tipo de variável que se está trabalhando, foi a partir da reflexão das relações do homem com a natureza, que se observou que são as qualidades de suas atitudes sociais, política, econômica, ecológica, ética, etc, que podem garantir ou não a sustentabilidade da sua própria espécie nos diferentes ecossistemas que ocupou e em que passou a tomar parte.

³⁹ Definido no Capítulo 3.: Embasamento Teórico.

Verifica-se que esta possível análise se aplica não só no que concerne a preceitos conceituais, mas também na busca de variáveis e índices que traduzam suas necessidades.

Dessa forma, extrapolando-se a seqüência lógica metodológica desse conceito – homem/natureza - para a área urbana, no âmbito das políticas públicas, observa-se que desde a implementação até a avaliação de programas governamentais, uma vez definido o objeto de estudo, parte-se para a coleta de dados e posteriormente a futura mensuração de seus atributos.

Dentre a série de dados possíveis de serem coletados, tais como o sexo, o grau de escolaridade, as opiniões sobre impactos, o estado civil, etc refletem a qualidade (ou atributo) do indivíduo pesquisado. Enquanto que, outros como a quantidade de filhos, idade, distância entre a moradia e o local de trabalho, que apresentam números como respostas, sendo resultantes de uma contagem ou mensuração traduzem a quantificação do indicador. As variáveis do primeiro tipo são definidas como qualitativas, e as do segundo tipo quantitativas.

No âmbito da pesquisa social qualitativa e quantitativa, Minayo (1994a, p. 22), considera que a primeira se preocupa em responder questões que não podem ser quantificadas, ou seja, trabalhando com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, não podendo ser reduzidos à operacionalização de variáveis; por sua vez, a pesquisa quantitativa, trabalha com dados matemáticos, passíveis de tratamento estatístico, apreendendo fenômenos visíveis da região “ecológica, morfológica e concreta”.

E complementa dizendo que a metodologia para exploração dos aspectos que compreendem questões sociais numa visão ampliada – ciências sociais e ciências da natureza – observa que “[...] a pesquisa social é sempre tateante, mas, ao progredir, elabora critérios de orientação cada vez mais precisos, “[...] a relação entre o pesquisador e seu campo de estudo se estabelecem definitivamente.” (MINAYO, op. cit., p.13).

Quanto ao objeto das pesquisas sociais, Minayo (1994b, p. 15) mostra que o conjunto de observações é “*essencialmente qualitativo*” (sic), e observa que “...mesmo que de forma incompleta, imperfeita e insatisfatória”, as pesquisas sociais, conseguem fazer uma aproximação da suntuosidade que é a vida dos seres humanos em sociedade.

Numa visão um pouco diferente, em trabalho sobre modelagem mental para pesquisa educacional, Kurtz dos Santos (2000, p.6), observa que a quantificação pode adicionar um entendimento significativo do comportamento do sistema que não é fornecido pelos modelos qualitativos ou semiquantitativos. E complementa “[...] a quantificação nem sempre pode ser atingida e alguns problemas possuem variáveis que não podem ser quantificadas, como, por exemplo, as relacionadas a aspectos sociais ou psicológicos.” Mesmo assim, apesar de alguns problemas serem difíceis de se quantificar, o autor conclui que a simples tentativa, pode adicionar considerável entendimento sobre o sistema.

Nessa mesma linha de raciocínio, (BUSSAB e MORETTIN, 2002, p. 9-11) observam que, em algumas situações, pode-se atribuir valores numéricos às várias qualidades ou atributos (ou eventos qualitativos) de uma variável qualitativa, num processo de transformação de variáveis. Dessa forma, desde que o procedimento seja passível de interpretação, procede-se à análise como se esta fosse quantitativa.

Segundo Pereira (2001, p. 21), “[...] o que se percebe é que a realização de pesquisas qualitativas, por vezes, requer a renúncia à precisão das medidas, sendo a representação aritmética de um evento qualitativo, uma estratégia para o processamento e a análise dos dados.”

Salienta-se que a interpretação dos resultados requer do pesquisador um retorno ao significado original de suas medidas. Observa-se que a necessidade da aproximação no campo da antropologia, por vezes, deve-se à técnica de pesquisa que se utiliza mais de dados qualitativos em suas abordagens, em contraposição à sociologia que, de maneira geral, conclui suas análises pautadas em técnicas quantitativas.

Sobre este tópico, embasado em aspectos filosóficos de Aristóteles⁴⁰, Pereira (2001, p. 52) faz referência ao trabalho de Werner Heisenberg de 1926 sobre o Princípio da Incerteza e sua contribuição não apenas no desenvolvimento da

⁴⁰ Nas suas *Categorias*, Aristóteles apresenta uma lista dos diferentes tipos de coisas que podem afirmar-se a propósito de um indivíduo. Essa lista contém 10 artigos: substância, quantidade, qualidade, relação, espaço, tempo, postura, vestuário, actividade e passividade. Faria sentido dizer, por exemplo, que Sócrates era um ser humano (substância), que media 1,50 m (quantidade), que era talentoso (qualidade), que era mais velho que Platão (relação), que vivia em Atenas (espaço), que era um homem do século v a. C. (tempo), que estava sentado (postura), que envergava uma capa (vestuário), que estava a cortar um pedaço de tecido (actividade) e que foi morto por envenenamento (passividade). (PEREIRA (op. cit. p.23).

mecânica quântica como à filosofia da ciência, alertando o pesquisador sobre a necessidade de incorporação da incerteza como estratégia de produção de conhecimento, concluindo que: "... ao trabalhar com variáveis qualitativas, o pesquisador estará eventualmente assumindo incertezas de medidas como: a alocação de uma observação em uma dada categoria e a relação entre as categorias[...]".

E sintetiza sua referência com o exemplo de medidas sobre iluminação pública onde, por restrições de leitura de equipamento, só consiga obter três valores (categorias), como: escura, média e clara. Observa que "[...] as medidas poderiam incorporar a incerteza sobre eventos onde os interesses seriam os valores intermediários ou extremos, tais como fraca ou muito clara." Complementando o raciocínio, diz "[...] é de se esperar que os possíveis erros de medida sejam aleatórios, ou seja, observações como fraca sejam reconhecidas ora como média e ora como escura, e ao final espera-se que os erros se anulem."

No exemplo da iluminação pública observa-se que, ao se atribuir códigos numéricos (criação de escala) 1, 2 e 3 para as diferentes categorias escura, média e clara, pode-se analisar as relações que tal ordem pode sugerir. Cabe ressaltar a necessidade de maior observação nos possíveis erros sugeridos das relações aritméticas resultantes, pois a criação de uma escala envolve o estabelecimento de premissas de relações entre atributos, configurando rótulos numéricos arbitrados pelo pesquisador. Por exemplo: a iluminação clara não equivale a três vezes a iluminação escura, por outro lado, é concebível admitir que toda vez que a iluminação cuja atribuição de ordem for de nível 3 sempre será superior a de nível 2 ou 1.

Julgou-se procedente reservar alguns parágrafos iniciais deste capítulo para distinção entre variáveis qualitativas e quantitativas, antes de abordar o assunto sobre elaboração e participação da população em questionários.

A heterogeneidade das condições de moradia no âmbito urbano, bem como a percepção de que existem dimensões relevantes socialmente específicas, que podem ser insuficientemente assumidas pelos técnicos quando de suas análises, expõe a necessidade de uma abordagem mais específica - "ouvir o povo". Não só no que concerne a sua conceituação, mas também na busca de variáveis e índices que traduzam suas necessidades.

A complexidade das formações societárias da atualidade impede que qualquer razão humana individual se imponha e aponte arbitrariamente o que deva ser executado por qualquer outro homem irrefletidamente. “Aos ditadores ainda de plantão no mundo, bem como aos líderes de nações poderosas, há organizações planetárias que declaram seus limites e cerceiam suas intenções pessoais.” (GOMES, 2003)⁴¹.

Em outras palavras, não há soluções que apenas uma pessoa, um único poder individualizado, consiga elaborar com tanta perfeição que as outras pessoas envolvidas vão se obrigar a realizar como se fossem meros programas de computador, robôs programados ou escravos. Exceto, ainda, em ações de fanatismo ou de abuso de poder de grupos isolados, como em Madri⁴², quando os que executam não pensam ou não podem realmente pensar no que estão fazendo, há uma tendência crescente de o ser humano agir a partir do momento que entende a “razão” da ação, os motivos, as justificativas e se deixa convencer por esses esclarecimentos. Ao contrário, a ação pode ser de boa intenção, mas acaba improdutiva socialmente.

Democracia, modelos circulares de gestão nas organizações, concepções teóricas e ações concretas de agrupamentos humanos, poucos saberiam dizer ao certo qual surgiu em primeiro lugar e qual veio por influência do outro, mas seja por teoria ou por experiência vivida, os homens evoluem seus sistemas sociais através da participação, pois ela é a própria impulsionadora da evolução (GOMES, 2003, p. 5).

Necessidade de mão de obra disponibilidade, e problemas ambientais, por vezes interagem em soluções apenas por que há interações humanas, profissionais e técnica.

Sobre esse assunto, Arnstein (2002) deixou uma contribuição valiosa com respeito a podermos analisar e auto-analisar até que ponto os esforços de uma abordagem participativa num determinado sentido estão caminhando com qualidade e dando seus frutos conforme o esperado. A tipologia proposta, conforme Quadro

⁴¹ Entrevista com o sociólogo Marcos Affonso Ortiz Gomes em 29 out. 2003.

⁴² Em 11 de março de 2004, um grupo de terroristas atentou contra vários trens próximos a Madri. O número de vítimas atingiu quase 200 mortos e 1400 feridos. <http://www.clarin.com/diario/2004/03/12/i-00316.htm> - cons. 07 fev. 2006

3.7.1, segue uma metáfora de “escada”, na qual “cada degrau corresponde à amplitude do poder da população em decidir as ações e/ou programas” que a afetam.

Quadro 3.7.1 – Oito degraus da escada da participação cidadã.

8	Controle cidadão	Níveis de poder cidadão
7	Delegação de poder	
6	Parceria	
5	Pacificação	Níveis de concessão mínima de poder
4	Consulta	
3	Informação	
2	Terapia	Não-participação
1	Manipulação	

Fonte: Modificado de Arnstein (2002, p. 6)

Abaixo dos primeiros itens, considerados como não-participação, colocam-se apenas as relações sociais da coerção verbal, da coerção violenta, da escravidão e outras formas de domínio humano sobre outras pessoas e que ainda são notícias freqüentes no nosso planeta.

Na interpretação de Gomes (op. cit., p.9), sobre a análise de dois dos oito itens do Quadro 3.7.1, verifica-se com relação a **Pacificação** (5), que se posiciona no último degrau no nível de concessão mínima de poder. O autor comenta: “Ela é uma forma de inspiração na tentativa de tapar o sol com a peneira, se analisamos sob um nível de sofisticação mais elevado de distribuição de poder entre os atores sociais, contudo, é um estágio evoluído da sociedade contemporânea.” E complementa dizendo:

Quando reivindicações ou exigências mais complexas são impostas e não há condições ou vontade política institucional de atendê-las ou encaminhá-las para centros de poder com maior autonomia de intervenção, procura-se pacificar o grupo com doações ou soluções que não correspondem exatamente às demandas colocadas, mas a algum valor que acaba levando esse grupo a ficar em paz (GOMES, 2003, p. 9).

Observa-se que numa sociedade cada vez mais politizada e consciente dos seus direitos como a brasileira, a pacificação tem sido uma maneira de concessão de poder muito utilizada pelas organizações públicas e privadas. Por exemplo, dentro e fora dos partidos políticos, das empresas, dos movimentos sociais, das diferentes esferas de governo, etc., há uma prática de ceder alguma coisa sem uma sintonia específica com a demanda ou com a necessidade apresentada pelo lado mais fraco da correlação de forças e de poder.

Segundo Gomes (op. cit., p.11), no nível de maior sofisticação na escada da abordagem participativa, o degrau **Parceria** (6), “[...] tem sido o mais apontado como ideal, na grande maioria dos discursos recentes, nas mais diversas esferas de relações sociais no Brasil da atualidade. Parceria pressupõe negociação de objetivos comuns entre os atores que formam o conjunto parceiro.”

Este degrau pertence ao campo, chamado por Arnstein (op. cit., p. 11) “Níveis de poder cidadão” pois aposta-se na habilidade de co-gestão e cooperação do parceiro. Para isso, deve haver o respeito ao saber do outro, o diálogo e a empatia, ou seja, o esforço em colocar-se no lugar do outro e procurar enxergar o mesmo fato ou objeto por meio da sua visão, enfim, estabelecer campos de compreensão mútua.

Os frutos das iniciativas de prevenção nas áreas de segurança, meio ambiente e saúde, respeitando as dimensões da sustentabilidade, são quase sempre certos (GOMES, op. cit. p.12).

Não se pode ainda falar de uma tendência do desenvolvimento das sociedades em direção a colocar outras formas de interação neste degrau tão alto da escada da participação; contudo, temos de tomar consciência de que ele representa uma possibilidade concreta no estabelecimento da abordagem participativa e, para alguns casos de partilha elevada de responsabilidade, da partilha também elevada de poder de decisão e de ação.

Para Gomes (op. cit. pg. 8), ao analisar a posição dos grupos envolvidos na definição de metas observa:

Sem cooperação não há competitividade, esse tem sido o grande lema da última década, bem como um forte dilema. Se isso pode ser considerado como consolidado para que as organizações humanas alcancem seus objetivos, especialmente nos resultados econômicos, no caso da

interseção das áreas de segurança, meio ambiente, planejamento urbano e saúde, ela é condição 'sine qua non' para que os esperados resultados mais consistentes apareçam (GOMES, 2003, p. 8).

Não se pode falar apenas de condições técnicas para que os conhecimentos se entrelacem diante de problemas complexos. O aspecto da multi, inter e transdisciplinaridade, apesar de ainda muito mal resolvido na formação acadêmica, é questão crucial para obtenção de resultados duradouros.

Leff (2002) define o conceito de transdisciplinaridade, no âmbito da Educação Ambiental como:

Um processo de intercâmbio entre diversos campos e ramos do conhecimento científico, nos quais uns transferem métodos, conceitos, termos e inclusive corpos teóricos inteiros para outros, que são incorporados e assimilados pela disciplina importadora, induzindo um processo contraditório de avanço/retrocesso do conhecimento, característico do desenvolvimento das ciências (LEFF, 2002, p.83).

Comunidades têm seus "modus operante" diferenciados, de acordo com suas especificidades, participando das necessidades características e culminando em visões de mundo e objetivos próprios.

Dentro de certos padrões, para que a academia possa contribuir como mediador ou indutor de conceitos e a sociedade como gerador de informações, ambos exercendo seu papel de cidadania abarcados pela bruma do desenvolvimento sustentável, pode-se elencar, com imparcialidade, variáveis que de certa maneira, traduzam seus anseios.

Na medida em que se pretende entender o fantástico dinamismo real dos agrupamentos, nos atendo a zonas urbanas consideradas como degradadas ou aquelas lembradas apenas nos exemplos como "malsucedidas", observa-se a possibilidade do uso da abordagem participativa.

Não obstante, no caso do Brasil os resultados da pesquisa de opinião, assolar os meios de comunicação principalmente em períodos eleitorais, nos países de tradição democrática, são freqüentemente empregadas no processo de formulação de políticas públicas, funcionando como consulta a população sobre diversos assuntos de interesse público (CRESPO, 2003, p.65).

Verifica-se que, as atitudes e comportamentos presentes na sociedade podem ser poderosas fontes de informação, medindo aqueles fenômenos (socioculturais) afetos ao comportamento de seus atores.

O processo de formulação de políticas públicas, devidamente contextualizadas histórico-sócio-culturalmente, é grandemente influenciado pela percepção que os indivíduos têm da realidade (CUNHA e COELHO, 2003, p. 55)

Durand (1988) em sua análise sobre 'A Imaginação Simbólica' salienta que os mitos não são exclusivos de populações indígenas, mas existem também nos países do Terceiro Mundo, entre populações de caçadores, extrativistas, pescadores, habitantes de florestas tropicais e agricultores itinerantes que vivem ainda parcialmente afastados da economia de mercado, podendo ser definidas da seguinte forma:

A consciência dispõe de duas maneiras de representar o mundo. Uma, direta, na qual a própria coisa parece estar na mente, como na percepção ou na simples sensação. A outra indireta, quando, por qualquer razão, o objeto não pode apresentar-se à sensibilidade 'em carne e osso', como, por exemplo, nas lembranças da nossa infância, na imaginação das paisagens do planeta Marte. Em todos esses casos de consciência indireta, o objeto ausente é rerepresentado à consciência por uma imagem, no sentido amplo do termo (DURAND, 1988, p. 14)

Quanto à análise e interpretação de dados, verifica-se na literatura, que tanto uma quanto a outra deve ser encarada como algo indissolúvel e contidas num mesmo movimento: o olhar atento para todas as fases da pesquisa, mas principalmente na fase da abordagem participativa com a aplicação dos questionários (coleta de dados).

Dentre as várias formas para a abordagem participativa, a marca primordial é a flexibilidade e a criação de um ambiente de descontração, onde os métodos são apenas meios que podem ser modificados, recriados e adaptados em cada situação (GOMES op. cit., p. 29).

Dentre uma série de métodos utilizados mundialmente pelos pesquisadores para obtenção de dados em campo, pode-se observar:

- Entrevistas estruturadas, não estruturadas e semi-estruturadas - Este método está presente em inúmeras outras formas de pesquisas e abordagens participativas. Consiste em estimular uma conversa informal, descontraída, levantando informações de forma a não inibir o entrevistado e nem tão pouco provocar um bombardeio de perguntas, mal dando tempo à pessoa de respirar. Chama-se de “semi-estruturada”, porque a entrevista é conduzida mediante roteiro de temas previamente construído, sem perguntas formatadas;
- Me agrada x me incomoda - Consiste em levantar junto aos presentes o que agrada e o que incomoda no ambiente comunitário, que dizem respeito, por exemplo, a como as pessoas percebem a atuação da administração pública. As questões podem ser usadas para elicitare variáveis que poderão ser incluídas num modelo (KURTZ DOS SANTOS, op. cit. p. 13);
- Realidade e desejo - Consiste em estimular, provocar e questionar o ponto de vista dos presentes, de modo exploratório, em relação aos temas do roteiro. Levantam-se também as expectativas, as formas e os processos de como realizá-lo;
- Caminhada transversal - Caminhar dentro dos limites do entorno da Unidade (região, bairro, cidade) com um grupo de moradores próximos e representantes de outros atores sociais que quiserem acompanhar. Utiliza-se o ambiente como estímulo para registrar as percepções do universo cognitivo dos lugares, por meio de seus olhares e dos debates espontâneos que surgem durante a caminhada.
- Mapeamento participativo - A idéia é animar o grupo de interlocutores a desenhar um mapa ou construir uma maquete (sem escala) que represente o seu bairro.

Uma atitude importante do entrevistador, quando do desenvolvimento da pesquisa, é ser “neutro” com respeito ao conteúdo da resposta bem como se mostrar interessado nas possíveis idéias e opiniões que paralelamente forem se mostrando presentes durante as entrevistas (FERRARA, 1993; BOSI, 2003; SANT’AGOSTINO, 2001; GOMES, 2003;).

A participação, assim como a descentralização das decisões, tem se mostrado como sendo o caminho mais adequado para se enfrentar os inúmeros

problemas de uma comunidade e na sua relação com os órgãos governamentais. “A participação não deve ser vista meramente como um instrumento necessário para a solução dos problemas, mas sim como uma necessidade do homem de se auto-afirmar, de interagir em sociedade, de criar, de realizar, de contribuir” (GOMES, op. cit., p.46).

A observação do cotidiano por meio da aplicação de questionários produzidos pelos sujeitos da pesquisa implica diversidade tão grande que exige a criação de representações visuais como gráficos, esquemas, tabelas e mapas, em complementação dos modos narrativos.

Nesse ponto torna-se importante justificar o fato do investigador apresentar premissas de juízo subjetivo, ou melhor: possíveis inconsistências entre atributos ou correlações entre os mesmos pode remeter a adaptações de conhecimento do objeto pesquisado, lembrando que é uma peculiaridade da mensuração em geral, quer seja qualitativa ou quantitativa, assumir pertinência da relação entre os atributos e sua representação numérica.

3.8. TRATAMENTO ESTATÍSTICO

Atribui-se a Galileu Galilei a afirmação de que se deve medir o mensurável e transformar em mensurável o que, à primeira vista, não for. Nessa linha de raciocínio, ao reduzimos os dados qualitativos – principalmente aqueles afetos às ciências sociais – a indicadores de valor central, está-se buscando transformar conceitos subjetivos, por vezes vagos, em rotinas metodológicas para tratamento das incertezas dos dados.

Massad (apud PEREIRA, 2001, p.20), ao apresentar um arcabouço teórico para o tratamento de dados lembra que: Frege em 1879 parte das incertezas relativas aos dados qualitativos, o qual já em 1879 fornece uma realização parcial do *caluculus ratiocianator* de Leibniz. Posteriormente, em 1905, Peirce afirmou que tudo o que existe é contínuo, e esse contínuo governa o conhecimento. Anos mais tarde, Russel, em 1923, afirmou que tanto os conceitos vagos como a precisão eram características de linguagem, e não propriamente realidade. Lukasiewicz, em 1920, deu o primeiro passo na direção de um modelo formal dos conceitos vagos, uma nova lógica baseada em outros valores possíveis além do falso e verdadeiro apenas.

Ele concordava com Peirce que os conceitos vagos se originavam do contínuo, e com Russel de que estes têm graus e números atribuídos que indicam graus para cada particular conjunto contínuo. Zadeh, em 1964, estabeleceu o problema dos conceitos vagos, contrariando Lukasiewicz e Black, ele estudou o problema de conceitos vagos corretamente e detalhou os mecanismos da teoria dos conjuntos nebulosos. A idéia principal de Zadeh era a noção de graus de pertinência, de acordo com os quais um conjunto poderia ter elementos que pertenciam parcialmente a ele. Assim, se assumirmos que X é o conjunto universo, o subconjunto nebuloso A de \bar{X} é associado com a função característica:

$$\mu_A : \bar{X} \rightarrow [0,1] \quad (3.8.1)$$

geralmente chamada de função de pertinência. A idéia é que para cada \bar{X} , μ_A indique em que grau \bar{X} pertence a A .

De certa maneira, várias têm sido as tentativas de se tratar as incertezas dos dados qualitativos. Dentre elas, pode-se utilizar a estratégia da transformação de dados semi-parametrizada, ou melhor: redução da dimensionalidade das variáveis a partir de transformações de dados qualitativos em parâmetros quantitativos (PEREIRA, 2001, p. 21). Os capítulos seguintes buscam embasar teoricamente tais transformações.

3.8.1. Mensuração de atitudes

O psicólogo quando analisa os objetivos pelos quais lutam indivíduos e grupos – diferentemente do historiador – transfere o foco de sua atenção para o indivíduo e sua reação a determinadas condições históricas, procurando identificar as funções psicológicas mais ligadas à estabilidade e à mudança das instituições e dos costumes. De certa forma está analisando sob qual ‘ponto de vista’ o indivíduo está agindo, qual sua perspectiva e concepção dos problemas que enfrentam. A esses fenômenos Asch (1971, p. 438) denominou com um termo impreciso e amplo – atitude –, comentando que “[...] sua distribuição obedece a leis, pois é uma função da participação no grupo ou da posição na classe social ou na casta.”

Pesquisas mostram ⁴³ que quase todos os indivíduos são capazes de classificar hierarquicamente o grau de importância ou de apreciação diante de questões que fazem parte do seu cotidiano.

A verificação quantitativa da distribuição dessas opiniões em grupos e sua relação com vários fatores é denominada por ‘mensuração de atitudes’ (ASCH, op. cit., p. 448)

Simultaneamente às pesquisas, que definem as atitudes do entrevistado, surgem as técnicas de organização de escalas.

Dentre as diversas escalas para obter índices de opinião, algumas (THURSTONE, 1929; LIKERT, 1932; BOGARDUS, 1925; etc), foram chamadas de racionais, pois foram planejadas para exprimir as reações dos indivíduos em função de unidades iguais e um ponto zero. Dessa forma é possível estabelecer uma afirmação quantitativa do grau de separação entre as escalas e um ponto em que não se encontram atitudes discerníveis (ponto zero ou ponto médio), o qual não assume o valor de nulidade, mas sim de posição entre eventuais códigos negativos e positivos.

O fato de existir a oposição semântica, implícita na escala de Likert pela presença do ponto médio, contribuiu para que Osgood (1969), em suas pesquisas sobre o desenvolvimento de estratégias psicométricas desenvolvesse sua teoria do diferencial semântico “The Measurement of Meaning”⁴⁴.

O processo desenvolvido para construção de escala de atitudes de Likert, contém certo número de afirmações isoladas, mas dispensa a avaliação por juízes – tal qual Escala de Thurstone – usando em seu lugar uma técnica diferente para selecionar afirmações. O entrevistado responde a cada afirmação, escolhendo uma das cinco respostas: aprovo totalmente; aprovo parcialmente; sem opinião; desaprovo parcialmente; desaprovo totalmente. A resposta a cada afirmação é uma

⁴³ Por exemplo pesquisa sobre Felicidade no Estado de São Paulo apresentada no Capítulo 3.6.

⁴⁴ Utilizando uma escala de sete pontos com categorização nos extremos da medida, Osgood registrou impressões de pessoas sobre alguns conceitos que pretendia analisar. Esses conceitos são apresentados numa seqüência vertical, em cada linha referia-se a um conceito e cada extremo de linha levava um rótulo de significado oposto ao outro extremo. Após interligar os pontos escolhidos por cada respondente, para cada conceito, pode-se analisar sua identificação semântica, através da comparação entre as diferentes representações gráficas (OSGOOD, 1969, apud. PEREIRA, op. cit., 65)

classificação quantitativa dos pontos, que vão de 1 a 5. Obtém-se a nota para toda a escala somando-se os pontos obtidos em cada afirmação.

Dessa forma define-se o sentido e orientação da escala, sendo que a ordem aritmética dos números não reflete, necessariamente, a ordem hierárquica dos atributos. Assim, o uso dessa escala poupa o pesquisador de ajuizar relações entre atributos e medidas, é claro que não o exime de assumir algumas premissas, conforme comentado acima (BUSSAB e MORETTIN, 2002, pp. 14).

Asch (op. cit., p. 451) observa que escalas de atitudes nos dão informações sociológicas, ou ‘quanto de certa atitude existe num indivíduo’, necessitando de estudos de experiências e observação de funcionamento para solucionar questões psicológicas. Observa também que o mesmo processo, medido em posições diferentes da escala e em indivíduos diferentes, resulta em resultados semelhantes, variando ao longo de uma mesma dimensão escalar⁴⁵.

Historicamente, a grande vantagem do uso da escala de Likert reside no fato de que ela tem a sensibilidade de recuperar conceitos de manifestação de qualidades, principalmente na constatação da oposição entre os contrários, partindo da verificação do gradiente de opiniões, levando-se em conta as possíveis situações intermediárias e reconhecendo uma adequada relação entre a precisão – fineza com que se realiza a medida e a acurácia – capacidade de representar bem o objeto medido (PEREIRA, op. cit., p. 65).

Dentre os quatro tipos de escalas (nominal - mede atributos equivalentes; ordinal – distinção em intensidades; intervalar – quantidades de intervalos de atributos; e, proporcional – proporcionalmente em valores de escala), as últimas três podem ser codificadas de forma que seus códigos representem as relações hierárquicas entre as categorias. Para Frude (1987, p. 26) “[...] a codificação deve ter alguma lógica e o investigador deve respeitá-la em todas as medidas que realizar [...]”

Em contrapartida, determinados autores como Minayo (1994) ou Macnaughton (1996) dentre outros, optam por afirmar que arbitrar valores ou

⁴⁵ Riker (1949, apud. ASCH, 1971) demonstrou que a auto-avaliação, numa série de diferentes atitudes, é tão precisa quanto os dados correspondentes da escala e os dois conjuntos de dados têm uma correlação alta, produzindo essencialmente as mesmas distribuições.

códigos numéricos em pesquisas qualitativas, no campo das ciências sociais, não consegue refletir o universo de valores possíveis do fenômeno estudado.

A realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante. Essa mesma realidade é mais rica que qualquer discurso que possamos elaborar sobre ela. Portanto, os códigos das ciências que por sua natureza são sempre referidos e recortados são incapazes de contê-la (MINAYO 1994b, p. 15).

Os artigos de Behague e Ogden (1996); Fitzpatrick e Boulton (1996); Britten (1996), mas principalmente Pereira (2001), comentam a afirmação acima salientando que, por vezes, a impropriedade das relações aritméticas dos códigos não se refere à impossibilidade de atribuição de códigos, mas à incorreção dessa atribuição de códigos na criação da escala. Em resumo, os autores afirmam que a mensuração qualitativa é uma medida derivada, que não se realiza diretamente sobre o fenômeno de interesse, mas sobre as manifestações desse fenômeno.

3.8.2. O “rebelde” dado qualitativo

“O dado qualitativo é uma forma de quantificação do evento qualitativo que normatiza e confere um caráter objetivo à observação do pesquisador científico. É uma estratégia de classificação de um fenômeno aparentemente imponderável que, ao se fixar premissas de natureza ontológica (intrínseca) e semântica (signos), faz-se o reconhecimento do evento, a análise de seu comportamento e suas relações com outros eventos” (PEREIRA, op. cit., p.21).

Dessa forma, os dados qualitativos podem converter-se numa fórmula quase quantitativa. Entretanto, por vezes, os dados são tão “rebelde” a tratamentos qualitativos que geram dificuldades em sua parametrização. Esse fato está particularmente presente (conforme já comentado) nas ciências sociais e, em algumas situações, cada vez mais prevalentes nos aspectos voltados para a geografia, ecologia humana e saúde.

Assim, por exemplo, a análise clássica dos Indicadores Sociais de Qualidade de Vida (Mapa de Exclusão Social – 1996; Indicadores IQVU de Belo Horizonte – 1996; Indicadores IDH ONU/PNUD – 1999 e Indicadores de Qualidade de Vida

publicados na Folha de São Paulo 1999/2000), baseada na adoção de símbolos numéricos e premissas aritméticas para a sua representação – médias ponderadas e gerais –, habilita o pesquisador a analisar o evento com a versatilidade dos números e suas operações. O que se observa, na verdade, são dois momentos de medida: um primeiro de classificação individual e um segundo de descrição de um conjunto de observações.

Numa comparação genérica entre metodologias de análise de eventos qualitativos, Greenhalg e Taylor comentam:

Pesquisa quantitativa deveria começar com uma idéia (normalmente articulada como uma hipótese), e então, através de medidas, gerarem dados que, dedutivamente permitiriam chegar à conclusão. Pesquisa qualitativa, em contraste, começaria com uma intenção para explorar uma área particular, coletaria 'dados' (observações e entrevistas), onde gerariam idéias e hipóteses. À partir destes dados pelo que é conhecido como raciocínio indutivo (GREENHALG e TAYLOR, 1997, p. 742).

O princípio da suposta disputa entre a abordagem qualitativa (pesquisa qualitativa) e quantitativa (análise dos dados) de eventos (objetos) qualitativos parece residir particularmente nos conceitos de mensuração e objetividade. Se por um lado, a análise de dados qualitativos se desqualificaria por se propor a medir o imponderável, por outro, a pesquisa qualitativa seria desautorizada por seu componente subjetivo.

Quanto a esse aspecto, Ferrara (2000, p. 24) observa que a estratégia da pesquisa retira da realidade a flexibilidade da vida cotidiana para atribuir-lhe a dureza da observação.

A relação tencionada entre demonstrar e interpretar recoloca a questão das análises quantitativas e qualitativas como impossíveis de serem operacionalizadas separadamente, visto que, dessa forma, acabam por sugerir uma dimensão mecânica da realidade, seja quando a substituímos por quadros estatísticos e números ou quando a travestimos com a armadilha retórica do discurso (FERRARA, op. cit., p.25).

De certa forma, autores diversos (BUNGE, 1976; FERRARA, 2000; PEREIRA, 2001, dentre outros) concordam que a estratégia metodológica transforma a realidade à partir de relações aparentemente preestabelecidas, de tal forma que um determinado evento, uma vez contextualizado, passa a dar fundamento aos passos da pesquisa.

Decodificar esses conhecimentos acumulados num ambiente urbano, por vezes fragmentados e ilegíveis passa a ser o marco a ser alcançado. A essa operação – reter e gerar informação sobre a cidade – Ferrara (1993, p. 18) denomina como: percepção urbana.

3.8.3. Interpretando escalas

Para Pereira (op. cit., p. 67), mesmo que a escala de medida qualitativa seja tratada como uma dimensão única, verifica-se que na verdade ela é multidimensional, onde suas dimensões são funções das categorias de suas respectivas escalas. Caso o pesquisador recorra às medidas de tendência central: moda (para a escala nominal); moda e mediana (escala ordinal) e média, moda e mediana (para a escala intervalar e proporcional), observa-se que, em alguns casos, elas podem informar mal sobre o comportamento de fenômenos. O exemplo seguinte aborda essa questão:

A Figura 3.8.3.1 esquematiza o resultado da avaliação da população do Bairro Antenor Garcia em relação à presteza no atendimento médico no posto de saúde Dr. Ernesto Pereira Lopes.

O que se quer medir é o grau de satisfação, mas, como se trata de um evento qualitativo são medidas suas manifestações, cujas respostas ou opiniões podem ser tratadas como uma escala ordinal. A melhor descrição do conjunto das observações seria que “Ótimo” corresponderia à moda e à mediana, o que sugeriria que o grau de satisfação da população seria, portanto ótimo. Frequentemente, resultados dessa natureza são apresentados – inclusive pela imprensa - como sendo 50% de ótimo a bom e 50% de péssimo a ruim, implicando numa aceitação implícita de que bom seja igual a ótimo e que péssimo seja igual a ruim. Ou que, metade da população do bairro está descontente com a presteza no atendimento e, em contrapartida, a outra metade está satisfeita com a agilidade no atendimento médico.

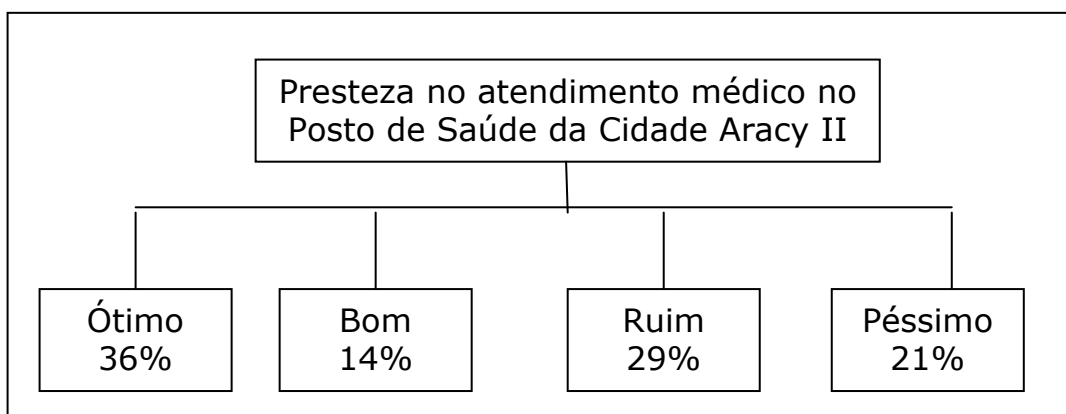


Figura 3.8.3.1 – Exemplo de Medida de Grau de Satisfação da população do bairro Antenor Garcia em relação ao atendimento médico do Posto de Saúde Aracy II.

Fonte: Adaptado de Pereira (op. cit. , p. 68)

Tratando-se os dados da Figura 3.8.3.1 de forma escalar intervalar, obtêm-se os valores conforme Quadro 3.8.3.1.

Os resultados agora indicam que, para o grau de satisfação para a questão agilidade no atendimento médico do Posto de Saúde Dr. Ernesto Pereira Lopes, existe uma tendência no sentido de ótimo, com uma intensidade de 7,5% (43% - 35,5%), num intervalo de 0 a 100%.

Quadro 3.8.3.1 – Medida de Grau de Satisfação no Atendimento Médico do Posto de Saúde.

Categorias de opinião	Freqüência	Categorias de opinião	Freqüência	Categorias de opinião	Freqüência
Ótimo	36%	Ótimo	36%	Ótimo	43%
Bom	14%	½Ótimo	14%		
Ruim	29%	½Péssimo	29%		
Péssimo	21%	Péssimo	21%	Péssimo	35,50%

Org: o autor (2006)

Atribuindo-se códigos que representem o diferencial semântico e sua regularidade intervalar, foi possível obter-se igual valor, onde o sinal negativo ou positivo indica apenas o sentido semântico da medida, conforme exemplificado:

$$\text{Grau de Satisfação} = \left(\frac{1 \times 36 + 1/2 \times 14 - 1/2 \times 29 - 1 \times 21}{100} \right) = 0,75 \text{ ou } + 7,5\%$$

Pereira (op. cit., p. 72) comenta as diferentes formas de interpretação que se aplicam aos axiomas do cálculo probabilístico, apresentando principalmente a clássica ou estocástica – onde o foco está na probabilidade de ocorrência de diferentes formas de apresentação do evento (categorias), e a epistêmica – que busca expressar numericamente graus de incerteza sobre o evento, ou mais precisamente a tendência de comportamento do fenômeno estudado, ou ainda a propensão de ocorrência de eventos.

3.8.4. Análise bidimensional – processamento de redução de dimensionalidade

Um conjunto de dados pode ser analisado sob vários aspectos estatísticos, em função das relações que o compõem. Fazem parte desse grupo: a análise bidimensional que, dependendo da natureza das variáveis envolvidas, podem ser chamadas de análises quantitativa-quantitativa, quantitativa-qualitativa e qualitativa-qualitativa; e a análise de itens.

Relações com duas variáveis, são conhecidas por análise estatística bidimensional (BUSSAB e MORETTIN, 2002, p. 69), cujo objetivo principal é explorar relações (similaridades) entre as colunas onde, dependendo da natureza das variáveis, qualitativa ou quantitativa, podem ser expressas na forma de: gráficos, tabela de distribuição conjunta e medidas de associação.

Miles e Huberman (1984) recomendam o uso de representações visuais, como gráficos ou esquemas para análises de dados qualitativos, de tal forma que sobressaíam as diferentes categorias. Alertando que o fator decisivo na simplificação do processamento e análise de variáveis qualitativas é, após a observação do objeto – coleta de dados –, buscar a redução de sua dimensionalidade. Isto é, após aferição dos resultados, utilizando-se diferentes medidas, concluir o estudo com uma medida geral.

Como exemplo pode-se citar a estratégia de análise reduzida ao comportamento das modas (categoria de maior ocorrência), possibilitando identificar as variáveis de maior importância.

Pereira (op. cit., p 78) lembra que, as possibilidades de processamento estão relacionadas ao tipo de variável categórica, ao tipo de medida e à estratégia de sua codificação. A codificação de variáveis categóricas pode ser feita de forma que seus códigos representem as relações hierárquicas e aritméticas entre as categorias, respeitando-se alguma lógica em todas as medidas que forem realizadas.

Um dos processos de análise consiste em assumir medidas de atributos – categorizadas pela escala de Likert (1932) – em intervalos regulares de cinco categorias, denominado como “[...] fixação de premissa de escala proporcional para processamento e análise [...]”.

Utilizando-se a teoria de Osgood (1969) sobre o diferencial semântico – comentado no capítulo 6.9.1 – o autor propõe a codificação das cinco categorias, passando pelo ponto médio com os valores -2; -1; 0; 1; 2, reservando-se a posição “sem opinião” para corresponder a um zero absoluto (PEREIRA, op. cit., p. 81).

Em algumas situações podem-se atribuir de valores numéricos às várias qualidades ou atributos (ou, ainda, classes) de uma variável quantitativa e depois proceder-se à análise como se esta fosse quantitativa, desde que o procedimento seja passível de interpretação (BUSSAB e MORETIN, 2002, p. 10).

Dessa forma, conforme comentado anteriormente, o resultado final é a redução da dimensionalidade, quer sejam das variáveis, do indicador ou do fenômeno – índice – estudado (Grau de Satisfação, Impacto devido Decisão Política, Nível de Felicidade, etc).

Para tanto, pode-se considerar a computação de um único indicador que concilie as medidas de todas as variáveis, de tal forma que, estariam sendo subdivididos em níveis de análise, onde o primeiro nível corresponderia a categorias nominais (por exemplo os indicadores), e o segundo nível suas respectivas variáveis ordinais (intensidade das categorias), levando-se em consideração as propriedades da escala intervalar proporcional (PEREIRA, op. cit. p. 84).

A estratégia de redução de dimensionalidade de uma variável só é possível mediante uma premissa de relações entre as categorias da variável.

3.8.5. Consistência dos dados alfa (α) de Cronbach

Um indicador é considerado bom quando todas as suas medidas integrantes têm uma relação coerente entre si no esforço de medir o fenômeno estudado. “...medidas coerentes de um mesmo objeto são aquelas que, embora o abordem sob um aspecto específico, mantêm alguma relação entre si, já que mensuram o mesmo objeto” (PEREIRA, op. cit. p. 86).

Dentre os métodos para medir a consistência ou a confiabilidade de um indicador pode ser através do coeficiente Alfa (α) de Cronbach (1951).

O α de Cronbach pode ser entendido como um coeficiente de correlação ao quadrado (R^2) entre os valores observados e os valores verdadeiros de um fenômeno estudado, trabalhando a relação entre covariâncias e variâncias internas das medidas. “Quanto mais as variações entre as medidas do fenômeno, realizadas pelas diferentes variáveis, superar as variações internas das variáveis individualmente, melhor será o indicador e, quanto maior o número de variáveis compondo o indicador, ‘melhor’ ele será.” (CRONBACH, op. cit., p. 298). A fórmula de cálculo do α de Cronbach é:

$$\alpha = \frac{k \text{ cov} / \text{var}}{1 + (k-1) \text{ cov} / \text{var}} \quad \textbf{(3.8.5.1)}$$

Na qual:

k = Número de variáveis consideradas

cov = Média das covariâncias

var = Média das variâncias

Considerando-se o intervalo de valores possíveis entre (0 – 1), e a complexidade do fenômeno que se busca medir, caberá ao pesquisador julgar se o nível alcançado é satisfatório, bem como verificações internas do sentido de orientação da variável. Caso ocorra correlações negativas (por exemplo, conforto do

transporte público e velocidade dos ônibus) o sentido de direção deverá ser mudado, multiplicando-se por -1 (PEREIRA, op. cit. p. 87).

As verificações de consistência dos indicadores podem auxiliar na identificação de variáveis que não se ajustam ao conjunto e cuja exclusão pode calibrar melhor o desempenho do indicador.

A confiabilidade = grau de confiança (*“reliability”*) é medida em termos do coeficiente da variância dos valores verdadeiros pela variância dos valores observados.

3.8.6. Análise multivariada

Análise fatorial é um nome genérico dado a uma classe de métodos estatísticos multivariados (análise de múltiplas variáveis em um único relacionamento ou conjunto de relações), cujo propósito principal é definir a estrutura subjacente em uma matriz de dados. Genericamente, a análise fatorial visa analisar a estrutura das inter-relações (correlações) entre um número grande de variáveis obtidas, por exemplo, por meio da aplicação de questionários, definindo um conjunto relativamente pequeno de dimensões latentes comuns, chamadas de fatores ou simplesmente dimensões (HAIR, Jr. et al., 2005). Essas variáveis, em termos sociais, podem estar de alguma maneira correlacionadas.

Por ser uma técnica de interdependência, na sua análise, todas as variáveis são simultaneamente consideradas, cada uma correlacionada com todas as outras. A apresentação dos resultados é feita pela composição linear das variáveis, sendo possível observar o poder de explicação do conjunto inteiro de variáveis.

Com a análise fatorial, é possível identificar as dimensões separadas da estrutura e então determinar o grau em que cada variável é explicada por cada dimensão. Uma vez que essas dimensões e a explicação de cada dimensão estejam definidas, os dois principais usos da análise fatorial – resumo e redução de dados – podem ser obtidos.

Resumir os dados significa obter dimensões latentes, que uma vez analisadas e interpretadas, descrevem os dados em um número muito menor de conceitos do que as variáveis individuais originais. A redução dos dados é obtida pelo o cálculo

de escores para cada uma das dimensões latentes e na substituição das variáveis originais por esses escores.

Segundo Hair, Jr et al. (op. cit., p. 91), se um número de variáveis é muito grande, ou se há a necessidade de representar melhor um número menor de conceitos, em vez de muitas facetas, a análise fatorial pode auxiliar na seleção de um subconjunto representativo de variáveis ou mesmo na criação de novas variáveis como substitutas das variáveis originais, e ainda mantendo seu caráter original, e explica:

“Se tivéssemos que esboçar uma analogia com as técnicas de dependência, seria no sentido de que cada variável observada (original) é uma variável dependente que é uma função de algum conjunto latente de fatores (dimensões) feitos eles próprios a partir de todas as outras variáveis.” E segue “[...] de maneira recíproca, podemos olhar para cada fator (variável estatística) como uma variável dependente que é uma função do conjunto inteiro de variáveis observadas.”

De maneira geral as técnicas analíticas fatoriais podem ser utilizadas sob dois aspectos: segundo a perspectiva **exploratória** – útil na busca da estrutura em um conjunto de variáveis ou um método para redução de dados –, ou sob a ótica **confirmatória**, onde o pesquisador tem preconcebido idéias sobre a real estrutura dos dados, baseado em pesquisas anteriores ou suporte teórico. Neste caso podem-se testar hipóteses envolvendo questões sobre agrupamento de variáveis ou o número de dimensões (fatores) que devem fazer parte da análise.

Quanto às suposições na análise fatorial, Hair, Jr. et al. (op. cit., p.98) comenta que, de um ponto de vista estatístico, os desvios da normalidade, da homoscedasticidade e da linearidade aplicam-se apenas no nível em que elas diminuem as correlações observadas, e complementa: “de fato, na análise fatorial, um pouco de multicolinearidade é desejável, pois o objetivo é identificar conjuntos de variáveis inter-relacionados.”

Entretanto, há a necessidade de verificar se a matriz de dados tem correlações suficientes para justificar a aplicação da análise fatorial. Dentre os diversos métodos (inspeção visual das correlações; correlações parciais; correlações anti-imagem, etc), pode-se aplicar o teste **Kayser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy (KMO)** (DILLON e GOLDSTEIN, 1984), que é um método estatístico que analisa a matriz de correlação inteira. Ele fornece a probabilidade

estatística de que a matriz de correlação tenha correlações significantes (consistência) entre pelo menos algumas variáveis. O índice obtido variando entre 0 e 1, pode assumir o valor 1 quando cada variável é perfeitamente prevista sem erro pelas outras variáveis.

Apesar da bibliografia (KAYSER, 1974) interpretar valores na casa de 0,6 como sendo de adequação medíocre dos dados à análise fatorial, outros pesquisadores (HAIR, Jr. et al., op cit., BORIN, 2006) consideram níveis de intensidade acima de 0,5 ou 0,6 como sendo satisfatórios para análises que abordem aspectos no âmbito social.

Outro teste que precede a análise fatorial com vistas à verificação de suas premissas é o de **Bartlett Test of Sphericity (BTS)** (HAIR, Jr. et al., op cit., p. 98), que, conforme Zambrano e Lima (2004) serve para testar a hipótese nula de que a matriz de correlação é uma matriz de identidade. Se essa hipótese nula se confirmar, o uso do modelo de análise fatorial deve ser reavaliado.

Quanto à seleção do método de extração dos fatores (análise de fatores comuns versus análise de componentes), depende inteiramente do objetivo do pesquisador, sendo que na análise de componentes o objetivo principal é resumir a maior parte da informação original (variância) a um número mínimo de fatores, possibilitando inferir previsões. Por outro lado, a análise de fatores comuns é usada para identificar fatores ou dimensões latentes que reflitam o que as variáveis têm em comum. Segundo Hair, Jr. et al. (op. cit., p. 99), as dificuldades das análises de fatores comuns têm levado para o amplo uso da análise de componentes. Pesquisas empíricas demonstram que tanto a análise de fatores comuns quanto a análise de componentes chegam a resultados essencialmente idênticos se o número de variáveis exceder a 30 (VELICER e JACKSON, 1990).

Após a transformação de um grande conjunto de variáveis em fatores, há a necessidade de se analisar o melhor critério de parada para a extração desses fatores. Dentre os diversos critérios, o de percentagem de variância garante a significância prática dos fatores determinados, onde: “[...] em ciências sociais, na qual as informações são menos precisas, não é raro considerar uma solução que explique 60% da variância total (em alguns casos até menos) como satisfatória.” (HAIR, Jr. et al., op. cit., p. 102).

A interpretação dos dados envolve a rotação dos fatores, isto é, rotacionar os eixos de referência dos fatores em torno da origem, procurando-se outras posições para os dados. De certa forma, a solução de fatores rotacionados extrai fatores em sua ordem de importância, onde o primeiro fator apresenta a maior parcela da variância, e os seguintes, resultados da parcela residual dessa variância. A redistribuição da variância busca um padrão fatorial mais simples e teoricamente mais significativo para o conjunto de dados.

Dentre os processos ortogonais desenvolvidos para a simplificação de linhas e colunas de matrizes fatoriais, o método VARIMAX tem sido bem sucedido como uma abordagem analítica para a rotação de fatores (HOFFMANN, 1999). Verifica-se que, sendo a intenção do pesquisador reduzir o número de variáveis para um conjunto menor de variáveis, não obrigatoriamente correlacionadas, para uso subsequente em regressão ou outras técnicas de regressão, a solução ortogonal se mostra mais interessante.

Na análise final interpretativa da matriz de componentes rotacionada identificam-se as maiores cargas apresentadas para cada variável analisada, identificando-se a comunalidade de cada variável. Nesta fase o pesquisador deve definir quais critérios devem ser utilizados para identificar as variáveis que atendam aos níveis de redução aceitáveis, levando-se em conta quais variáveis realmente contribuem para a pesquisa.

4. METODOLOGIA E PROCESSO

4.1. CONFECÇÃO E APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIOS

Partindo-se da hipótese, que para avaliar o GRAU DE SATISFAÇÃO de um indivíduo ou de uma população, melhor seria verificar, qual o elenco de questões que (se resolvidas) as tornariam mais satisfeitas, optou-se por iniciar a pesquisa com a aplicação de uma única pergunta:

O que te agrada e incomoda no bairro em que vive?

Para tanto, elegeu-se um bairro de formação muito jovem de nome Bairro Antenor Garcia (aproximadamente 15 anos) da periferia da cidade de São Carlos – SP, com a peculiaridade principal de ser habitado basicamente por cortadores de cana-de-açúcar, apanhadores de laranja e catadores de frango.

A consulta inicial (aplicação da única pergunta) foi efetuada de forma aleatória pelo bairro, em uma amostra total de 174 moradores, (Quadro 4.1.1).

Quadro 4.1.1 – Número total de pessoas consultadas com a pergunta “O que te agrada e incomoda no bairro em que vive?” e respectivos Estados de origem.

	SP	PR	PE	BA	PB	MT	RJ	MG	SE	Σ
MULHERES	31	25	-	2	1	-	2	4	3	68
HOMENS	49	41	1	2	2	8	-	3	-	106
Total	80	66	1	4	3	8	2	7	3	174
%	46	38	0,5	2,3	1,7	4,6	1,2	4	1,7	100

Org: o autor (2006)

As respostas obtidas foram agrupadas em seis temas abrangentes, resultando em seis Variáveis conforme apresentado no APÊNDICE A – Resumo dos aspectos que agradam e incomodam os moradores do bairro Antenor Garcia subdivididos em seis variáveis, que compreendem parâmetros relacionados ao bem estar dos cidadãos do bairro: HABITAÇÃO E AMBIENTE; SAÚDE; EDUCAÇÃO E LAZER; TRANSPORTES; SEGURANÇA e SOCIAL.

As respostas pertinentes a cada uma das seis Variáveis estabelecidas foram reescritas e transformadas em questões afirmativas ou negativas, resultando em um banco de dados denominado questionário abrangente, perfazendo um total de 76 questões (APÊNDICE B – Questionário abrangente para classificação das variáveis do grau de satisfação no bairro Antenor Garcia em São Carlos).

A quantificação amostral além de basear-se na proposta de Sanathanan (1972) considerando-se 5 categorias de respostas, também verificou o número total de chefes de família, o total de casas no bairro (1.024 casas) e aqueles moradores (excetuando) menores de 15 anos. Neste trabalho foi possível amostrar 365 pessoas distribuídas aleatoriamente por todo o bairro que, no início da aplicação dos questionários – setembro de 2004 – era constituído por 3.927 moradores. O ANEXO B – Determinação do tamanho da amostra (A) considerando-se o tamanho da população multinomial (N) com 5 categorias de respostas ($k=5$) apresenta o resultado da proposta de Sanathanan (op. cit., p. 152).

A análise das respostas resultantes da aplicação do questionário abrangente para o bairro Antenor Garcia, possibilitou “medir” a opinião ou a atitude (termo utilizado em pesquisa de marketing) dos moradores do bairro em termos do grau de concordância e discordância às questões então formuladas pelos próprios moradores do bairro.

Entretanto, em todo processo de medida há a necessidade de se definir a escala que se está trabalhando. Como estamos trabalhando com o componente afetivo da atitude – já que o que se quer avaliar é a satisfação do morador em relação às qualidades das variáveis – optou-se pela construção de uma escala de avaliação verbal.

Dessa forma, foram apresentadas aos moradores as opções de respostas, desde o extremo mais favorável até o extremo mais desfavorável, pela identificação e ordenação das categorias por meio de expressões verbais. O embasamento teórico para construção desta escala, foi baseado na proposta de Osgood (1969) denominada “Escala de Diferencial Semântico”, a qual foi parcialmente modificada neste trabalho, em termos de não exibir aos entrevistados uma escala de valores numéricos atrelada às categorias de respostas, bem como utilizar um número menor que sete categorias de respostas para cada questão.

Com o intuito de incrementar a precisão na medição, facilitando ao entrevistado uma melhor análise das nuances pró ou contra a cada questão, optou-se pela inclusão do referencial semântico na metodologia desenvolvida por Rensis Likert (1932), conhecida como escala de Likert. Sua proposta compreende uma série de afirmações relacionadas com o objeto pesquisado, onde os entrevistados são solicitados não só a concordarem ou discordarem das afirmações, mas também a informarem o seu grau de concordância/discordância.

Neste contexto, optou-se pela utilização de cinco categorias para respostas às questões, variando entre Concordo Totalmente (CT); Concordo Parcialmente (CP); Sem Opinião (SO); Discordo Parcialmente (DP) e Discordo Totalmente (DT) (APÊNDICE B - Questionário abrangente para classificação das Variáveis do Grau de Satisfação no bairro Antenor Garcia em São Carlos). Foram seguidas as orientações de Mattar (1997, p. 202) que propõe a inclusão da opção neutra “Sem Opinião” (ou “não tenho opinião formada a respeito”), quando da construção de escalas, alegando que: “[...] os respondentes nunca devem ser forçados, sob pena de obtermos respostas viesadas.”

Preliminarmente cada questão foi analisada isoladamente e correlacionado o fato do morador concordar ou discordar da questão expressando seu maior ou menor Grau de Satisfação. Aos vários níveis de concordância/discordância inseridos em cada casela, foram atribuídos valores que refletem a direção da atitude do entrevistado. Neste trabalho, usando-se as premissas de Bussab e Morettin (2002), atribuiu-se valores (+2) para Muito Satisfeito: MS; (+1) para Parcialmente Satisfeito: PS; (0) para Sem Opinião: SO; (-1) para Parcialmente Insatisfeito: PI, e (-2) para Muito Insatisfeito: MI. A utilização desses valores propiciou o reprocessamento dos dados e a redução da dimensionalidade.

A pontuação final para cada questão é a soma das atitudes dos entrevistados vezes seus respectivos valores.

Fato importante para a técnica de aplicação do questionário abrangente foi a proposta de inserção de questões elaboradas alternadamente de forma afirmativa e negativa quanto aos seus assuntos (GOMES, 2004)⁴⁶. Isto é, o questionário foi composto por questões, ora de natureza afirmativa ora negativa, com as respectivas

⁴⁶ Entrevista com sociólogo Dr. Marcos Affonso Ortiz Gomes, em out. de 2004.

opções de respostas categorizadas também invertidas (ora iniciavam com Concordo Totalmente (CT) e em seguida por Discordo Totalmente (DT)). Dessa maneira foi possível coibir o entrevistado em se influenciar pelo conteúdo das respostas às questões anteriores.

O fato de existir questões alternadas (negativas e afirmativas) exigiu que, na fase da análise das respostas, os níveis de concordância fossem operacionalizados em forma de Grau de Satisfação.

Para comprovar que os dados podem ser interpretados como uma suposta medida real do fenômeno estudado optou-se por medir a consistência ou confiabilidade das diversas correlações entre as respostas, por meio do coeficiente Alfa (α) de Cronbach (1951).

Dentre as várias opções de rotinas para o processamento dos dados e verificação de sua consistência, decidiu-se pelo programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), versão 13.0 for Windows devido sua facilidade de manuseio, bem como seu uso estar consagrado na área da Saúde Pública (PEREIRA, 2001).

Como as variáveis foram medidas por uma escala de Likert, assumiu-se que os intervalos entre as categorias fossem regulares, como também a categoria Sem Opinião (SO) pudesse corresponder a um zero absoluto, fixando-se assim uma premissa de escala proporcional para processamento e análise.

Optou-se por apresentar suas informações começando-se com a a redução de suas medidas sintéticas em forma de representações gráficas, de acordo com Miles e Huberman (1984), dessa forma foi possível aglutinar e apresentar⁴⁷ os dados dispersos das variáveis valorando as respostas entre +2 e -2.

Tais transformações resultam em valores negativos (negativo significando Menor Grau de Satisfação) e positivos (positivo significando Maior Grau de Satisfação). Para facilitar a visualização, buscando apresentar os valores máximos possíveis de seus sentidos opostos, optou-se por utilizar a representação gráfica, conforme Figuras mostradas no Capítulo 5.

⁴⁷ Disponível em gasparhome@terra.com.br

4.2. ANÁLISE FATORIAL

Com o objetivo de verificar a possível existência de medidas de associação entre as variáveis, uma vez que não existe relação de casualidade entre as mesmas e visando analisar a correlação da matriz de dados por inteiro⁴⁸, correlacionou-se os valores ocupados em cada casela (desde Muito Satisfeito (MS) a Muito Insatisfeito (MI)), efetuando-se a análise fatorial multivariada. Para tanto, foi utilizada a rotina para redução de dados contida no programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) versão 13.0 for Windows.

De acordo com Norusis (1994), o modelo matemático para análise fatorial é semelhante a uma equação de regressão múltipla. Cada questão é expressa como uma combinação linear de fatores que não são observados de fato. Em vez disso, eles são rótulos para grupos de questões que caracterizam estes conceitos. Normalmente, estes grupos de questões que constituem os fatores, são úteis por caracterizar agrupamentos específicos e não são conhecidos com antecedência, mas são determinados pela análise fatorial.

O primeiro passo foi verificar a adequação da análise fatorial, examinando a matriz de correlação inteira, aplicando o teste *Kayser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy* (KMO) (DILLON e GOLDSTEIN, op. cit., 1984) e do Teste de Esfericidade de Bartlett (BTS) (HAIR et al., 2005, p. 98).

$$KMO = \frac{\sum_{i \neq j} r_{ij}^2}{\sum_{i \neq j} r_{ij}^2 + \sum_{i \neq j} a_{ij}^2} \quad (4.2.1)$$

Onde r_{ij} é o coeficiente de correlação simples entre questões i e j , e a_{ij} é o coeficiente de correlação parcial entre questões i e j . Se a soma dos quadrados dos coeficientes de correlação parciais entre todas as questões é pequena quando se compara à soma dos quadrados dos coeficientes de correlação simples, a medida de KMO está perto de 1.

⁴⁸ Disponível gasparhome@terra.com.br

O teste (BTS) identifica a presença de correlações entre as questões. Ele fornece a probabilidade estatística de que a matriz de correlação tenha correlações significativas entre, pelo menos, algumas das questões.

A existência de certos “fatores causais gerais” ressaltados por Gontijo e Aguirre (1988), como os responsáveis pelas correlações observadas entre as questões, pode gerar críticas por parte de alguns pesquisadores (PAZ, et. al., 2006)⁴⁹, principalmente considerando que muitas relações entre as questões são provavelmente derivadas dos mesmos “fatores causais gerais”.

Como a seleção das relações entre as questões mais importantes é, em maior ou menor medida, subjetiva, outras relações podem vir a ocorrer. Contudo, salienta-se que o método da análise fatorial é uma ferramenta importante para a definição de um padrão de relações específico.

⁴⁹ Site: www.pucrs.br/eventos/3eeg/Artigos/m15t02.pdf, visitado em 20/07/2006.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Do total de 365 questionários aplicados, 362 puderam ser aproveitados na sua totalidade, sendo que três foram descartados devidos à inconsistência dos dados ou devido aos questionários serem respondidos em sua parcialidade ou incompletos. O APÊNDICE C apresenta os lotes amostrados subdivididos por sexo no bairro Antenor Garcia.

Com relação ao conjunto amostral, das 76 questões respondidas (questões Q1 a Q76) apresentadas no APÊNDICE D – Tabela Completa com todas as respostas dos moradores do bairro Antenor Garcia, 20 delas (Quadro 5.1) foram analisadas em separado – Capítulo 5.2 –, quer sejam por se tratarem de questões do tipo nominais (por exemplo: idade, sexo, religião, grau de instrução, presença de felicidade, etc), ou por expressar assuntos que sugeriam análise específica.

Quadro 5.1 – Questões contempladas no Questionário e que foram analisadas em separado (Capítulo 5.2).

Q1	Essa casa é: Própria (P); Alugada (A); Emprestada (E); Ocupada (O).
Q8	Os moradores queimam constantemente o lixo por que; () Lixeiro não é regular; () É costume; () Nem pensa no que está fazendo; () Outro.
Q10	Tem gente que disse que o bairro não tem indústria ou serviço de emprego bom porque as pessoas têm pouco estudo na escola; (DT), (DP), (SO), (CP), (CT).
Q12	É melhor ter uma praça com bastante árvores a uns 200 metros do que mais árvores nas ruas; (CT), (CP), (SO), (DP), (DT).
Q21	Você tem poucos filhos; (DT), (DP), (SO), (CP), (CT).
Q32	O ensino no Antenor é "mais fraco", por que eles dão muita liberdade, do que nas escolas em que o ensino é "mais puxado"; (DT), (DP), (SO), (CP), (CT).
Q38	Qual a maneira que você utiliza para ir ao centro da cidade ou para o trabalho? () A pé, () Bicicleta, () Carroça, () Carro/Moto, () Ônibus.
Q58	Roupa e comida do mês são compradas no centro da cidade; () Sim; () Só comida; () Não sei; () Só Roupa; () Não; () Cesta.
Q65	O quê você acha que a cidade pensa de você?
Q66	Você é feliz?
Q67	Você está satisfeito com o local em que vive?
Q68	Nome
Q69	Idade
Q70	Escolaridade
Q71	Tempo de residência
Q72	Cidade de Nascimento
Q73	Estado onde nasceu
Q74	Tempo de residência no bairro Antenor Garcia
Q75	Número de filhos
Q76	Religião

Foram utilizadas três metodologias para análise dos dados: Capítulo 5.1 – Análise de questões de mesma variável à partir dos resultados do α (Alfa) de Cronbach; Capítulo 5.2 – Análise entre questões de diferentes variáveis e correlações com as questões nominais, onde verificou-se os aspectos sócio-econômico-culturais (escolaridade, sexo, etc) para sua interpretação; e, Capítulo 5.4 – Análise multivariada dos dados.

5.1. ANÁLISE ENTRE QUESTÕES DA MESMA VARIÁVEL

As 56 questões remanescentes foram operacionalizadas em uma matriz com 56 colunas (questões) e 362 linhas (número de moradores amostrados), com as manifestações (opiniões) de cada morador em suas respectivas caselas. O resultado gerou uma tabela de respostas⁵⁰ desde Muito Satisfeito (MS); Parcialmente Satisfeito (PS); Sem Opinião (SO); Parcialmente Insatisfeito (PI); Muito Insatisfeito (MI).

A primeira análise da correlação, contemplando as respostas de todas as questões, resultou em um valor para Alfa (α) de Cronbach de 0,459 (escala de 0 a 1), conforme Quadro 5.1.1.

Quadro 5.1.1 – Alfa (α) de Cronbach e Medida Média para todas as questões utilizadas na matriz Grau de Satisfação da população do bairro Antenor Garcia.

Número de Questões	56
Alfa (α) de Cronbach	0,459
Média das Questões	-4,29

Na perspectiva da generalização dos resultados considerando-se o universo total, pode-se afirmar que o valor para Alfa (α) de Cronbach de 0,459 sugere que, apesar de não ser um valor alto, 46,0% das questões são plenamente correlacionáveis. Isto é, na análise do conjunto das seis variáveis com suas

⁵⁰ Disponível em gasparhome@terra.com.br

respectivas questões, é plenamente justificável esperar valores relativamente baixos, pois dificilmente seriam encontradas correlações entre agrupamentos de questões que compõem, por exemplo, as variáveis TRANSPORTES com EDUCAÇÃO E LAZER, ou SAÚDE com SEGURANÇA. Deve ser salientado que as questões foram elencadas aleatoriamente, pela própria população, sem a preocupação de abordar aquelas que se complementassem.

Analisando-se os resultados no aspecto da confiabilidade, pode-se entender o \forall de Cronbach como um coeficiente de correlação ao quadrado (R^2) com uma suposta medida real do fenômeno estudado. Então, o valor acima de 0,459 sugere que, se estaria medindo 46,0% do universo de possíveis questões que sintetizam o Grau de Satisfação da população do bairro Antenor Garcia, se comparado a um valor padrão – “*gold standard*” – intrínseco ao método.

A influência de cada questão na composição do \forall de Cronbach pode ser evidenciada na Quadro 5.1.2.

Quadro 5.1.2 – Relevância de cada questão na composição do Grau de Satisfação do bairro Antenor Garcia.

Questões	Escala média se o item for desprezado	Alfa (\forall) de Cronbach se o item for deletado
Q06 MORAR DE ALUGUEL	-6,06	0,456
Q07 ILUMINAÇÃO DO BAIRRO	-5,7	0,438
Q62 DEUS "ARRUMA" EMPREGO	-5,51	0,448
Q64 MAIOR PROBLEMA DO BAIRRO É A FALTA DE EMPREGO	-5,33	0,449
Q4 AUMENTO DE STATUS MUDANDO DE BAIRRO	-5,32	0,45
Q49 TELEVISÃO COMO ÚNICO LAZER	-5,27	0,463
Q51 MÍDIA PROMOVENDO VIOLÊNCIA	-5,25	0,449
Q48 ESCOLA SUBSTITUINDO EDUCAÇÃO DOS PAIS	-5,2	0,458
Q27 COMENTAR SOBRE ED. SEXUAL EM FAMÍLIA	-4,94	0,466
Q31 FACILIDADE VAGA EM ESCOLA	-4,93	0,454
Q29 ATENDIMENTO POSTINHO ANTENOR	-4,9	0,442
Q30 ATENDIMENTO PRONTO SOCORRO CENTRAL	-4,69	0,463
Q24 REMÉDIOS GRÁTIS	-4,64	0,438

Questões	Escala média se o item for desprezado	Alfa (α) de Cronbach se o item for deletado
Q46 USO DA CALÇADA COMO ÁREA DE LAZER	-4,63	0,461
Q47 IGREJA SINÔNIMO DE LAZER	-4,62	0,475
Q16 CORTAR MATA PARA ELIMINAR ESCONDERIJO	-4,6	0,465
Q53 POLICIAMENTO	-4,6	0,463
Q17 ORIENTAÇÃO TÉCNICA	-4,58	0,473
Q52 PODER DOS BANDIDOS NO BAIRRO	-4,56	0,438
Q56 PAIS BANDIDOS	-4,55	0,453
Q18 COLETA SELETIVA NO BAIRRO	-4,48	0,456
Q28 VIDA SAUDÁVEL	-4,44	0,468
Q23 ATEND. MÉDICO POSTO SAÚDE ARACI II	-4,43	0,432
Q34 EMPENHO DOS PROFESSORES	-4,42	0,45
Q41 RENOVAÇÃO DA FROTA	-4,39	0,442
Q03 PROCESSO UTILIZADO PELO MUTIRÃO	-4,35	0,456
Q13 PERCEPÇÃO DA MATA	-4,29	0,454
MÉDIA DAS QUESTÕES	-4,29	
Q50 SENSAÇÃO DE SEGURANÇA	-4,29	0,421
Q55 AFETO FAMILIAR	-4,26	0,451
Q05 CASA COM LAJE	-4,22	0,457
Q20 AGENTES DE SAÚDE	-4,13	0,432
Q42 PERCURSO DOS ÔNIBUS	-4,12	0,456
Q15 CONVÍVIO COM ESGOTO À CÉU ABERTO	-4,08	0,467
Q44 CONFORTO NOS ÔNIBUS	-4,07	0,451
Q33 VIOLÊNCIA ENTRE ALUNOS	-4,05	0,443
Q26 GRAVIDEZ PRECOÇE	-3,92	0,445
Q09 IMPLANTAÇÃO DO BAIRRO	-3,91	0,473
Q25 FREQÜÊNCIA AO DENTISTA	-3,91	0,456
Q35 ALIMENTAÇÃO ESCOLAR MAIS IMPORTANTE QUE O ENSINO	-3,78	0,456
Q40 DISTÂNCIA DO BAIRRO	-3,68	0,455
Q36 ANTIGAMENTE O ENSINO ERA MELHOR	-3,64	0,431
Q54 PROMISCUIDADE E DROGAS ENTRE OS BÓIAS-FRIAS	-3,6	0,452
Q45 PREÇO DO TRANSPORTE	-3,53	0,454
Q60 QUANTIDADE DE IGREJAS	-3,52	0,441
Q37 QUANTIDADE DE CRECHES NO ANTENOR	-3,45	0,479
Q61 P.M. "ARRUMA" EMPREGO	-3,42	0,429
Q19 CUIDADO AMBIENTAL	-3,31	0,445

Questões	Escala média se o item for desprezado	Alfa (∇) de Cronbach se o item for deletado
Q59 PERMANECER NO BAIRRO MESMO DISCRIMINADO	-3,21	0,473
Q14 QUANTIDADE DE ANIMAIS	-3,07	0,473
Q63 PROGRAMAS SOCIAIS COMO SOLUÇÃO PARA A SOBREVIVÊNCIA	-3,06	0,465
Q11 LIMPEZA PÚBLICA	-2,93	0,467
Q57 QUANTIDADE DE BARES	-2,82	0,454
Q43 TEMPO DE VIAGEM	-2,7	0,466
Q39 VIAS DE ACESSO AO BAIRRO	-2,68	0,458
Q2 OBRIGATORIEDADE COMPRA DO TERRENO	-2,48	0,46
Q23 SIMPATIA POSTO SAÚDE ARACI II	-2,42	0,445

Org: o autor (2006)

Comparando-se os valores da coluna “Escala média se o item for desprezado”, com a medida “Média das Questões”, que é de -4,29 (Quadro 5.1.2), pode-se verificar que as doze questões de maior contribuição na “definição” do Grau de Satisfação são:

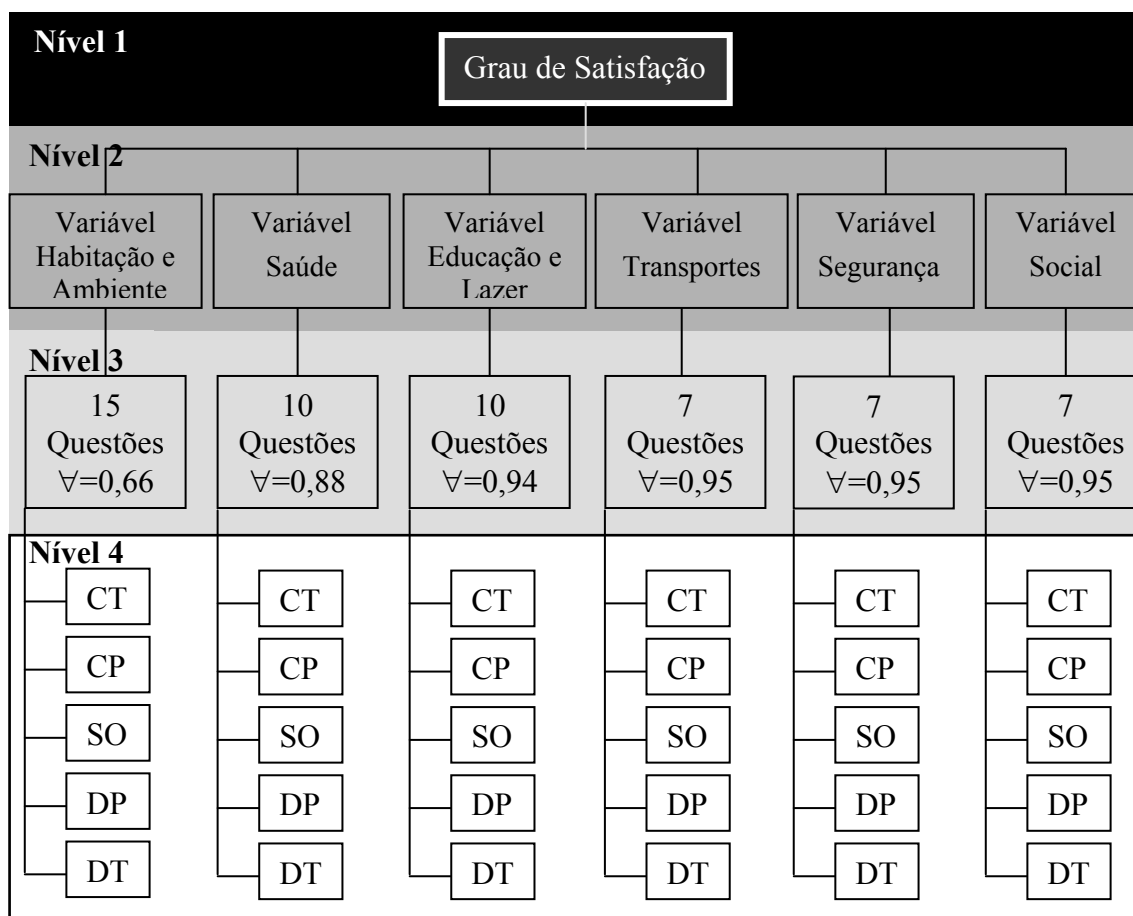
- Q23 SIMPATIA POSTO SAÚDE ARACI II
- Q2 OBRIGATORIEDADE NA COMPRA DE TERRENO;
- Q39 VIAS DE ACESSO AO BAIRRO;
- Q43 TEMPO DE VIAGEM;
- Q57 QUANTIDADE DE BARES;
- Q11 LIMPEZA PÚBLICA;
- Q63 PROGRAMAS SOCIAIS COMO SOLUÇÃO PARA A SOBREVIVÊNCIA;
- Q6 MORAR DE ALUGUEL;
- Q7 ILUMINAÇÃO DO BAIRRO;
- Q62 DEUS “ARRUMA” EMPREGO;
- Q64 MAIOR PROBLEMA DO BAIRRO É A FALTA DE EMPREGO;
- Q4 AUMENTO DE “STATUS” MUDANDO DE BAIRRO.
- Q49 TELEVISÃO COMO ÚNICO LAZER

Essas questões podem ser consideradas como as de maior peso na composição do Grau de Satisfação global do bairro, em que no caso de suas

ausências, acarretariam maior redução de seu resultado médio, pois ocupam as condições extremas do Quadro 5.1.2.

De forma análoga, analisando-se isoladamente as questões que compõem cada variável, obtêm-se resultados bem diferentes para o Alfa de Cronbach (Quadro 5.1.3). Dessa forma assume-se que seja possível extrair resultados das correlações entre o conjunto de questões pertinentes a cada variável, pois todas as seis variáveis apresentaram coeficientes de correlação (α de Cronbach) maiores que 66%.

Quadro 5.1.3 – Número de questões por variável e valor do Alfa (α) de Cronbach calculados por variável, utilizadas na pesquisa do Grau de Satisfação da população do bairro Antenor Garcia. Legenda: CT= Concordo Totalmente; CP= Concordo Parcialmente; SO= Sem Opinião; DP= Discordo Parcialmente; e, DT= Discordo Totalmente).



A seguir optou-se por detalhar o procedimento para obtenção do Grau de Satisfação para a variável Transportes, bem como a apresentação em forma gráfica dos valores assumidos para cada questão que compõem a variável. O Quadro 5.1.4 foi obtido contando-se as respostas⁵¹ pertinentes a cada questão da valoração entre -2 e +2.

Quadro 5.1.4 – Número de respostas por Categoria para cada Questão estudada e suas respectivas codificações entre -2 e +2.

	Q39	Q40	Q41	Q42	Q43	Q44	Q45
Código	Vias de acesso ao bairro	Distância do bairro	Renovação da frota	Percurso dos ônibus	Tempo de viagem	Conforto nos ônibus	Preço transp/
CT=+2	12	77	118	61	329	58	38
CP=+1	9	44	61	26	21	38	10
SO= 0	19	6	39	147	12	143	95
DP=-1	26	48	25	46	0	13	76
DT =-2	296	187	119	82	0	110	143
Total	362	362	362	362	362	362	362

Org: o autor (2006)

O Quadro 5.1.5 resume as proporcionalidades assumidas por cada Questão para a variável TRANSPORTES. Com base na teoria de Osgood (1969) recodificaram-se as respostas multiplicando-se cada casela do Quadro 5.1.4, pelos seus respectivos códigos e dividindo-se pelo total da coluna. Na seqüência, agruparam-se os valores obtidos, resultando no Quadro 5.1.5.

Quadro 5.1.5 – Questões recodificadas para a variável TRANSPORTES.

Variável TRANSPORTES	
Q42 Percurso dos ônibus	0,172
Q41 Renovação da frota	0,094
Q44 Conforto nos ônibus	-0,218
Q40 Distância do bairro	-0,619
Q45 Preço do transporte	-0,762
Q39 Vias de acesso ao bairro	-1,616
Q43 Tempo de viagem	-1,876

⁵¹ Disponível em gasparhome@terra.com.br

Os resultados evidenciam dois tipos de comportamento para as questões da variável TRANSPORTES, isto é, um grupo de Questões (Q42 e Q41) com índices muito baixos, porém positivos e outro (Q44; Q40; Q45; Q39; e, Q43), com índices – numericamente – maiores e negativos.

Interpretando-se os resultados por meio de suas codificações, quanto maior forem os resultados positivos, maior será o Grau de Satisfação do morador do bairro do Antenor Garcia em relação à questão analisada. Por outro lado, quanto maior (em módulo) for o resultado negativo menor o Grau de Satisfação (mais insatisfeito) desse morador em relação à questão.

Dessa forma, a relação entre as questões se mostrou aparente: a questão “Tempo de Viagem” (Q43) é quase nove vezes maior que a questão “Conforto nos ônibus” (Q44), indicando que, apesar da população estar insatisfeita com as duas questões, ela está mais insatisfeita com “Tempo de viagem dos ônibus” (Q43) do que com o próprio “Conforto dos ônibus” (Q44), ou mesmo o “Preço do transporte” (Q45). Observa-se também que, de todas as questões que compõem a variável TRANSPORTES, a questão “Tempo despendido em viagens” (Q43) é a que deixa os moradores mais insatisfeitos. Este resultado se repetiu em todas as análises, conforme verificado ao longo desse capítulo, mostrando que a questão “Tempo de viagem” (Q43) é aquela que gerou menor Grau de Satisfação (mais insatisfação) de todas as 56 questões que compõem a pesquisa.

Quanto às questões relacionadas à variável TRANSPORTES que traduzem um Grau de Satisfação positivo para a população “Percurso dos ônibus” (Q42) e “Renovação da Frota” (Q41) são aquelas que se apresentam. Entretanto, observa-se que, devida à intensidade de seus resultados numéricos (+ 0,172 e + 0,094 respectivamente), quando comparados aos valores numéricos do agrupamento “negativo”, essas questões influenciam pouco ou muito pouco no Grau de Satisfação dos moradores. Isso se deve, muito provavelmente por que os moradores do bairro Antenor Garcia não usufruem desses aspectos, isto é: não foi renovada a frota – enquanto o desenvolvimento da pesquisa –, bem como pouco, ou muito pouco benefício foi obtido com a ampliação do percurso das linhas de ônibus para esses moradores, resultando em pequeno aumento no Grau de Satisfação dos mesmos.

Por meio da Figura 5.1.1 é possível visualizar todas as freqüências de ocorrências para a variável TRANSPORTES, contemplando os contrários obtidos

pela categorização das questões e evidenciando os destaques para as questões “Tempo de viagem” (Q43) e “Vias de acesso ao bairro” (Q39).

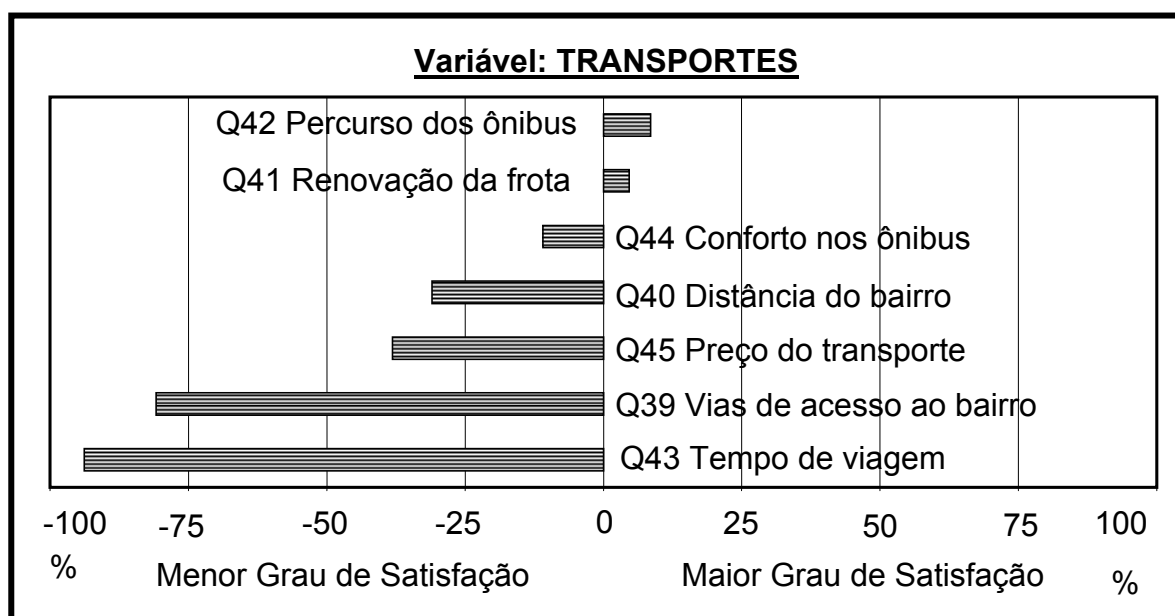


Figura 5.1.1 – Questões que definem a intensidade do Grau de Satisfação do morador do bairro Antenor Garcia, São Carlos, SP, com relação à variável TRANSPORTES.

Org: o autor (2006)

Usando-se dessa mesma metodologia foi possível gerar gráficos para as demais Variáveis (SEGURANÇA, SAÚDE, HABITAÇÃO E AMBIENTE, EDUCAÇÃO E LAZER, e SOCIAL). Optou-se por adotar a palavra insatisfação para as questões que se posicionam do lado negativo (Menor Grau de Satisfação), e satisfação para aquelas que se posicionam do lado positivo (Maior Grau de Satisfação) das Figuras.

A Figura 5.1.2 resume os resultados do gradiente do Grau de Satisfação para a variável SEGURANÇA.

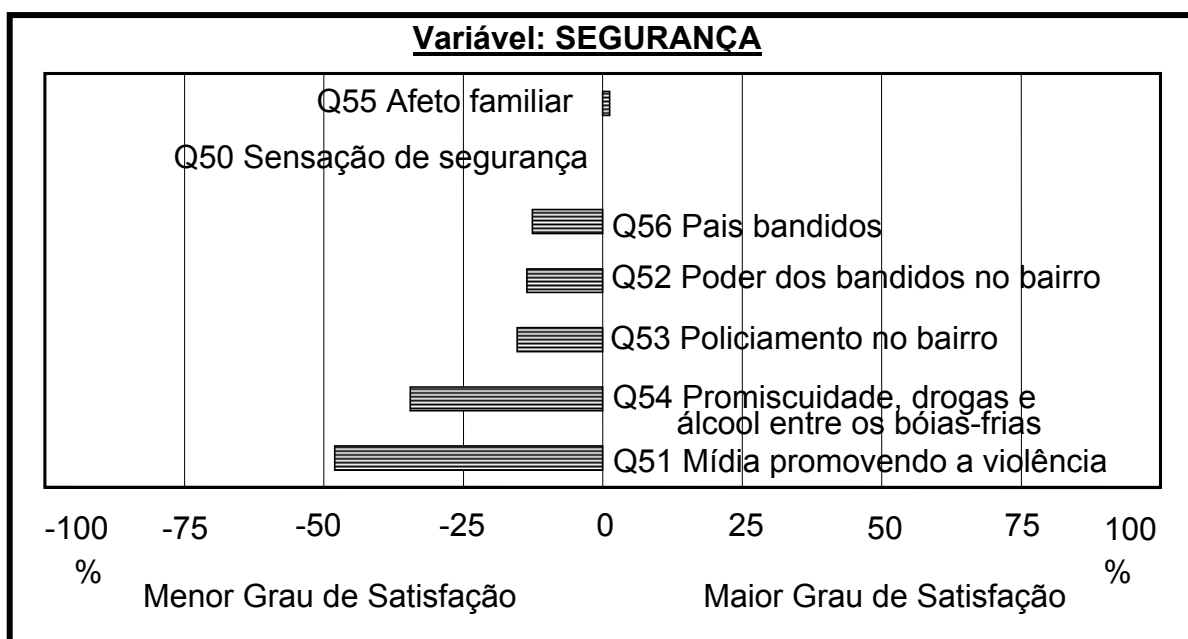


Figura 5.1.2 – Questões que definem a intensidade do Grau de Satisfação do morador do bairro Antenor Garcia, São Carlos, SP, com relação à variável SEGURANÇA.

Org: o autor (2006)

Verifica-se na Figura 5.1.2 que cinco das sete questões, que representam a variável SEGURANÇA, resultaram em insatisfação para os moradores do bairro Antenor Garcia, nessa ordem de intensidade: “Pais bandidos” (Q56); “Poder dos bandidos no bairro” (Q52); “Policiamento no bairro” (Q53); “Promiscuidade, drogas e álcool entre os bóias-frias” (Q54); e, “Mídia promovendo a violência” (Q51).

Observa-se que a questão “Mídia promovendo a violência” (Q51) foi a que gerou maior insatisfação entre os moradores. Além disso, outra questão relevante é a “Promiscuidade, drogas e álcool entre os bóias-frias” (Q54), revelando um aspecto que por vezes passa despercebido pela sociedade, mas que merece maior atenção. O nível de “Policiamento do bairro” (Q53) não é considerado adequado pelos moradores, mesmo porque, acreditam que o “Poder dos bandidos no bairro” (Q52) se iguala ao da segurança policial.

Apesar da questão “Pais bandidos” (Q56) ter sido elencada pelos moradores do bairro Antenor Garcia como um dos aspectos imprescindíveis na definição da variável SEGURANÇA, observa-se que os próprios moradores vêm a questão, com

certo Grau de Insatisfação. Salienta-se a dificuldade em se abordar esse aspecto – onde alguns pais do bairro Antenor Garcia foram apontados como bandidos pelos próprios filhos.

Na análise da questão “Sensação de segurança” (Q50) dentro do próprio bairro verifica-se que, para o morador do bairro Antenor Garcia, este aspecto não o satisfaz nem o insatisfaz, podendo ser analisado como o morador não se sentindo seguro nem inseguro no próprio bairro. Observa-se, segundo dados da polícia de São Carlos, que o bairro Antenor Garcia abriga o maior número de ‘bandidos’ do município.

A questão “Afeto familiar” (Q55), apesar de se apresentar praticamente nas mesmas condições de nulidade da questão “Sensação de segurança” (Q50) quanto à intensidade do Grau de Satisfação, foi englobada dentro da variável SEGURANÇA por admitirmos ser uma das questões responsáveis e mais importantes no âmbito sócio-educativo.

Observa-se que, das dez questões que compõem a variável SAÚDE, cinco estão situadas do lado positivo do gráfico de Grau de Satisfação, sendo que essas questões atingem valores mais expressivos que aquelas negativas.

Verifica-se que de todas as questões que traduzem a variável SAÚDE, a questão “Simpatia no posto de saúde Araci II” (Q23) foi aquela que gerou o maior Grau de Satisfação, fato que merece atenção especial, pois a simpatia dos atendentes para com os moradores suplanta até o atendimento facultado pelos médicos, conforme (Q22), (Q30), e (Q29).

O “Atendimento no postinho” (Q29) do bairro Antenor Garcia traz maior Grau de Satisfação que o “Atendimento no pronto socorro” (Q30) da Avenida São Carlos e o “Atendimento médico no posto de saúde da Araci II” (Q22), nessa ordem.

Analisando-se a Figura 5.3 verifica-se que a população está satisfeita com a possibilidade de receber “Remédios grátis” (Q24), porém o fato da questão apresentar uma intensidade relativamente baixa, provavelmente está afeta a quantidade de moradores atendidos por esse serviço, bem como a quantidade de remédios fornecidos.

A Figura 5.1.3 apresenta o gradiente do Grau de Satisfação para as questões que compõe a variável SAÚDE:

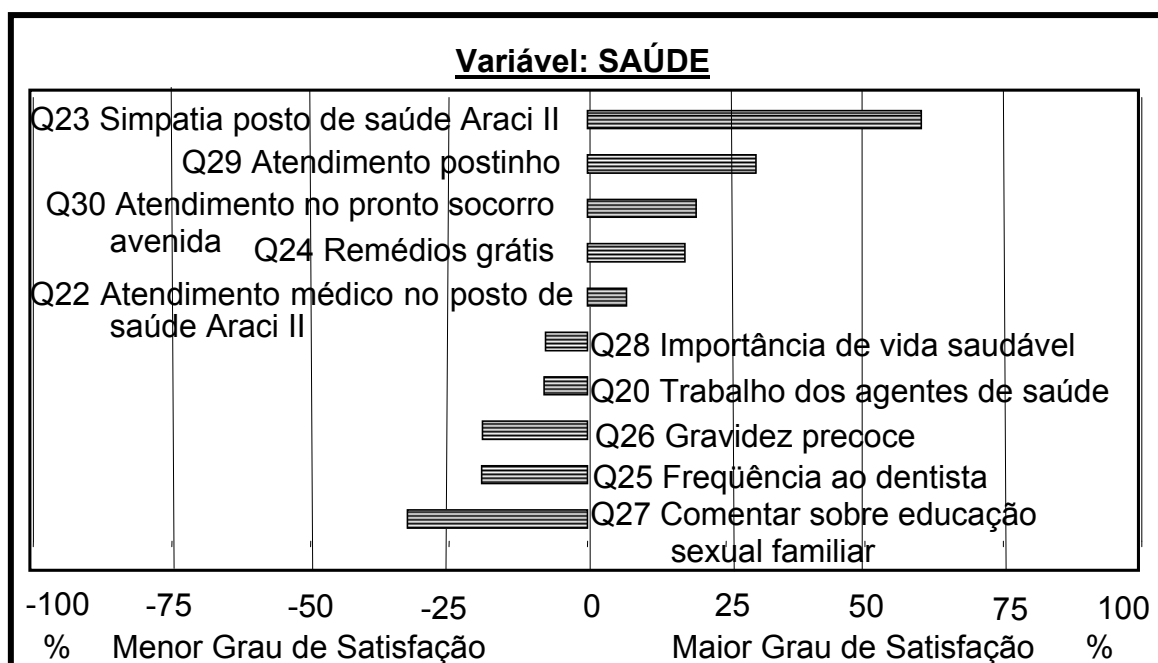


Figura 5.1.3 – Questões que definem a intensidade do Grau de Satisfação do morador do bairro Antenor Garcia, São Carlos, SP, com relação à variável SAÚDE. Org: o autor (2006)

Quanto à série de cinco questões que se posicionam do lado negativo da Figura 5.1.3, observa-se que “Comentar sobre educação sexual familiar” (Q27) é a que traz menor Grau de Satisfação para os moradores (maior insatisfação). Observa-se que, dos 362 questionários aplicados, 179 moradores preferem que a escola aborde questões sobre educação sexual com seus filhos, sendo que 32 foram homens e 147 mulheres. Sabendo-se que o total de homens que responderam o questionário foi de 111 e mulheres 251, conclui-se que: Aproximadamente 29% dos homens e 59% das mulheres apresentam maior Grau de Satisfação quando a escola “Comentar sobre educação sexual familiar” (Q27). Enfatiza-se que a questão foi formulada dessa forma: “Não há necessidade de falar sobre gravidez indesejada, preservativo, doença sexual ou AIDS com meus filhos, pois a escola faz isso”.

Apesar das duas questões “Frequência ao dentista” (Q25) e “Gravidez Precoce” (Q26), apresentarem mesma intensidade de insatisfação (Figura 5.3), observa-se que estas não assumem valores tão elevados se comparadas com outras questões. Para a questão Q25, pode-se analisar que muito provavelmente o

fato do morador do Antenor Garcia não usar o dentista preventivamente está aliado ao hábito, mas principalmente às suas condições financeiras, daí a pequena importância à questão. Quanto ao papel dos agentes de saúde no esclarecimento da “Gravidez Precoce” (Q26) observa-se que, deve existir uma relação muito grande com as questões “Comentar sobre educação sexual familiar” (Q27) na escola e “Trabalho dos agentes de saúde” (Q20). Observa-se que os pais do bairro Antenor Garcia acham que o papel desempenhado pelos agentes de saúde, quer seja no aspecto da orientação sexual ou na agilização do atendimento médico, gera certa insatisfação. Por outro lado, o fato do adolescente engravidar – apesar de gerar insatisfação – mostra-se com um valor de pequena intensidade, conotando preocupação em pequena parcela dos moradores, talvez devido aos aspectos culturais com que o assunto é abordado na família.

Observa-se que segundo dados da Secretaria de Saúde de São Carlos (2005), o bairro Antenor Garcia concentra (proporcionalmente) o maior número de adolescentes grávidas do município.

A questão “Importância de vida saudável” (Q28) reflete o pensamento generalizado do morador do bairro onde, o resultado pode ser analisado como sendo mais importante o atendimento médico, exames e remédios à alimentação saudável e exercícios diários direcionados. Esta questão talvez requeira melhor atenção, pois grande parte dos moradores são bóias-frias, que passam a maior parte do dia em atividades no campo na colheita da cana de açúcar ou apanhando laranja.

A Figura 5.1.4 apresenta o gradiente do Grau de Satisfação para as questões que englobam a variável HABITAÇÃO E AMBIENTE:

Numa análise global das questões que definem o Grau de Satisfação para a variável HABITAÇÃO E AMBIENTE (Figura 5.1.4), observa-se a existência de três grandes grupos:

Grupo I, assumindo valores crescentes de Grau de Satisfação, verifica-se que a questão “Coleta seletiva no bairro” (Q18) apresenta o menor Grau de Satisfação, provavelmente pela própria condição financeira do morador do bairro Antenor Garcia, onde ele próprio é um reciclador e reaproveitador.

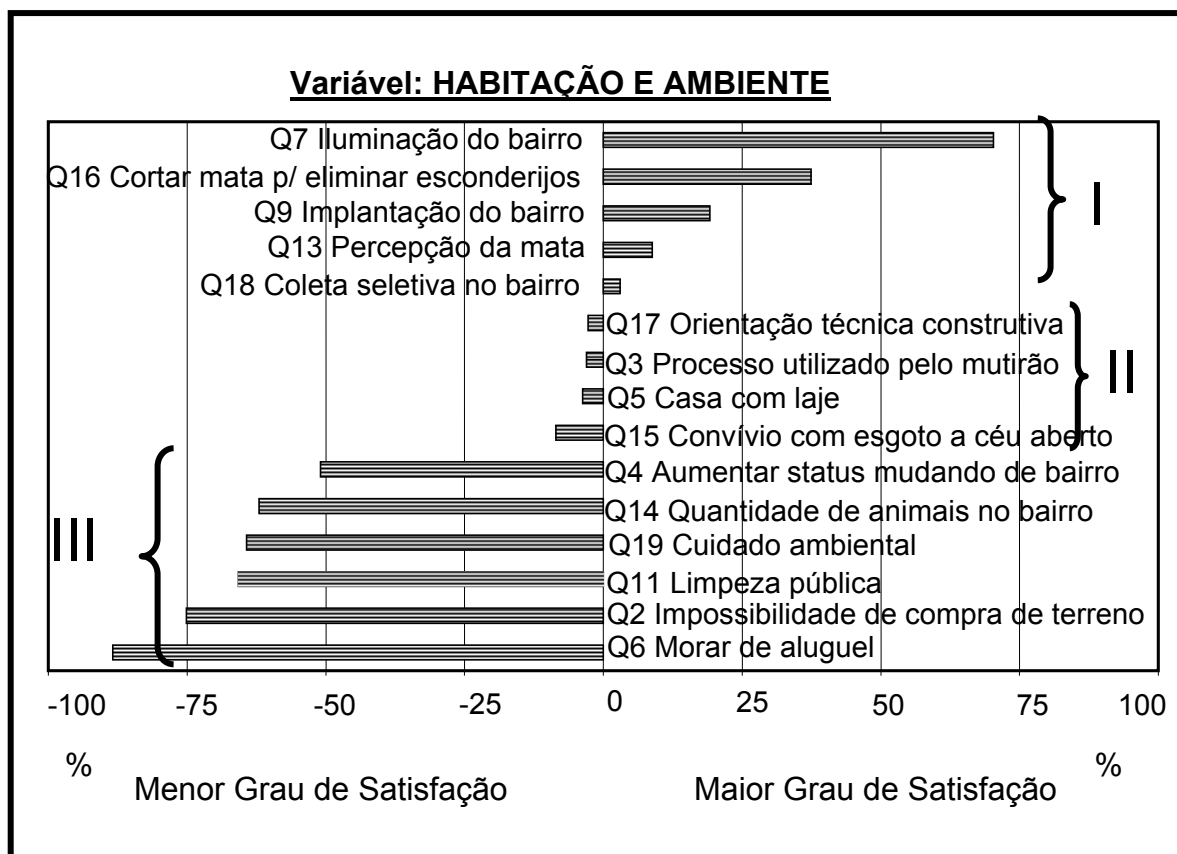


Figura 5.1.4 – Questões que definem a intensidade do Grau de Satisfação do morador do bairro Antenor Garcia, São Carlos, SP, com relação à variável HABITAÇÃO E AMBIENTE.

Org: o autor (2006)

A questão “Percepção da mata” (Q13) apresenta subjetivamente a influência que a pequena mata que circunda o bairro Antenor Garcia na porção nordeste (Figura 5.1.5), poderia contribuir sobre os aspectos de melhoria das condições do bairro e do próprio morador.

Observa-se que a intensidade do Grau de Satisfação para esta questão apresenta-se muito pequena. Provavelmente a explicação pode ser encontrada dentro da própria variável, considerando-se a questão “Cortar mata para eliminar esconderijos” (Q16) que, de certa forma, para uma parcela significativa de moradores, aumentaria em muito seu Grau de Satisfação.



Figura 5.1.5 – Bairro Antenor Garcia e detalhe da mata a nordeste.

Fonte: Imagem de satélite obtida através do programa GoogleEarth
site:<http://earth.google.com>. Cons. 17 jun. 2006.

Quanto à questão que analisa a forma como o bairro foi implantado – “Implantação do bairro” (Q9) –, observa-se que este tópico acarreta um Grau de Satisfação para aproximadamente 23% dos moradores, talvez devido à sua própria origem que, na grande maioria, pela primeira vez passam a ser donos de um imóvel. Em contrapartida, a questão “Orientação técnica construtiva” (Q17) no aspecto intra-lote reproduz o descontentamento dos moradores que transferem a responsabilidade da orientação construtiva para os órgãos públicos. Cabe lembrar que a maior parte das moradias foi edificada pelo processo de auto-construção.

De todas as questões que traduzem a variável HABITAÇÃO E AMBIENTE, a questão “Iluminação do bairro” (Q7) é a que produz a maior satisfação na análise do Grau de Satisfação para os moradores do bairro Antenor Garcia.

Todas as questões pertinentes ao **Grupo II** mostram menor Grau de Insatisfação entre os moradores do bairro. O fato da questão “Processo utilizado pelo mutirão” (Q3) estar relacionada de forma negativa pode ser analisado como um resultado final (edificação) que, apesar de dotar o morador de um teto, impõe

dimensões e formas de distribuição de ambientes que desagradam aos moradores. A questão “Orientação técnica construtiva” (Q17) complementa a análise desse aspecto, onde não existe a participação do morador na decisão quanto ao projeto de sua residência.

A questão “Casa com laje” (Q5), também se apresenta como um dos aspectos que se apresentam no seguimento menor Grau de Satisfação (ou insatisfação) da Figura 5.1.4, e sua explicação – embasada em questionamentos adicionais no bairro – se deve principalmente às questões de conforto térmico. Aquelas casas que possuem laje, não são cobertas por telhados, acarretando aumento de temperatura interna das casas. No entanto, esse aspecto também foi observado na grande maioria das casas do bairro cobertas por telhas de fibrocimento ou cimento-amianto, no entanto o tempo para dissipação do calor é mais rápido. Diversos moradores alertaram para maior segurança – caso haja explosão de bujão de gás (sic) – se a cobertura for apenas com telhas ao invés de laje.

Observa-se que o valor alcançado na Figura 5.1.4, para o Grau de Satisfação (insatisfação), para a questão “Convívio com esgoto a céu aberto” (Q15) não foi muito expressivo provavelmente devido à data de aplicação dos questionários, onde boa parte do bairro contava com a rede de esgoto em funcionamento.

O **Grupo III** insere as questões “Morar de aluguel” (Q6) e “Impossibilidade de compra de terreno” (Q2), que apresentam os menores Graus de Satisfação para os moradores do bairro Antenor Garcia para a variável HABITAÇÃO E AMBIENTE. Apesar de aproximadamente 77% dos moradores possuírem casa própria (questão Q1 do APÊNDICE D), verifica-se que o estigma da falta de moradia própria continua sendo um aspecto marcante para os moradores do bairro.

As questões “Limpeza pública” (Q11), “Cuidado ambiental” (Q19) e “Quantidade de animais no bairro” (Q14) podem ser analisadas em conjunto sob os aspectos de condições de higiene urbana. Verifica-se pelo resultado da Figura 5.1.4 que os moradores estão muito insatisfeitos com essas questões. O que se observou foi certo descaso por parte dos próprios cidadãos como também dos órgãos públicos responsáveis pela limpeza pública do bairro.

A análise a respeito de vários moradores se mostrarem insatisfeitos com a questão “Aumentar status mudando de bairro” (Q4), provavelmente pode estar

correlacionada com os moradores assumindo que essa atitude não vai modificar sua condição econômica ou social, daí a insatisfação com a própria questão. Em contrapartida, 22% dos moradores (APÊNDICE D) foram enfáticos na opção de mudança de bairro como solução para ascensão.

A Figura 5.1.6 apresenta o gradiente do Grau de Satisfação para as questões que englobam a variável EDUCAÇÃO E LAZER:

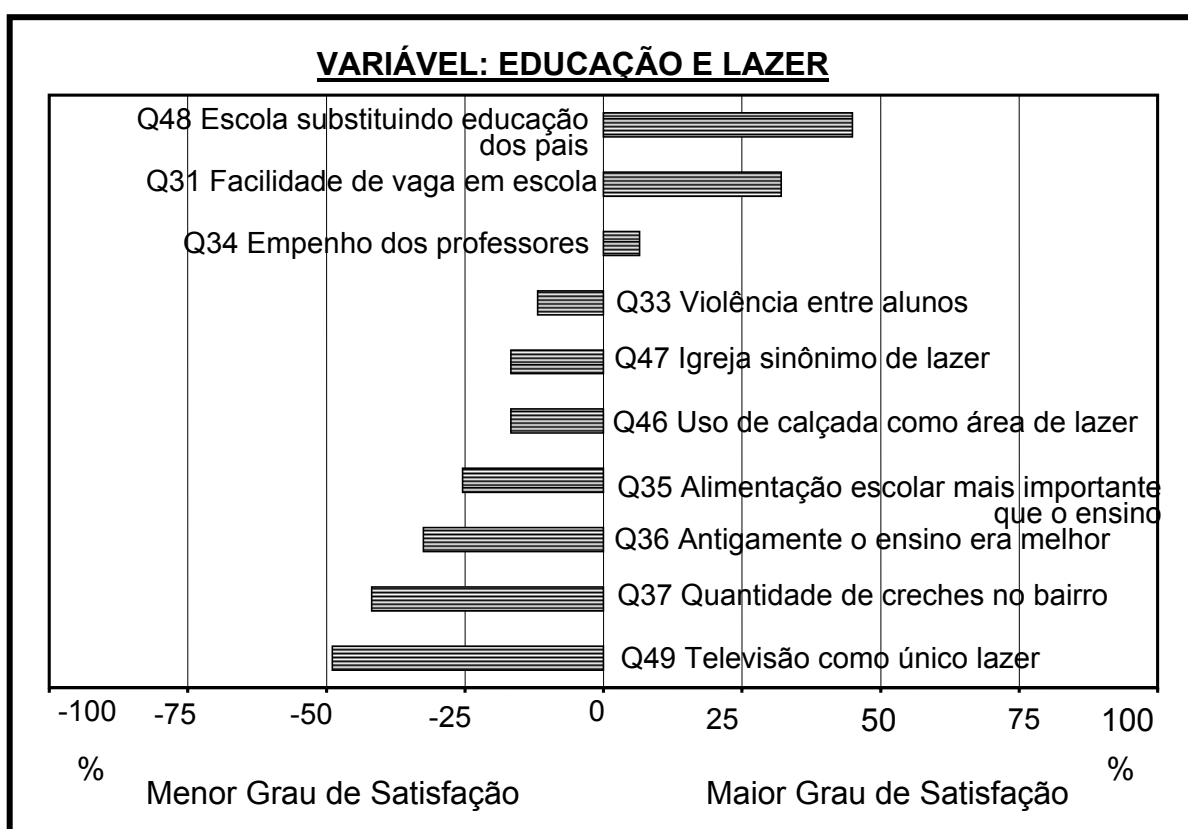


Figura 5.1.6 – Questões que definem a intensidade do Grau de Satisfação do morador do bairro Antenor Garcia, São Carlos, SP, com relação à variável EDUCAÇÃO E LAZER.

Org: o autor (2006)

A análise da questão “Escola substituindo a educação dos pais” (Q48) para a variável EDUCAÇÃO E LAZER, mostrando o maior Grau de Satisfação, traduz a condição dos pais bóias-frias, que transferem para a escola – por meio da permanência em período integral – a responsabilidade não só da educação, mas também da segurança e da alimentação de seus filhos. Sobre o mesmo aspecto

observa-se que o morador do bairro Antenor Garcia também considera positivo a questão “Facilidade de vaga na escola” (Q31), demonstrando que está mais fácil conseguir vaga em escolas dos bairros vizinhos. Observa-se que este fato pode ser observado para os alunos ingressantes no ensino fundamental, contrastando com aqueles que necessitam de vaga de 5ª a 8ª séries também no ensino fundamental ou no ensino médio.

Ainda situando-se na faixa maior Grau de Satisfação, porém com baixa intensidade, a questão “Empenho dos professores” (Q34) demonstra para as secretarias municipais e estaduais o pensamento conclusivo dos pais moradores do Antenor Garcia, sobre a falta de motivação no processo de aprendizado para com seus filhos.

Dentre aquelas questões que geraram para os moradores do bairro Antenor Garcia, menor Grau de Satisfação (insatisfação) para a variável EDUCAÇÃO E LAZER, a questão “Violência entre alunos” (Q33), merece atenção especial pela dimensão que o problema possa estar assumindo⁵².

Analisando-se a questão “Alimentação escolar mais importante que o ensino” (Q35) através do APÊNDICE D, verifica-se pela contagem direta que aproximadamente 37% dos moradores acham que a maior importância da escola é a alimentação fornecida aos seus filhos. Observou-se que, quando da aplicação dos questionários nos finais de semana, grande parte dos moradores fazia apenas uma refeição diária.

Comparando-se quais moradores apresentaram um menor Grau de Satisfação (insatisfação) para a questão “Antigamente o ensino era melhor” (Q36), com a questão “Escola substituindo a educação dos pais” (Q48), verifica-se que os mesmos moradores foram os responsáveis pelo antagonismo. Esse fato expõe a preocupação que os moradores apresentam com relação ao processo educacional que seus filhos estão recebendo.

Uma parcela significativa entende que utilizar a “Igreja como sinônimo de lazer” (Q47) apresenta um menor Grau de Satisfação. Mesmo aqueles que pensam

⁵² Entrevista com o diretor da Escola Arthur Natalino Deriggi, Professor Nilson Golçalves (set. 2005). “Caso não haja um acompanhamento permanente, aproximando as famílias dos nossos alunos, estamos fadados a perder para a escola do narcotráfico que é muito melhor aparelhada e com resultados mais visíveis e ágeis.”

o contrário, concordam que há a necessidade de construir equipamentos de lazer no bairro.

Ainda sobre esse aspecto foi verificado que a população analisa com menor Grau de Satisfação (ou insatisfação) o fato da “Televisão como único lazer” (Q49), bem como “Uso da calçada como área de lazer” (Q46), alertando aos órgãos públicos a chance de mudar tal conceito por meio da implantação/manutenção de parques, praças e atividades de lazer no bairro.

A questão “Quantidade de creches no bairro” (Q37) apresentando menor Grau de Satisfação para boa parte da população demonstra a necessidade premente de construção de ao menos uma creche no bairro. De acordo com dados da Secretaria de Saúde do Município de São Carlos, em janeiro de 2005, o bairro Antenor Garcia contava com aproximadamente 11% de sua população com idade inferior a 5 anos.

A Figura 5.1.7 apresenta o gradiente do Grau de Satisfação para as questões que englobam a variável SOCIAL:

Assim como existe uma esperança muito grande em que “Deus ‘arruma’ emprego” (Q62), observa-se que o nível de insatisfação em relação aos órgãos públicos “P.M. ‘arruma’ emprego” (Q61), e aqui não se restringe apenas ao fato da responsabilidade do emprego (mas está embutida toda a expectativa nos órgãos administrativos), apresenta-se diametralmente oposto.

Fato curioso é a questão “Quantidade de igrejas” (Q60) resultando num aspecto positivo, haja vista a proporção de igrejas no bairro (aproximadamente 1 templo/338 habitantes, em março de 2006).

De certa forma a proliferação de igrejas em áreas periféricas está diretamente ligada à um “Deus” que promete melhorias aqui na terra, e não após a morte. A confiança neste poder é maior que a depositada no poder público.

A decisão do morador do Antenor Garcia preferir “Permanecer no bairro mesmo discriminado” (Q59) faz com que estes busquem outras maneiras para exercer seus direitos de cidadania, inclusive apoiando candidatos ao governo municipal do próprio bairro.

A questão “Quantidade de bares” (Q57) apresentou um menor Grau de Satisfação (insatisfação muito grande) para boa parte da população. Observa-se que em jan. de 2005 existia 1 bar/27 casas. Em boa parte dos casos observados, este

fato está aliado com a perda do emprego ou o período da entressafra do corte da cana-de-açúcar ou colheita da laranja.

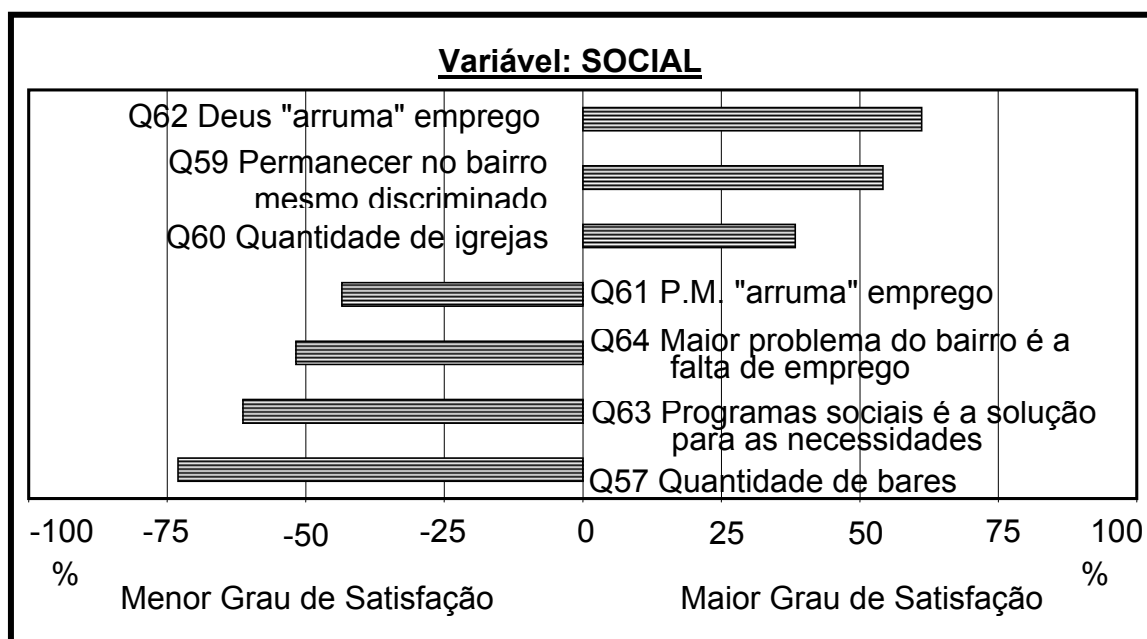


Figura 5.1.7 – Questões que definem a intensidade do Grau de Satisfação do morador do bairro Antenor Garcia, São Carlos, SP, com relação à variável SOCIAL.

Org: o autor (2006)

O fato da perda de emprego também se apresenta na questão “Maior problema do bairro é a falta de emprego” (Q64), que se mostra como a preocupação que gera muita insatisfação entre os moradores do bairro Antenor Garcia, principalmente aqueles trabalhadores diaristas sem registro em carteira. Da mesma maneira, observa-se por meio da questão “Programas sociais como única solução para as necessidades” (Q63) que, apesar de todas as dificuldades que o morador do bairro sofre, grande parte destes externa seu descontentamento preterindo essas benesses em prol da garantia de emprego.

De forma conclusiva, a Figura 5.1.8, sintetiza o Grau de Satisfação ordenado de forma decrescente para todas as variáveis elencadas pelos moradores do bairro Antenor Garcia. Observa-se que a Variável SAÚDE é a que apresenta (ainda que pequena) maior Grau de Satisfação.

Os valores foram calculados efetuando-se a somatória das questões para cada variável, sofrendo em seguida um reescalonamento.

Todas as outras cinco variáveis, nessa ordem: SOCIAL; EDUCAÇÃO E LAZER; SEGURANÇA; HABITAÇÃO E AMBIENTE; e, TRANSPORTES, resultaram em menor Grau de Satisfação (insatisfação) para os moradores do bairro.

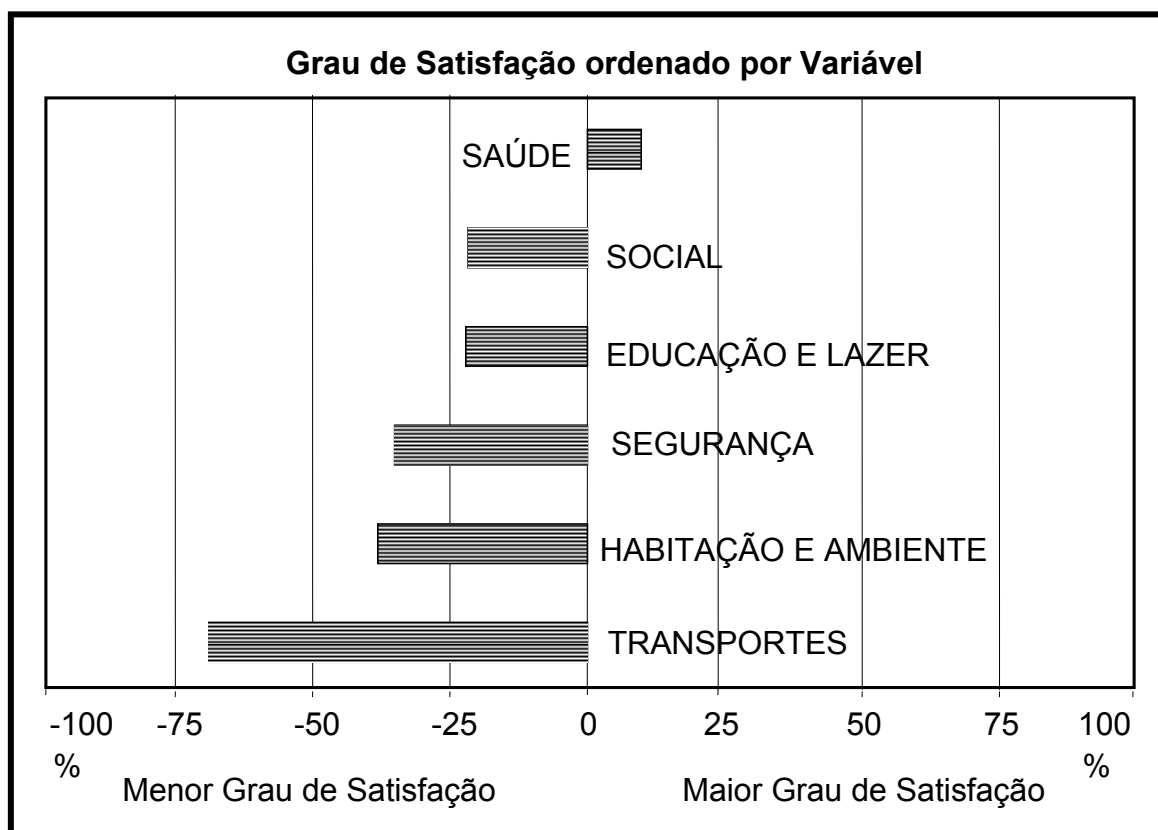


Figura 5.1.8 – Síntese do Grau de Satisfação ordenado por variável para o morador do bairro Antenor Garcia, São Carlos, SP.

Org: o autor (2006)

Observa-se que a população não está sendo satisfatoriamente atendida em termos das condições de infra-estrutura disponível no bairro Antenor Garcia, inerentes às variáveis SOCIAL, EDUCAÇÃO E LAZER, SEGURANÇA, HABITAÇÃO E AMBIENTE e, principalmente TRANSPORTES, exceto para a variável SAÚDE, embora ainda não significativa na escala do Grau de Satisfação.

Esse aspecto é amplamente discutido em VILLAÇA (2001), citando os dois fatores mais importantes que valorizam o espaço urbano como sendo a presença de infra-estrutura urbana e a acessibilidade ao bairro.

Esse cenário, constatado no bairro Antenor Garcia através do resultado observado quanto ao Grau de Satisfação, reflete parcialmente a falta de recursos e de políticas públicas, direcionadas a melhorias de infra-estrutura urbana de bairros com menor condição sócio-econômica.

5.2. ANÁLISE ENTRE QUESTÕES DE DIFERENTES VARIÁVEIS

Neste capítulo optou-se por complementar as análises iniciadas no Capítulo 5.1, estendendo as correlações para questões provenientes de diferentes variáveis, visando subsidiar a prefeitura local em termos de um diagnóstico socioeconômico e ambiental mais preciso em relação ao bairro Antenor Garcia, discutindo correlações entre questões das diferentes variáveis que compõem o grau de satisfação.

Observa-se que das 56 questões, aquela que gerou maior Grau de Satisfação para os moradores do bairro Antenor Garcia foi a questão “Iluminação no bairro” (Q7) – Figura 5.1.4, mostrando, de certa forma, sua influência na sensação de segurança dos moradores, conforme apresentado na questão “Sensação de segurança” (Q50) – Figura 5.1.2.

Por outro lado, as questões que apresentam os menores Graus de Satisfação para os moradores do bairro foram o “Tempo de viagem” (Q43) – Figura 5.1.1 e, “Morar de aluguel” (Q6) – Figura 5.1.4. Aspectos estes peculiares de cidades de porte médio a grande, onde a necessidade de moradia barata leva o morador para áreas mais periféricas, tendo como consequência percursos extensos e maiores gastos com transporte. Observa-se na Figura 5.2.1 que a maioria dos entrevistados (80%) do bairro Antenor Garcia se utiliza do ônibus para se locomover. Observa-se também que apenas 6% utilizam condução própria motorizada para se locomover.

A influência da distância do bairro quando confrontada com a dificuldade de deslocamento, também pode ser verificada na preferência pelo “Atendimento no pronto socorro da avenida” (Q30) em relação “Atendimento médico no posto de saúde Araci II” (Q22) ambas da Figura 5.1.3. Muito provavelmente devido à

possibilidade do deslocamento ao pronto socorro (centro da cidade de São Carlos) ser efetuado por ambulâncias.

A Figura 5.2.1 sintetiza os meios de transportes utilizados pelos moradores entrevistados no bairro Antenor Garcia.

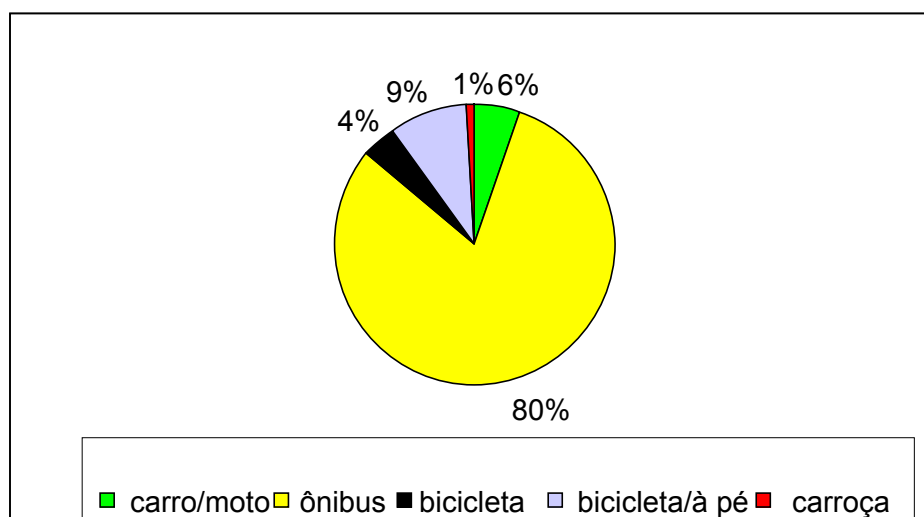


Figura 5.2.1 – Meios de transportes utilizados pelos moradores do bairro Antenor Garcia.

Org: o autor (2006)

Salienta-se que, apesar do morador do bairro estar descontente com o preço do transporte, ele se mostra praticamente duas vezes mais descontente com o tempo despendido em transporte público (Figura 5.1.1).

Confrontando-se as questões “Importância de vida saudável” (Q28) – Figura 5.1.3; com as questões “Cuidado ambiental” (Q19), “Percepção da mata”(Q13) e “Cortar mata para eliminar esconderijos” (Q16), extraídas da Figura 5.1.4, verificam-se que todas apresentam posições contrárias ou muito sutis aos aspectos afetos a preservação do ambiente, concorrendo (supostamente) para uma melhor qualidade de vida.

A Figura 5.2.2 apresenta a distribuição espacial daqueles moradores que responderam que, percebem os pequenos núcleos de mata que contornam o bairro (Q13) e também responderam que “cuidam” do meio ambiente (Q19).

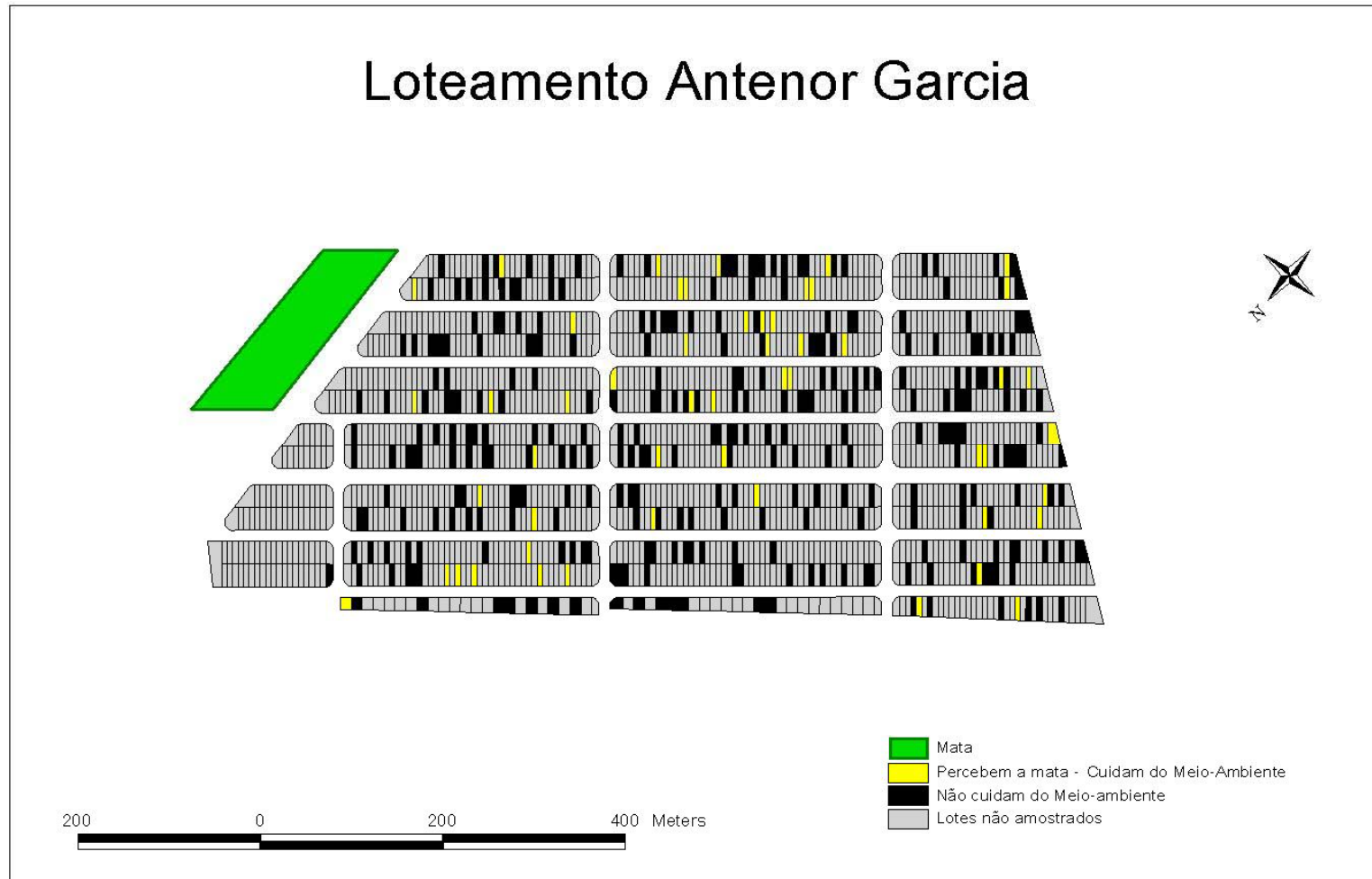


Figura 5.2.2 – Moradores que percebem os pequenos núcleos de mata que contornam o bairro (Q13) e também responderam que “cuidam” do meio ambiente (Q19).

Org: o autor (2006)

Admite-se que este assunto mereça maior atenção dos educadores ambientais do bairro, quer sejam nas escolas, nas organizações de bairro, ou até nos templos e igrejas.

Apesar das ruas do bairro Antenor Garcia serem as mais arborizadas da cidade de São Carlos (337 árvores/ha)⁵³ verifica-se que, para a questão “É melhor ter uma praça com bastante árvores a uns 200 metros do que mais árvores nas ruas” (Q12), aproximadamente 75% dos moradores – APÊNDICE D – concordam totalmente ou parcialmente com essa afirmação (Figura 5.2.3).



Figura 5.2.3 – Arborização de rua no bairro Antenor Garcia.

Fonte: o autor (nov. 2006)

Apesar do autor concordar com o fatos das questões não serem excludentes, dentre os 75% de moradores que responderam que preferem a construção de praças ao plantio de mais árvores nas ruas, aproximadamente 44% concordam parcialmente ou totalmente com a questão “Já que a mata ao lado dos córregos do Antenor Garcia é usada como esconderijo de bandidos, é melhor cortá-la” (Q16).

⁵³ Computadas apenas árvores situadas nas calçadas. Contagem efetuada em set. 2005,

Observa-se que, apesar dos lotes apresentarem dimensão de 150 m² (6 x 25m), bem como determinadas ruas no bairro possuírem mais que 300 metros de extensão, os moradores se mostram mais preocupados com a distância do bairro (Q43) e com a qualidade das “Vias de acesso ao bairro” (Q39) – ambas da Figura 5.1.1, do que com o desenho urbano ou a “Implantação do bairro” (Q9) – Figura 5.1.4, propriamente dito.

A Figura 5.2.4 apresenta os moradores que preferem utilizar a calçada como área de lazer para conversar com os vizinhos, e aqueles que preferem assistir televisão (Q46).

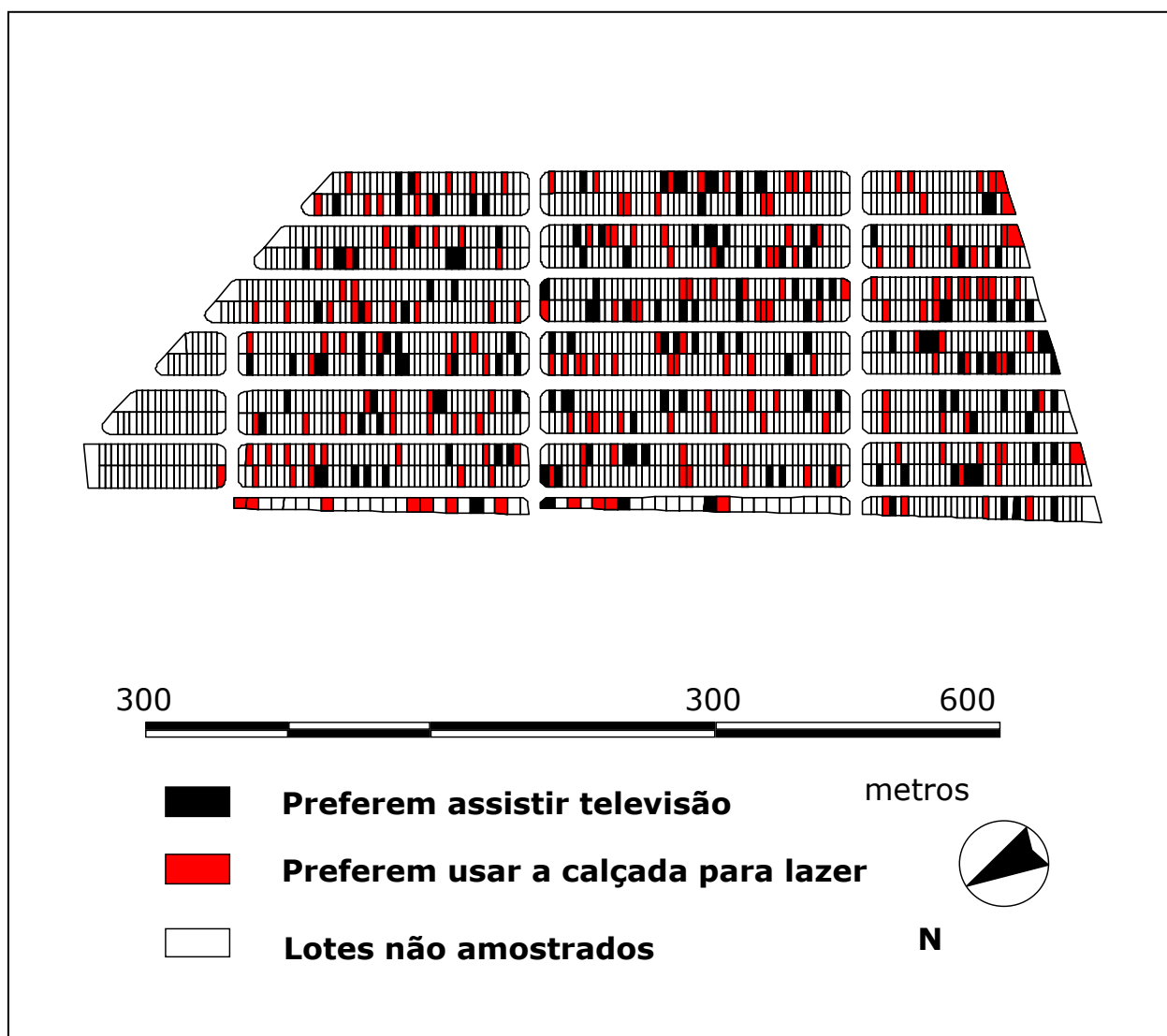


Figura 5.2.4 – Moradores que preferem assistir televisão x moradores que usam a calçada como área de lazer na hora da novela ou do jogo.

Org: o autor (2006)

Ainda sob o aspecto do desenho urbano, quando relacionado às mesmas questões: “Uso de calçada como área de lazer” (Q46) ou “Igreja como sinônimo de lazer” (Q47) – Figura 5.1.6 ou, de forma mais abrangente, todas as questões pertinentes a variável EDUCAÇÃO E LAZER, observa-se que não foi aventada (quando da elaboração do questionário) a falta de equipamentos de lazer como parques e praças. Fato este muito observado quando da aplicação dos questionários, principalmente quando o morador respondia a questão “Uso da calçada como área de lazer” (Q46) – Figura 5.1.6.

A análise dos resultados das questões “Aumentar status mudando de bairro” (Q4) – Figura 5.1.4 e “Permanecer no bairro mesmo discriminado” (Q59) – Figura 5.1.7 mostra que, o morador do bairro Antenor Garcia está começando a ter consciência dos seus direitos como cidadão, mesmo que a questão “Visão da mídia pelo morador do bairro” (Q51) – Figura 5.1.2 venha a colaborar de forma negativa perante a sociedade sancarlense.

Correlacionando-se a questão “Comentar sobre educação sexual familiar” (Q27) – Figura 5.1.3 com a questão “Sexo dos moradores” (Q71) – APÊNDICE D, observa-se que dos 362 questionários considerados, 179 foram respondidos que se sentiam Muito Insatisfeitos (MI) ou Parcialmente Insatisfeitos (PI) em comentar o assunto, optando por não falar com as crianças sobre sexo, ou gravidez indesejada, reservando para a escola esse papel. Desse total, verificou-se que, 32 foram homens e 147 mulheres.

Correlacionando-se proporcionalmente homens e mulheres que opinaram por não comentar com os filhos a questão sobre educação sexual (Q27), com o total de pessoas que responderam o questionário divididas por sexo (Q71), correspondentes a 111 homens e 251 mulheres, observa-se:

Aproximadamente 29% (32/111) daqueles que preferem não comentar as questões sobre educação sexual familiar são homens e 59% são mulheres (147/251).

Apesar de muitos acharem que o morador de áreas periféricas urbanas não está satisfeito com o local em que vive, o resultado da aplicação dos questionários para o bairro do Antenor Garcia mostra não ser tão simples a análise do seu resultado. Do total de moradores que responderam a questão “Você está satisfeito com o local em que vive” (Q67) – APÊNDICE D, aproximadamente 35%

responderam que sim, contra 28% que responderam não. Uma porcentagem de 9% respondeu mais ou menos e, expressivamente, 28% responderam que não sabem (Figura 5.2.5).

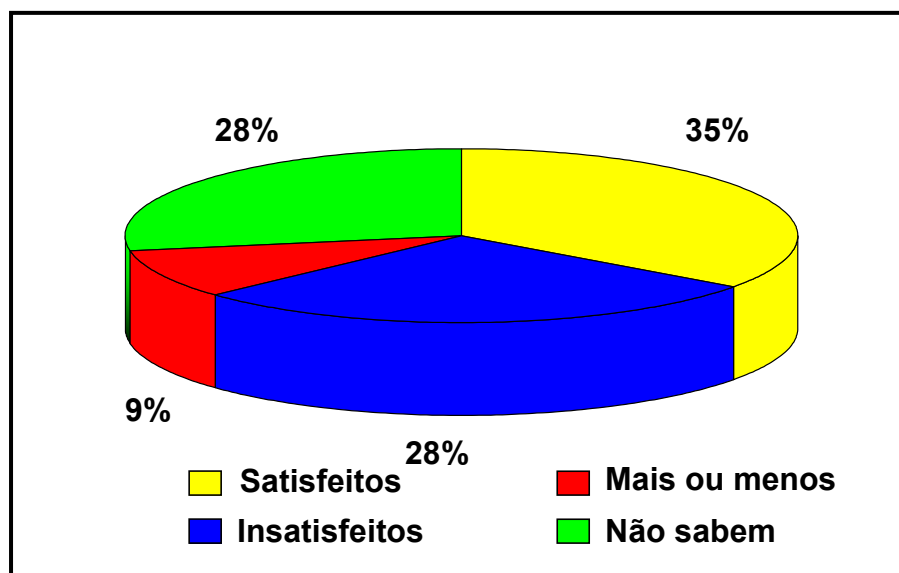


Figura 5.2.5 – Percentual de respostas à pergunta sobre estar satisfeito com o local em que vive (Q67) – bairro Antenor Garcia.

Org: o autor (2006)

Comparando-se os resultados da Figura 5.2.5 com aqueles obtidos na questão “Você é feliz” (Q66), apresentado na Figura 5.2.6, observa-se que, aproximadamente 63% responderam que sim, contra 26% que responderam não. Aproximadamente 8,0% responderam mais ou menos e os 3% restantes não sabem.

Apesar de 63% dos moradores entrevistados do bairro Antenor Garcia responder que se consideram felizes, apenas 35% se julgam satisfeitos com o local em que vivem. Por outro lado verifica-se um valor muito próximo entre aqueles que responderam que não são felizes (26%) e não estão satisfeitos (28%), bem como aqueles que estão mais ou menos felizes (8%) e mais ou menos satisfeitos com o bairro (9%).

Fato curioso foi o resultado expressivo com relação àqueles moradores que responderam que não sabem se estão satisfeitos com o bairro (28%), se comparado àqueles que não sabem se são felizes (3%). Provavelmente esse conjunto de

moradores, que têm uma opinião formada sobre sua felicidade, apesar de não estarem satisfeitos com vários aspectos do bairro, viveram em condições mais precárias (moradia, monetária, social, etc) que a atual.

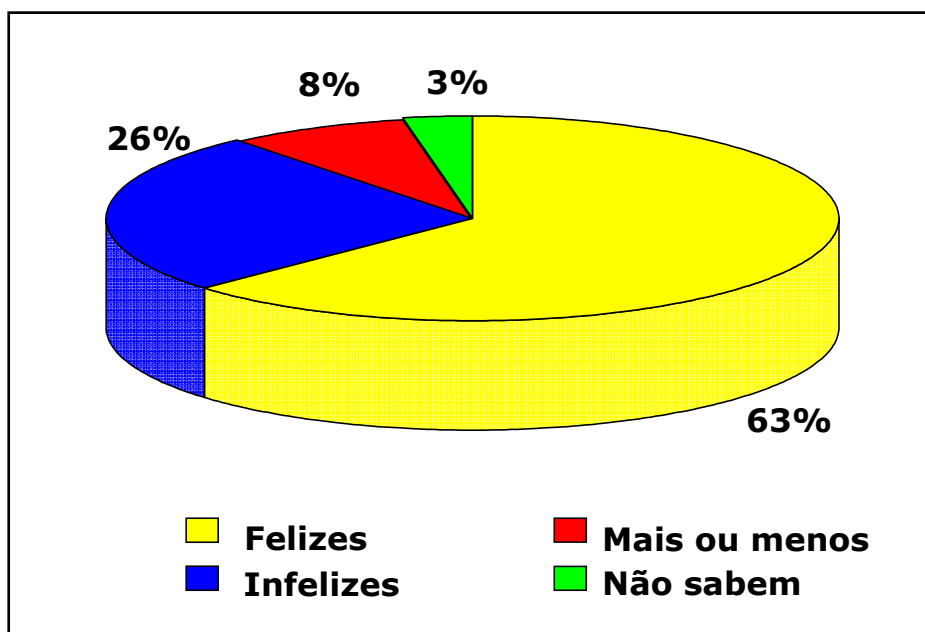


Figura 5.2.6 – Distribuição das respostas para a Questão “Você é feliz?” (Q66) para os moradores do bairro Antenor Garcia.

Org: o autor (2006)

Analisando-se as respostas segundo divisões por sexo, verifica-se pela Figura 5.2.7 que, tanto as mulheres quanto os homens têm praticamente as mesmas opiniões para a questão “Você está satisfeito com o local em que vive” (Q67). As mulheres com 36% apresentam pequeno acréscimo em relação aos homens (34%) no que diz respeito a satisfação com o bairro. No entanto, observa-se na mesma Figura 5.2.7 que, uma porcentagem muito maior de homens (30%) em relação às mulheres (10%), não sabe se estão satisfeitos com o bairro.

Essa mesma análise (segundo divisões por sexo) para a questão “Você é feliz” (Q66), excluindo-se os moradores que responderam “mais ou menos felizes” e “não sei”, observou-se que entre os homens entrevistados, 66% se declararam felizes, enquanto 27% apontaram que são infelizes.

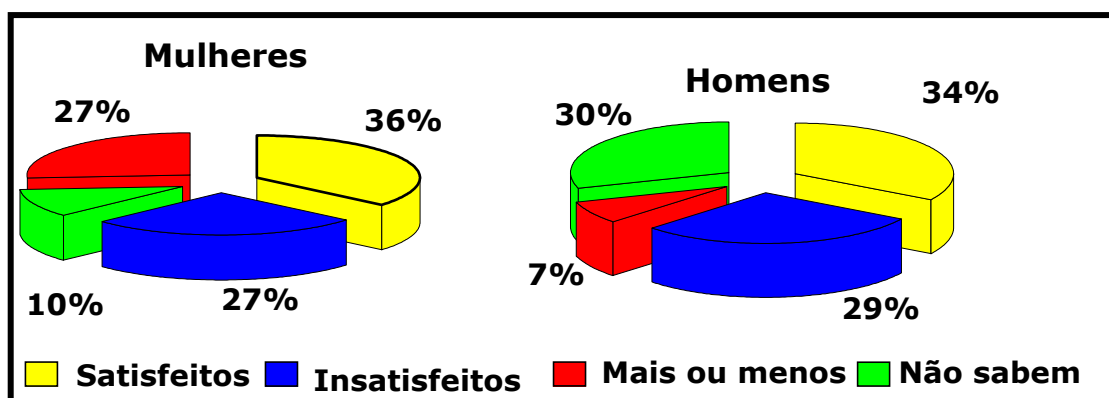


Figura 5.2.7 – Percentual de respostas dos moradores analisadas por sexo sobre a satisfação de morar no bairro Antenor Garcia.

Org: o autor (2006)

Quando comparados com os resultados das mulheres, os valores (numericamente falando) são muito similares, sendo que 62% responderam que são felizes contra 25% respondendo que são infelizes. Os homens se consideram mais felizes do que as mulheres (Figura 5.2.8).

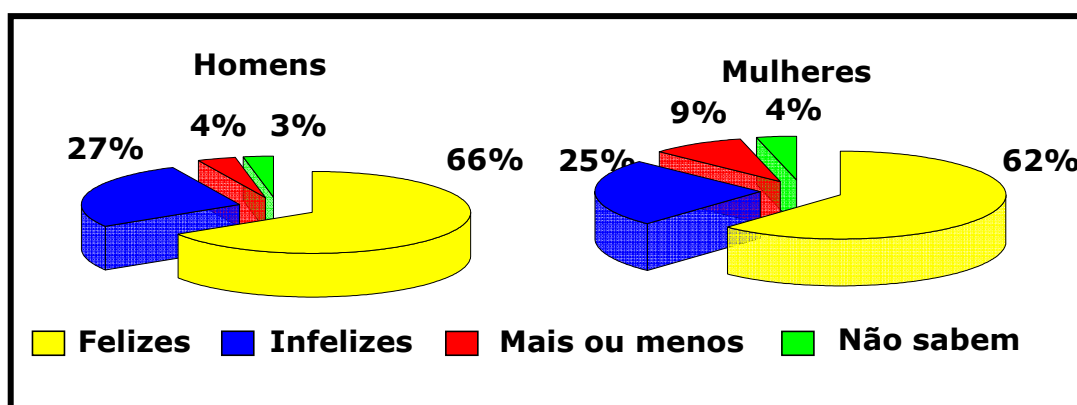


Figura 5.2.8 – Respostas sobre percentual de felicidade divididas por sexo no bairro Antenor Garcia.

Org: o autor (2006)

Correlacionando-se os moradores que responderam sim para a questão “Você está satisfeito com o local em que vive” (Q67) com o nível de escolaridade, por meio da questão “Escolaridade” (Q70), conforme apresentado na Figura 5.2.9,

observa-se que, de certa forma, moradores com maiores níveis de escolaridade respondem que estão mais satisfeitos com o bairro, se comparados com aqueles analfabetos.

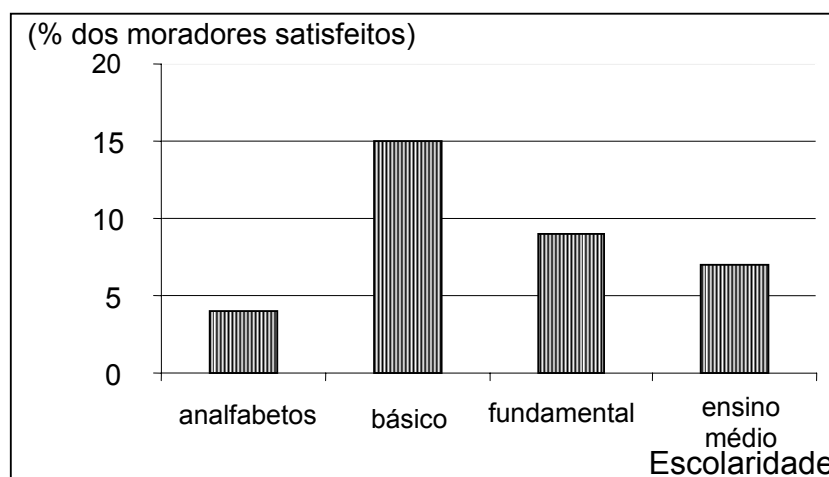


Figura 5.2.9 – Correlações entre percentual dos moradores que estão satisfeitos com o local em que vivem (Q67) com escolaridade (Q70) para o bairro Antenor Garcia.

Org: o autor (2006)

Em contrapartida analisando-se aqueles que responderam que não estão satisfeitos com o local em que vivem conforme Figura 5.2.10, verifica-se que apresentam a distribuição dos dados muito semelhantes àqueles da Figura 5.2.9. Entretanto, moradores com nível escolar básico (que somam 38% dos entrevistados), estão mais satisfeitos com o bairro do que insatisfeitos.

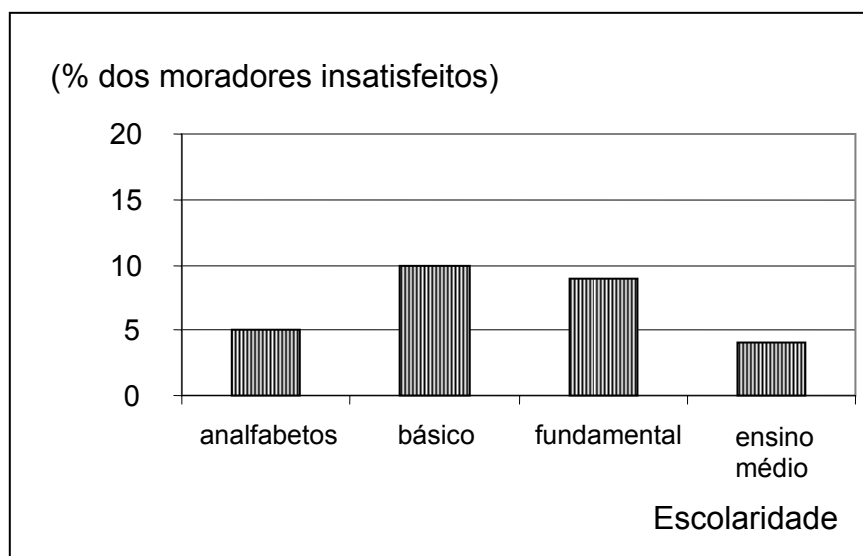


Figura 5.2.10 – Correlações entre percentual dos moradores que não estão satisfeitos com o local em que vivem (Q67) e escolaridade (Q70) para o bairro Antenor Garcia.

Org: o autor (2006)

Analisando-se os resultados da Figura 5.2.6, onde aproximadamente 63% dos moradores responderam sim para a questão “Você é feliz” (Q66) e correlacionando-se essa condição com o “Grau de escolaridade” (Q70) do APÊNDICE D, observa-se que de 88% dos moradores em questão são alfabetizados. A Figura 5.2.11 apresenta – por grau de escolaridade e faixa etária - os moradores que responderam que são felizes. Os números em parênteses indicam a idade média dos moradores entrevistados, podendo ser observado que a média de idade diminui para faixas mais avançadas de ensino.

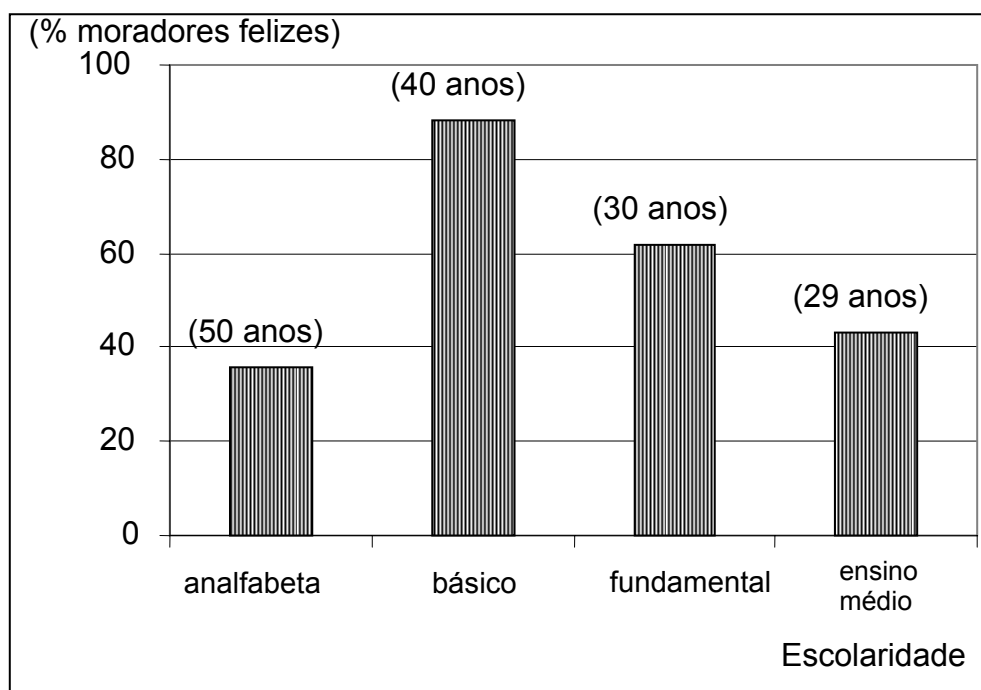


Figura 5.2.11 – Correlação entre os moradores que responderam que são felizes (Q66) e a idade média (Q69) para cada faixa de escolaridade (Q70), no bairro Antenor Garcia.

Org: o autor (2006)

A Figura 5.2.12 apresenta o resultado da questão (Q21) – APÊNDICE D – sobre a quantidade de filhos. Dos 362 moradores entrevistados, 38% discordam radicalmente que tenham poucos filhos, enquanto 24% concordam que deveriam ter mais filhos. Observa-se que, daqueles que responderam que discordam que têm poucos filhos, 83% são provenientes da região sul e sudeste do país. Enquanto, em número proporcionalmente menor, aqueles moradores que admitem que têm poucos filhos, 70% são provenientes da região sul e sudeste. Em síntese, verificou-se no bairro Antenor Garcia, que os moradores provenientes da região nordeste do país possuem mais filhos se comparados aos das regiões sul e sudeste.

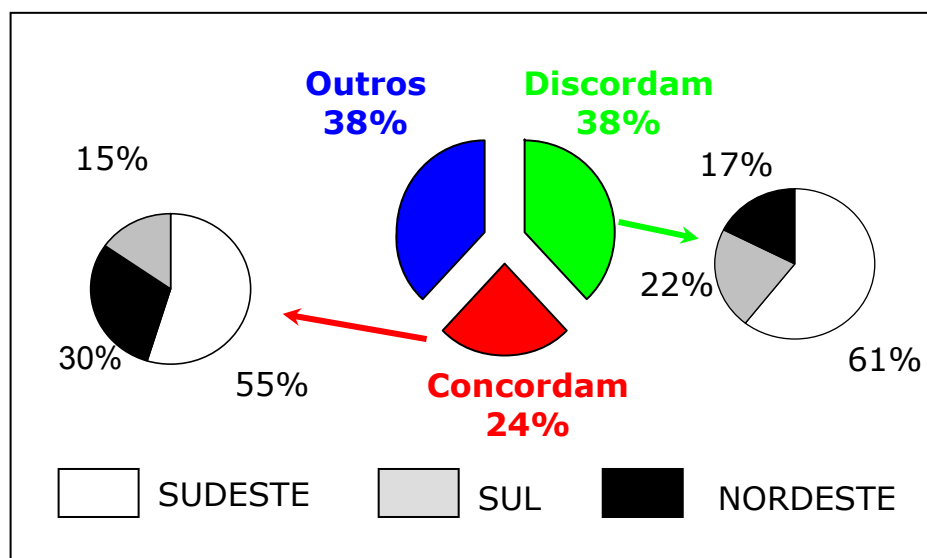


Figura 5.2.12 – Moradores do bairro Antenor Garcia que concordam e discordam que tenham poucos filhos, agrupados por região de origem.

Org: o autor (2006)

5.3. CONSIDERAÇÕES SOBRE ABORDAGENS ESTATÍSTICAS ADICIONAIS

Além das dificuldades inerentes aos dados experimentais, defrontou-se a carência de ferramental computacional adequado para análise, podendo ser exemplificado pela incapacidade do programa Microsoft Office Excel em processar tabelas com mais de 6.500 linhas, uma vez que no atual trabalho, chegou-se a mais de 20.000 respostas.

A fim de verificar o formato da distribuição dos dados foram elaborados histogramas, os quais revelaram que os dados não seguiam a distribuição normal, mas sim em forma de “U”, conforme Figura 5.3.1.

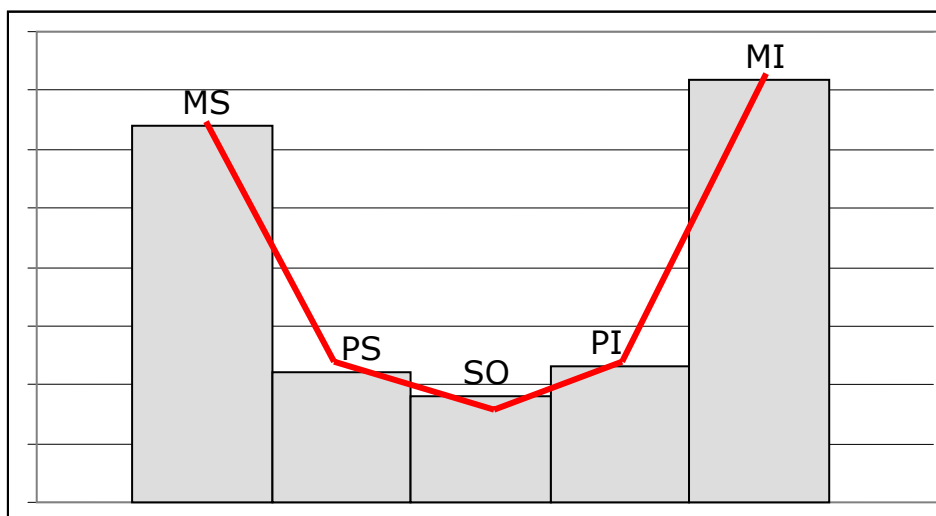


Figura 5.3.1 – Histograma representativo das respostas obtidas com a aplicação do questionário no bairro Antenor Garcia. (MS – Muito Satisfeito; PS – Parcialmente Satisfeito; SO – Sem Opinião; PI – Parcialmente Insatisfeito; MI – Muito Insatisfeito)

Org: o autor (2006)

Mesmo procurando-se associar as repostas por meio das variáveis nominais (sexo, idade, etc...), obteve-se o mesmo perfil em “U” indicando o processo de obtenção de dados precisaria ser repensado de forma a não gerar padrões de resposta.

Como as variáveis analisadas não possuíam distribuição normal, não foi possível aplicar a análise de variância (ANOVA) para a comparação dessas variáveis, uma vez que não existe sentido de cunho social para um valor médio das respostas.

Embora a análise não paramétrica não dependa do tipo de distribuição (podendo ser aplicada nesta pesquisa), observa-se que os resultados obtidos não agregam nenhuma informação relevante, uma vez que apenas apresenta a existência da relação entre as questões (variáveis), sem identificar seus agrupamentos.

Dessa forma buscou-se outros métodos estatísticos para analisar a quantidade de dados disponíveis no APÊNDICE D, procurando-se correlacionar seus resultados com aqueles obtidos nos Capítulos 5.1 e 5.2. Dentre os métodos

disponíveis optou-se por utilizar a correlação por meio da análise multivariada de dados.

5.4. ANÁLISE MULTIVARIADA DOS DADOS (ANÁLISE FATORIAL)

Através do programa SPSS, conforme apresentado no Quadro 5.4.1, verifica-se que o nível de intensidade (KMO) da relação entre todas as 56 variáveis (Quadro 5.1.2) foi de aproximadamente 0,6, considerado uma intensidade satisfatória (BORIN, 2006; HAIR, Jr. et al., 2005) para análise de aspectos de âmbito social, e indicando que os dados originais são consistentes e permitem estabelecer a adequação da análise fatorial ao conjunto de dados.

O teste de esfericidade de Bartlett (BTS) apresentou um valor elevado mostrando-se significativo a 5% ($p < 0,05$), desta forma é improvável que a matriz de correlação seja uma identidade, isto é, comprovando-se que as variáveis não são correlacionadas, rejeitando-se deste modo a hipótese nula do teste. Sendo assim os testes realizados permitem concluir que o conjunto de dados utilizado é adequado ao emprego da análise fatorial.

Quadro 5.4.1 – Teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e Teste de Esfericidade de Bartlett (BTS).

Medida de adequação da amostra Kaiser-Meyer-Olkin.		0,580
Teste de esfericidade de Bartlett	Chi-quadrado aproximado	2777,521
	Grau de liberdade	1540
	p-valor	,000

Org: o autor (2006)

A proposta da aplicação da análise fatorial exploratória no conjunto das 56 questões foi descobrir quais eram as possíveis raízes latentes que sintetizavam os anseios dos moradores do bairro Antenor Garcia, partindo-se do grupo de questões definidas. Mesmo não havendo nenhuma dimensão se sobressaindo (Quadro 5.4.2),

é convencional que autovalores maiores que 1 constituam dimensões importantes (FERREIRA, Jr, 2004).

Quadro 5.4.2 – Autovalores e porcentagem da variância total explicada pelos fatores identificados na análise fatorial

Dimensão	Autovalor	Variância explicada pelo fator (%)	Variância acumulada (%)
1	3,38	6,03	6,03
2	2,82	5,04	11,07
3	2,15	3,83	14,91
4	1,83	3,26	18,17
5	1,80	3,21	21,38
6	1,65	2,94	24,32
7	1,62	2,90	27,21
8	1,55	2,77	29,98
9	1,53	2,74	32,72
10	1,46	2,61	35,33
11	1,41	2,53	37,86
12	1,37	2,44	40,30
13	1,33	2,37	42,66
14	1,28	2,28	44,94
15	1,22	2,18	47,12
16	1,18	2,11	49,23
17	1,16	2,07	51,30
18	1,14	2,04	53,34
19	1,11	1,98	55,31
20	1,05	1,88	57,19
21	1,03	1,83	59,03
22	1,00	1,79	60,82

Org: o autor (2006)

Apesar de verificar-se que seriam necessárias 22 dimensões para o processo de classificação de todas as respostas (56), e tendo em vista que inexistia um modo de estabelecer o número de fatores principais que devam ser extraídos, com base na Figura 5.4.1: optou-se por analisar aquelas questões que melhor se associavam às 4 primeiras dimensões (fatores), uma vez que a partir da quarta dimensão a variação explicada pelo acréscimo de cada novo fator é muito pequena, e as respostas passam a não apresentar uma diferenciação clara. Observa-se no Quadro 5.4.2 que o conjunto dos quatro fatores explica apenas 18,17% da variância total das variáveis analisadas.

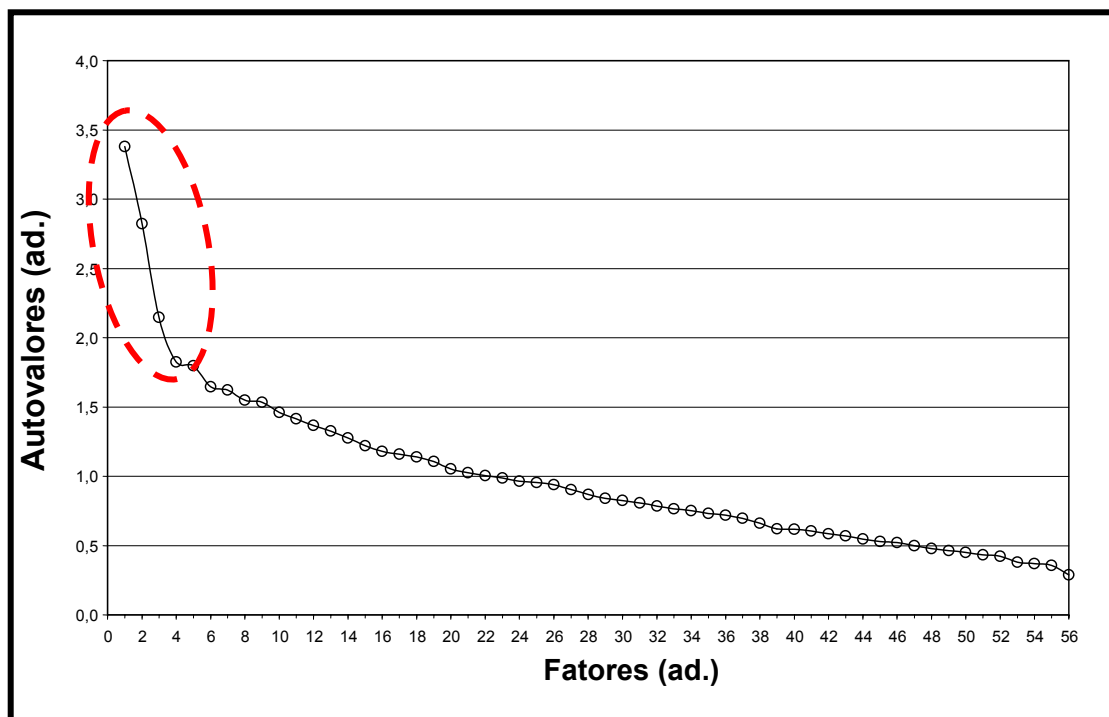


Figura 5.4.1 – Autovalores (Eigenvalues) para os questionários aplicados no bairro Antenor Garcia.
Org: o autor (2006)

Por meio do método de Rotação Varimax (HOFFMANN, 1999), maximizou-se os valores da associação das variáveis com suas respectivas dimensões. No Quadro 5.4.3 estão apresentadas as cargas fatoriais, ou os coeficientes de correlação entre os fatores e cada uma das 22 variáveis, e suas respectivas comunalidades para as quatro dimensões consideradas. Para melhor interpretação, as cargas fatoriais com valores superiores a 0,600 encontram-se em negrito, valores estes arbitrados como expressão de forte associação entre o fator e o indicador.

Os valores encontrados para as comunalidades, que demonstram a capacidade explicativa conjunta dos quatro fatores em relação a cada questão, mostram que, praticamente, todas as questões têm a sua variabilidade significativamente captada e representada pelos fatores. Apesar das questões Q23 e Q22, apresentarem comunalidades inferior ou próximo de 50%, ambas estão forte e positivamente associadas ao segundo fator (F2), resultado que vai de encontro às expectativas deste trabalho.

Quadro 5.4.3 – Matriz de componentes rotacionada para todas as questões.

Matriz de Componentes Rotacionada					
Dimensões (Fatores)					
	F1	F2	F3	F4	Comunalidades
Q50	1,22187	0,24458	0,27347	0,11623	0,75763
Q52	1,14537	-0,03713	0,20910	0,04583	0,69816
Q51	0,93378	-0,10480	-0,12975	-0,00760	0,59092
Q61	0,48694	0,20377	0,15459	0,12155	0,48277
Q7	0,37410	0,10181	0,02841	0,19771	0,30574
Q39	-0,22969	-0,08245	0,12756	0,01955	0,21344
Q24	0,01797	1,08977	0,16666	-0,07714	0,65760
Q29	0,10385	0,97448	-0,02945	0,28444	0,63106
Q23	-0,04513	0,66603	0,05195	0,17444	0,40349
Q22	0,22856	0,68415	-0,09149	0,44980	0,52102
Q64	0,16461	0,43071	-0,04470	0,00243	0,31266
Q34	-0,08965	0,07971	1,12969	-0,01947	0,66406
Q33	0,22648	0,01186	1,12962	-0,11797	0,67330
Q36	-0,00307	0,10273	0,85842	0,55237	0,65665
Q19	0,20922	0,23414	0,37493	-0,09743	0,28651
Q20	0,06210	0,23894	-0,02490	1,47876	0,80468
Q26	0,11059	0,11950	0,01417	1,16515	0,68411
Q53	0,27128	0,14958	0,34197	0,02726	0,67281
Q57	0,14632	0,09609	0,09883	-0,08950	0,37867
Q43	-0,01030	0,03001	-0,03108	0,00436	0,29344
Q63	-0,16302	-0,06516	0,06301	0,11718	0,29267
Q49	0,21421	0,03510	-0,15404	0,05404	0,59231
Q3	0,06394	0,01830	0,31576	0,39556	0,52440
Q2	-0,01266	-0,00887	0,04469	-0,00581	0,10032
Q17	0,01454	-0,01962	-0,08138	0,01929	0,79459
Q44	0,09075	-0,02633	0,13874	0,06128	0,39737
Q15	-0,37384	-0,01397	-0,03062	0,00374	0,55526
Q41	-0,11924	0,08787	0,09030	0,07668	0,82677
Q42	0,06550	0,01174	-0,23021	0,14024	0,45814
Q45	0,06317	0,21126	0,12199	-0,17357	0,46957
Q56	0,20226	0,03345	-0,09054	-0,10139	0,76224
Q55	-0,00339	-0,04989	0,33634	0,11867	0,70635
Q27	0,24587	-0,20365	0,17139	-0,45357	0,64817
Q11	-0,04136	0,01602	0,03937	-0,01144	0,31023
Q4	0,41521	0,32414	0,01657	-0,14264	0,63454
Q6	0,00595	0,03966	0,02421	0,01014	0,15546
Q13	0,08318	-0,02831	0,07865	0,20939	0,78360
Q16	-0,06514	-0,00903	0,09282	0,19600	0,86257
Q9	-0,13915	-0,10658	0,06447	-0,03615	0,74637
Q62	0,01935	0,18231	0,12030	0,09676	0,37724
Q35	0,06684	0,12562	-0,06650	-0,01572	0,78236
Q59	-0,49794	-0,13220	0,13024	0,05260	0,57105
Q28	0,09468	-0,18680	0,11133	-0,15191	0,78036

Matriz de Componentes Rotacionada – cont.					
Dimensões (Fatores) cont.					
	F1	F2	F3	F4	Comunalidades
Q37	-0,02290	-0,42817	0,03834	-0,03120	0,49358
Q40	0,01346	-0,05202	0,05933	0,03426	0,84377
Q54	0,00819	0,16423	0,03764	-0,08011	0,29056
Q30	0,12234	0,03938	-0,13735	-0,17348	0,80602
Q60	-0,15262	-0,00935	-0,13614	0,20193	0,81881
Q18	0,22339	0,01741	0,03456	0,13357	0,89422
Q14	0,03206	-0,27717	0,03570	-0,01479	0,34430
Q47	-0,01798	-0,09365	0,00290	-0,13999	0,83032
Q48	0,02412	0,16362	-0,13806	-0,11433	0,81169
Q25	0,12560	0,05673	0,02745	0,12651	0,88776
Q5	0,02046	-0,02421	-0,02194	0,00441	0,93183
Q31	-0,00023	0,02468	-0,03844	0,04813	0,87452
Q46	0,01487	0,17280	0,01185	-0,02878	0,92829

Programa SPSS. Método de Extração: Análise de Componentes Principais. Método de Rotação: VARIMAX com Normalização Kayser. Rotação convergiu após 20 iterações. Org: o autor (2006)

A análise fatorial revelou quatro grupos de questões afetas à: **SEGURANÇA**; **SAÚDE** e **EDUCAÇÃO**, listados abaixo:

O primeiro fator (F1) encontra-se forte e positivamente correlacionado com as questões Q50; Q52 e Q51:

- Q50 – A minha sensação como morador do bairro é que estamos num lugar seguro;
- Q52 – Os “bandidos” que moram no Antenor Garcia são tão poderosos que fazem com que os moradores mudem para outro lugar;
- Q51 – Os programas de rádio exageram quando comentam que o bairro Antenor Garcia é o mais violento da região do Araci;

Todas as questões estão relacionadas ao aspecto da segurança do bairro, sendo assim observa-se que o fator (F1) traduz como aspecto de maior importância na correlação com o Grau de Satisfação dos moradores do bairro Antenor Garcia a **SEGURANÇA** no bairro.

O segundo fator (F2) associa-se forte e positivamente com as questões Q24; Q29; Q22 e Q23, que expressam o Grau de Satisfação com relação à variável **SAÚDE** dos moradores do bairro Antenor Garcia:

- Q24 – Os remédios que os médicos receitam são conseguidos de graça na farmácia postinho de Saúde da Rua 4, resolve bem a maioria dos problemas do posto de saúde;
- Q29 – O médico do de saúde da minha família;
- Q22 – Toda vez que precisou de médico foi possível ser atendido rapidamente no posto de saúde da Aracy, pois tinha médico de plantão;
- Q23 – Toda vez que foi atendida no posto de saúde da Aracy os funcionários foram simpáticos e educados;

O fator (F3) apresenta correlação positiva e forte com as questões Q34; Q33 e Q36, podendo ser interpretado como o fator EDUCAÇÃO representando o terceiro aspecto em nível de preocupação na medida do Grau de Satisfação dos moradores do bairro Antenor Garcia:

- Q34 – O ensino no Antenor é “mais fraco” porque as aulas não são bem dadas e não motivam nossos filhos a aprender;
- Q33 – O ensino no Antenor é “mais fraco” porque os diretores e professores têm medo da atitude dos alunos e são menos enérgicos;
- Q36 – As escolas do lugar de onde você veio são melhores que as daqui do Antenor, as crianças saiam mais bem preparadas;

E por fim o fator (F4), segundo a interpretação realizada com base nos coeficientes de correlação entre o fator (F) e cada questão, está representado pelas questões: Q20; Q26 e Q36, uma vez que essas questões se correlacionam positiva e fortemente. Dessa forma observa-se novamente que aspectos afetos à SAÚDE e EDUCAÇÃO estão presentes também num quarto nível de prioridade quando da verificação do Grau de Satisfação dos moradores do bairro Antenor Garcia:

- Q20 – Os agentes de saúde tornam mais rápido o atendimento médico;
- Q26 – Todos na família vão ao dentista uma vez por ano;

- Q36 – As escolas do lugar de onde você veio são melhores que as daqui do Antenor, as crianças saiam mais bem preparadas;

Salienta-se que, apesar da aparente incongruência entre as questões pertinentes à SAÚDE (Q20 e Q26) com a questão (Q36) afeta à EDUCAÇÃO, observa-se que o que está se analisando são as possíveis associações entre as respostas dos moradores, e não seus temas correlatos.

Sendo assim, foi possível verificar quais questões estão associadas entre si, isto é, aquela questão que satisfaz a um morador e também satisfaz ao grupo dos três (F1, F3, F4) ou quatro (F1, F3, F4, e F2) respondentes.

Apesar de a análise fatorial mostrar que os principais fatores que traduzem o Grau de Satisfação dos moradores do bairro Antenor Garcia sejam, (nessa ordem) SEGURANÇA, SAÚDE e EDUCAÇÃO, ressalta-se que, devido à pequena aderência obtida (18,17% da variância total explicada para os quatro fatores/dimensões analisados) – Quadro 5.4.2, julga-se prudente aliar a essa metodologia a análise realizada nos Capítulos 5.1 e 5.2.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espaço urbano, moradores, valores ambientais e gestão são os quatro fatores que podem ser utilizados na interpretação deste trabalho. A análise conjunta e em profundidade dos mesmos permite definir o Grau de Satisfação de populações quanto aos aspectos de infra-estrutura urbana.

As informações quantitativas das estatísticas nacionais e internacionais sobre as variáveis que definem o desenvolvimento humano – apesar de serem úteis como estabelecimento de “medidas de ponto de partida” para definição de prioridades – não mostram de forma explícita se as pessoas estão satisfeitas ou insatisfeitas com a infra-estrutura e os equipamentos urbanos disponibilizados para as mesmas. De modo geral, essas variáveis não são percebidas pela comunidade com relação aos aspectos que envolvam o planejamento do ambiente urbano, principalmente quando se trata de uma comunidade periférica carente, criando, inclusive, em algumas situações, falsas expectativas daquilo que poderia ser modificado, no curto e médio prazos.

Com a aplicação da proposta metodológica apresentada neste trabalho foi possível verificar a percepção dos moradores por meio da análise do Grau de Satisfação dos mesmos quanto às condições de infra-estrutura urbana do bairro em que vivem.

A metodologia apresentada neste trabalho pretende sensibilizar os órgãos governamentais para se criar instrumentos adequados para elaboração, detalhamento e aferição de variáveis mais detalhadas que correlacionem a qualidade de vida – como por exemplo na forma de um Grau de Satisfação – das comunidades que usufruem dos serviços públicos:

Infelizmente mudanças levam tempo para ocorrer. Mudanças na forma de perceber, bem como novas maneiras de entender e de agir, também requerem tempo para se desenvolver. Competências, também necessitam de tempo para se desenvolver, mudanças no seio das comunidades necessitam de apoio dos vários níveis de governo, do setor privado local e das corporações globais. (DUHL; HANCOCK, 1999).

Os resultados deste trabalho permitiram demonstrar que a implantação e a condição de infra-estrutura urbana não é apenas uma simples questão de água, esgoto, drenagem pluvial, habitação, energia elétrica, sistema viário, tratamento de resíduos sólidos (lixo), transporte coletivo, comunicação, aspectos de saúde, segurança e lazer; é tudo isto e mais a percepção de seus moradores a respeito da condição desses serviços.

Desta forma pode ser constatado que este desafio não se responde com leis, mas sim por meio do engajamento de um maior número de participantes locais (e não, apenas, pesquisadores, ou órgãos públicos), num processo abrangente de reflexão das reais causas da organização social relacionadas à noção de vida comunitária e espaço habitado. Pesquisas avaliativas locais, de cunho perceptivo, regularmente são capazes de flagrar os anseios dos moradores de bairros, possibilitando analisar os problemas físicos e estruturais do desenho urbano. A análise desses aspectos pode gerar conhecimento para sustentar e aprimorar processos e vetorizar a intervenção pública.

Nessa ótica, a implementação da metodologia de avaliação participativa apresentada neste trabalho pode favorecer a aglutinação crítica da sociedade, uma vez que o processo avaliativo não se restringiu meramente a um exercício científico, mas sim, buscou possibilidades de replicar experiências bem sucedidas, procurando detectar, principalmente “porque um determinado projeto urbano colabora para aumentar ou diminuir o Grau de Satisfação com relação a um bairro”.

A metodologia aplicada partindo de uma única questão: “O que te agrada e incomoda no bairro em que vive?”, se mostrou bastante promissora para a obtenção das Variáveis que contemplam a infra-estrutura urbana do bairro Antenor Garcia de São Carlos, percebidas pelos seus moradores.

As Variáveis identificadas para a definição do Grau de Satisfação dos moradores do bairro Antenor Garcia: SAÚDE, SOCIAL, EDUCAÇÃO E LAZER, SEGURANÇA, HABITAÇÃO E AMBIENTE e TRANSPORTES (nesse gradiente), são regularmente relatadas na bibliografia como integrantes de Indicadores de Qualidade de Vida Urbana. Apenas a Variável SAÚDE, apesar de pequena intensidade, se mostrou gerando maior Grau de Satisfação para os moradores do bairro Antenor Garcia. Por outro lado, as Variáveis restantes resultaram em insatisfação na análise das questões que as compõem, sendo que a Variável

TRANSPORTES foi aquela que gerou menor Grau de Satisfação entre os moradores.

Como resultado prático observa-se que os moradores do bairro Antenor Garcia não estão satisfeitos com os serviços públicos proporcionados aos mesmos. Caso a Prefeitura Municipal de São Carlos tenha interesse em aumentar o Grau de Satisfação dos moradores, poderia investir em melhorias na qualidade do transporte público. Para o morador do bairro, a Variável TRANSPORTE foi definida por meio de sete questões, onde o “Tempo de viagem” (Q43) foi a que gerou menor Grau de Satisfação.

A análise fatorial efetuada com as 56 questões pertinentes a todas as Variáveis, buscando associação entre as respostas, indicou que dentre os aspectos de maior importância na definição do Grau de Satisfação para os moradores do bairro Antenor Garcia estão (nessa ordem de importância) as Variáveis SEGURANÇA, SAÚDE e EDUCAÇÃO.

Utilizando-se a premissa da regularidade entre intervalos, isto é, tratando-se os dados numa escala intervalar (PEREIRA, 2001), foi constatado que o morador do Bairro Antenor Garcia está **não está satisfeito** com as condições do bairro em que vivem. Cerca de 42% dos moradores se mostraram “Parcialmente a Muito Insatisfeitos”; 39% estão “Muito a Parcialmente Satisfeitos” com os aspectos abordados pelas Variáveis, enquanto que 9% dos moradores optaram por não opinar (Quadro 6.1).

Quadro 6.1 – Seqüência de edição de medida de Grau de Satisfação em relação aos Indicadores do Bairro Antenor Garcia.

			Pesos	Freqüência
Muito Satisfeito (MS)	6545	32,29%	1	MS a PS = 38,53%
Parcialmente Satisfeito (PS)	2280	11,25%	0,5	
Sem Opinião (SO)	1806	8,91%		
Parcialmente Insatisfeito (PI)	2350	11,59%	0,5	PI a MI = 41,75
Muito Insatisfeito (MI)	7289	35,95%	1	
Total	20270			

A pesquisa trilhou os caminhos desejados, alcançando seus objetivos. Com base na contextualização do município de São Carlos e do seu processo de ocupação urbana, focou principalmente o grupo do estudo de caso - moradores do bairro Antenor Garcia e suas interações com o município. Executou as etapas metodológicas preconizadas para aplicação de questionários embasados em autores específicos e na análise dos resultados. Por fim, executou três procedimentos para correlacionar os dados obtidos e extrair resultados finais para o GRAU DE SATISFAÇÃO.

7. REFERÊNCIAS

- ABREU, M. de P. De Jango a Lula: LIÇÃO PRINCIPAL É QUE COM ESTABILIZAÇÃO NÃO SE BRINCA. **Jornal o Estado de São Paulo**, São Paulo, 18 ago. 2003, p. 4.
- ARNSTEIN, S. R. Uma escala da participação cidadã. **PARTICIPE** – Revista da Associação Brasileira para o Fortalecimento da Participação, Porto Alegre/Santa Cruz do Sul, v. 2, n. 2, p. 4-13, jan. 2002.
- ASCH, S. E. **Psicologia Social**: tradução de Dante Moreira Leite e Miriam Moreira Leite, 3ª. ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.
- BASSANI, M. A. Fatores psicológicos da percepção da qualidade ambiental. In: MAIA, Nilson Borlina, MARTOS, Henry Lesjak, BARELLA, Walter (Org.). **Indicadores Ambientais: conceitos e aplicações**. São Paulo: EDUC/COMPED/INEP, 2001. p. 47-57.
- BLANCHFLOWER, D. G., OSWALD, A. J. Happiness and the Human Development Index: The Paradox of Australia. **Australian Economic Review**, Australia, 38(3), 307-319, 5 may 2005.
- BEHAGUE, D. P. e OGDEN, J. A. Qualitative Research (Letter, Comment). **Lancet**, (348): 127, 1996.
- BJORNBERG, A. J. S. e TOLENTINO M. Contribuição ao estudo da geologia e águas subterrâneas em São Carlos, **Sociedade Brasileira de Geologia**, São Paulo, SP, pag. 5-33, 1959.
- BERNARDES, J. A.; FERREIRA, F. P. de M. Sociedade e Natureza. In: CUNHA Sandra Batista; GUERRA, José Teixeira (Org.). **A Questão Ambiental – Diferentes Abordagens**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 17-42.
- BOGARDUS, E. **Measuring Social Distance**. *Sociology and social Research* 9 (March): 299 – 308. 1925. Disponível em: <http://www.cybergeopresse.fr/essoct/texte/socdis.htm> , Acesso em: 08 fev. 2006.
- BORIN, I. Entrevista concedida em São Paulo, 18 jul. de 2006. (ivanborin@yahoo.com.br).
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos, 10ª. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BRITTEN, N. Qualitative Research (Letter Comment). **Lancet**, (348): 128, 1996.

- BRAGA, T. M. et al. **Índices de sustentabilidade municipal: o desafio de mensurar.** (Texto para discussão; 225). Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2003. 22 p.
- BUNGE, M. **Tratado de Filosofia Básica.** São Paulo: Edusp, volume 2: Semântica II – Interpretação e Verdade, 1976, pp. 93-141.
- BUSSAB, W. O. e MORETTIN, P. A. **Estatística básica.** 5^a. ed., São Paulo: Saraiva, 2002.
- CÂNDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito:** Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos meios de vida. Rio de Janeiro: José Olympio - Coleção Documentos Brasileiros, 1964.
- CAPRA, F. Educação. In: TRIGUEIRO, André (Coord.). **Meio Ambiente no Século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental (nas suas áreas de conhecimento).** Rio de Janeiro: Sextante, 2003. p. 19 – 33.
- CARMO, R. L. **O Conceito de Qualidade de Vida:** uma primeira abordagem. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1993.
- CASTRO, F. **Almanach-Album de São Carlos 1916-1917.** São Carlos.
- CAVALHEIRO, F. Urbanização e alterações ambientais. In: IANK, S.M. (Org). **Análise ambiental: uma visão multidisciplinar.** Rio Claro: UNESP, 1991. p. 88-99.
- CHUCHKOVA, M. **The healthy cities project of the world health organization and the approach to its realization.** Probl Khig, 1994. v.19, p. 3 – 9.
- CRESPO, S. Opinião Pública. In: TRIGUEIRO, André (Coord.). **Meio Ambiente no Século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental (nas suas áreas de conhecimento).** Rio de Janeiro: Sextante, 2003. p. 59 – 73.
- CRONBACH, L. J. Coefficient Alpha and the Internal Structure of the Tests **Psychometrika,** California: 16: 297-334, 1951.
- CUNHA, L. H.; COELHO, M. C. N. Políticas e Gestão Ambiental. In: CUNHA, Sandra Batista; GUERRA, Antonio José Teixeira (Org.) **A Questão Ambiental: diferentes abordagens.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 43 – 79.
- DEVESCOVI, R. C. B. **Urbanização e Acumulação:** um estudo sobre a cidade de São Carlos. São Carlos: Arquivo de História Contemporânea, UFSCar, 1983.
- _____ **O Processo de Produção de Espaço Urbano e da Segregação Sócio-Espacial:** um estudo sobre a cidade de São Carlos. Dissertação (Mestrado em Administração) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo da FGV, São Paulo, 261 p., 1985.

- DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Annablume: Hucitec: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2002.
- DILLON W. R.; GOLDSTEIN, M. **Multivariate analysis: methods and applications**. New York: John Wiley, (Wiley Series in Probability and Mathematical Statistics. Applied Probability and Statistics). 1984.
- DOZENA, A. **São Carlos e seu “Desenvolvimento: Contradições Urbanas de um Pólo Tecnológico**. Dissertação (Mestrado em História) – FFLCH, USP, São Paulo, 160 p., 2001.
- DUHL L.; HANCOCK T. **Community self-evaluation: a guide to assessing healthy cities**. Copenhagen: Healthy Cities Papers/ FADL, 1999.
- DURAND, G. **A Imaginação Simbólica**. São Paulo: Cultrix, Ed. da USP, 1988.
- ELIADE M. **Imagens e símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- EMBRAPA – CCPSE, **Microbacia hidrográfica do Ribeirão Canchim: um modelo real de laboratório ambiental**. Boletim de Pesquisa, n. 5. Embrapa Pecuária Sudeste, São Carlos, 1999.
- FERRARA, L. D. **Olhar Periférico: Informação, Linguagem, Percepção Ambiental**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- _____ **Leitura sem Palavras** (Série Princípios), São Paulo: Ática, 1997.
- _____ **Os Significados Urbanos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, (Acadêmica; 31), 2000.
- FERREIRA JR., S.; BAPTISTA, A. J. M. S. e LIMA, J. E. A modernização agropecuária nas microrregiões do Estado de Minas Gerais. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, DF, v. 42, n.1, p. 73-89, jan./mar. 2004.
- FITZPATRICK, R. e BOULTON, M. Qualitative Research (Letter, Comment). **Lancet**, (348): 127-128, 1996.
- FRANCO, M. A. R. **Desenho Ambiental**. São Paulo: Annablume, 1997.
- FRUDE, N A guide to SPSS/PC+ London, MacMillan Education Ltd., pp. 12-27, 1987.
- GASPAR, W. J. **Análise do processo erosivo do loteamento social Antenor Garcia: Proposta para expansão do bairro**. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana). Departamento de Engenharia Civil da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 171 p., 2000.

Trabalho de Conclusão do Curso de **Especialização em Geoprocessamento** da Escola de Extensão da UNICAMP. Campinas: nov. 2002.

GASPAR, W. J.; SANTOS, J. E. **Indicadores do Grau de Satisfação de uma população de área urbana**: Uma abordagem metodológica. In: CONGRESSO PLANEJAMENTO URBANO INTEGRADO SUSTENTÁVEL (PLURIS 2.), Braga - Portugal, 2006. Anais 2006. 1 cartão de memória USB.

GOMES, M. A. O. **Abordagem Participativa**. Capítulo 6 do Relatório Interno da Saúde na Gestão Ambiental encomendado pela PETROBRAS, p. 1-48, 2003.

GONTIJO, C. e AGUIRRE, A. Elementos para uma tipologia do uso do solo agrícola no Brasil: uma aplicação da Análise Fatorial. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 1, p. 13-49. jan./mar, 1988.

GREENHALGH, T. e TAYLOR, T. How to Read a Paper: Papers That Go beyond Numbers (Qualitative Research). **British Medical Journal**, (315): 740-743, 1997.

HAIR Jr., J. F.; ANDERSON, R. E.; TATHLAM, R. L.; BLACK, W. C. **Análise Multivariada de dados**. trad. Adonai Schlup Sant'Anna e Anselmo Chaves Neto – 5. ed. – Porto Alegre: Bookman, 2005.

HOFFMANN, R. **Componentes Principais e Análise Fatorial**. Série Didática n° 90. Piracicaba, SP: Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz – USP, 1999.

JANNUZZI, P. de M. Repensando a prática de uso de indicadores sociais na formulação e avaliação de políticas públicas municipais (53-71), In: KEINERT Tânia Margarete Mezzomo; KARRUZ, Ana Paula (Org.) **Qualidade de Vida: observatórios, experiências e metodologias**. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2002. p. 53 – 71.

_____ – **Indicadores Sociais no Brasil**, 2ª. ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003.

KAYANO, J.; CALDAS, E. L. Indicadores para o diálogo. **Pólis**, Programa de Gestão Pública e Cidadania/EAESP/FGV, São Paulo, SP, 48p., 2001.

KAYSER, H.F. Little Jiffy, Mark IV. **Educational and Psychology Measurement** 34: 111-17, 1974.

KONDOR, A. C. **O processo de estruturação do espaço urbano e a qualidade dos espaços públicos**: o caso de São Carlos. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) – Departamento de Engenharia Civil da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 165 p., 2001.

KREJCIE, R. V. e MORGAN, D. W. Determining sample size for research activities. **Educational and Psychological Measurement**, 607 – 610, 1970.

KURTZ DOS SANTOS, A. de C. **A Dinâmica de Sistemas como uma Metodologia para a pesquisa Educacional**, Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG, 23 p., 2000.

KURZ, R. **Os últimos combates**. 4a. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

_____ A natureza em ruínas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17 jun. 2001. Caderno Mais, p.14-15.

LEFEBVRE, H. **La Production de L'Espace**. Paris: Anthropos, 1974.

LEFF, E. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2ª. ed., 2002.

LEIGH, A.; WOLFERS, J. **Happiness and the Human Development Index: Australia is Not a Paradox**, NBER Working Paper No. 11925, January 2006 JEL No. I31, O57. Disponível em: <http://papers.nber.org/papers/w11925.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2006.

LIKERT, R. **A Technique for the Measurement of Attitudes**. Archives of Psychology, n. 140, 1-50, 1932.

MACNAUGHTON, R. J. Numbers, Scales and Qualitatives Researchs. **Lancet** (347): 1099 – 1100, 1996.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de Marketing, Metodologia, Planejamento**, Volume 1; 4ª Edição. São Paulo: Editora Atlas S.A. 1997.

MILES, M. B. e HUBERMAN, A. M. **Qualitative Data Analysis: A Sourcebook of New Methods**. Everly Hill, Sage Publ., 1984.

MINAYO, M. C. de S. **O Desafio do Conhecimento – Pesquisa Qualitativa em Saúde** (3ª Edição), Rio de Janeiro: Editora Hucitec-ABRASCO, 1994a.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade** In: DESLANDES, Suely Ferreira; CRUS NETO, Otavio; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 80 p., 1994b.

NAHAS, M. I. P. **Bases teóricas, metodologia de elaboração e aplicabilidade de indicadores intra-urbanos na gestão municipal de qualidade de vida urbana em grandes cidades: o caso de Belo Horizonte**. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 373 p., 2002.

NERI, A. L. **Qualidade de vida na velhice**. In: DELITTI, Mally (org). Sobre comportamento e cognição: a prática da análise do comportamento cognitivo-comportamental. Campinas: Arbytes, p. 34 – 40. 1997.

-
- NEVES, A. P. O. **Jardim Público de São Carlos do Pinhal**. São Carlos. São Carlos: Fundação Theodoretto Souto, EESC – USP, 1983.
- NORUSIS, M. J. **SPSS Professional Statistics**. SPSS Inc. 1994.
- OLIVEIRA, J. S. N. Vida e Aventuras dos Indicadores Sociais. **Atualidade em Debate**, Centro João XXIII – IBRADES. In: Indicadores Sociais: Uma releitura. Caderno 51: 3-9. Julho-Agosto, 1997.
- OSGOOD, C.E. **The Measurement of Meaning** In: SNIDER, J.G. e OSGOOD, C.E. Semantic Differential Technique. Chicago, Aldine Publishing Co., pp. 3-41, 1969.
- PEREIRA, J. C. R. **Análise de dados qualitativos: Estratégias Metodológicas para as Ciências da Saúde, Humanas e Sociais – 3. ed.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- PEREIRA, E. **Conceitos, Medidas e Estratégias de Luta Contra a Pobreza em África: A Procura de um Novo Consenso**. Dissertação (Mestrado em Economia). Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa, PT. 105 p., 2000.
- PNUD – **Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento**. Human Development Report - Disponível em CD room – New York, 1990.
- _____PNUD 1997 – Disponível em CD room – New York, 1997.
- _____PNUD 2003: **Definição e metodologia de cálculo dos indicadores e índices do desenvolvimento humano e condições de vida**. Disponível em: <<http://www.undp.org.br/HDR/HDR2000/Metodologias%20-%20IDH-M%20e%20ICV.pdf>>, Acesso em abr. 2004.
- _____PNUD 2005: Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/rdh/>>, Acesso em 18 jan. 2006.
- RESS, W. **Ecological footprints and appropriated carrying capacity: what urban economics leaves out**. Environment and Urbanization 4, 121 – 30. 1992.
- SANATHANAN, L. P. **Estimating the size of a multinomial population**. Annals of Mathematical Statistics, 43:142—152, 1972.
- SANT'AGOSTINO, L. H. F. **Rumo ao Concreto**, Tese (Doutorado em Arquitetura). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. São Paulo, 188 p., 2001.
- SANTOS, C. N. F. dos. **A cidade como um jogo de cartas**; Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense: EDUFF; São Paulo. Projeto Editores, 1988.
- SANTOS, M. **O espaço do Cidadão**, 3ª. ed. São Paulo: Nobel, 1996.

- THURSTONE, L. L. The Measurement of Psychological Value. In: T.V. Smith and W.K. Wright (Eds.), **Essays in Philosophy by Seventeen Doctors of Philosophy of University of Chicago**. 1929. Disponível em:< http://en.wikipedia.org/wiki/L._L._Thurstone>, Acesso em fev. 2006.
- TOLENTINO, M. **Estudo crítico sobre o clima da região de São Carlos**. São Carlos, mimeografado, 78 p., 1967.
- VELLICER, W. F. e JACKSON, D. N. **Component Analysis versus Common Factor Analysis**: Some Issues in Selecting an Appropriate Procedure. *Multivariate Behavioral Research* 25 (1): 1-28, 1990.
- VILLAÇA, F. **Espaço Intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp, 2000.
- ZAMBRANO, C. e LIMA, E.J. **Análise estatística multivariada de dados sócio-econômicos**. In SANTOS, L.M. e VIEIRA, W. C: Métodos quantitativos em economia. Viçosa: UFV, 653p., 2004.

8. APÊNDICES

APÊNDICE A – Resumo dos aspectos que agradam e incomodam os moradores do bairro Antenor Garcia subdivididos em seis variáveis.....	145
APÊNDICE B – Questionário abrangente para classificação das Variáveis do Grau de Satisfação no bairro Antenor Garcia em São Carlos	148
APÊNDICE C – Lotes amostrados subdivididos por sexo no bairro Antenor Garcia	156
APÊNDICE D – TABELA Completa com todas as respostas dos moradores do bairro Antenor Garcia	157

**APÊNDICE A – RESUMO DOS ASPECTOS QUE AGRADAM E INCOMODAM OS
MORADORES DO BAIRRO ANTENOR GARCIA SUBDIVIDIDOS
EM SEIS VARIÁVEIS**

(Entre parênteses número de respondentes)

HABITAÇÃO E AMBIENTE

Agrada: (25) Iluminação do bairro;
(8) Coleta de lixo freqüente;
(2) Possibilidade de compra de terreno barato;
(2) Ar mais puro que outros bairros;
(1) Arborização de rua; Escola próxima a área verde; Temperatura mais amena; Visão privilegiada da planície; Arborização defrente minha casa; A casa é minha.

Incomoda: (10) Muito mato nos terrenos;
(6) Quarteirões compridos
(4) Lixo em terreno baldio (ratos e moscas);
(3) Animais soltos com sarna; Hábito de queimar o lixo (mesmo tendo coleta);
(3) Cheiro de esgoto;
(2) Esgoto à céu aberto na serra;
(2) Água pluvial clandestina na rede de esgoto
(2) Desleixo com as calçadas;
(1) Ricos trazem animais para morrerem no Antenor Garcia; Mata usada como esconderijo de bandidos; Muito pernilongo; Falta pulverização contra dengue; Faltam árvores frutíferas nas ruas, Falta coleta seletiva no Bairro do Antenor Garcia; Água parada devido projeto de vias mal feito; São-carlense não cuida do meio ambiente; Lixão à céu aberto; Erosões e assoreamentos.

SAÚDE

Agrada: (3) Existe posto de saúde mesmo distante;
(2) Ótimos médicos
(1) Agente de saúde familiar

Incomoda: (4) Posto de saúde precário;
(3) Funcionários da P.M. poucos e péssimo atendimento;
(3) Difícil agendar consulta com urgência;
(2) Poucos médicos;
(2) Faltam remédios;
(1) Falta farmácia no bairro Antenor Garcia; Faltam dentistas grátis; Muitos filhos por família; Erros nos diagnósticos médicos; Falta banco de sangue no posto de saúde;

EDUCAÇÃO E LAZER

- Agrada: (2) Alfabetização para a terceira idade;
 (2) Ótima educação pois muita comida;
 (1) Existência de muitas escolas (quis dizer vagas); Pessoas mais velhas são mais educadas que os jovens.
 (1) Campo de Futebol; Festas familiares; Calçada é distração.
- Incomoda: (10) Falta praça e área de lazer;
 (7) Difícil vaga no primeiro grau;
 (2) Falta escola do segundo grau no Antenor Garcia;
 (2) Campo de futebol sempre trancado;
 (2) Falta educação e cultura para o povo;
 (2) Escolas da Antenor Garcia são de nível inferior;
 (1) Escolas do centro da cidade de São Carlos possuem diretores mais rígidos; A direção tem medo dos alunos; Falta escola para a terceira idade; São-carlense é mal educado; O povo de São Carlos é mal educado se comparado ao Paranaense; Falta escola profissionalizante no Antenor Garcia.
 (1) Locais de forró inseguros; calçadas ocupadas por mesas de bares; Faltam atividades orientadas para crianças e jovens; Relacionamento superficial entre vizinhança.

TRANSPORTES

- Agrada: (1) Asfalto em frente de casa
- Incomoda: (5) Poucos ônibus
 (5) Buracos nas vias/falta manutenção
 (4) Faltam outros acessos ao bairro asfaltado
 (4) Bairro muito longe
 (3) Percurso do ônibus incorreto
 (1) Implantação lombadas para diminuir velocidade; Veículos alta velocidade; Falta terminal transbordo gratuito; Adaptar ônibus para deficiente físico; Transporte muito caro; Qualidade dos ônibus.

SEGURANÇA

- Agrada: (12) Boa vizinhança;
 (11) Sossegado;
 (5) Sentimento de segurança;
 (1) Nunca fui assaltado; Antenor Garcia é mais seguro que o Bairro Presidente Collor.
- Incomoda: (6) Falta policiamento nas ruas;
 (4) Falta segurança no Antenor Garcia;
 (4) Medo da violência;
 (3) Falta posto policial no Antenor Garcia;
 (2) Bairro Antenor Garcia é mais perigoso que Água Vermelha – é bairro dormitório de bandidos;

- (2) Falta cultura familiar para com os adolescentes;
- (1) Mídia mostra um bairro inseguro; Já fui assaltado; Barulhos e brigas em bares; Lei do silêncio ou morte; Poucos apitos de guarda à noite; Prostituição de crianças; Venda de segurança – quem pode paga; Muitos bandidos nos bairros Antenor e Collor; Ponto de venda de drogas; Falta casa de recuperação de drogados; Prostituição, álcool e drogas entre bóias-frias.

SOCIAL

Agrada:

- (2) A existência de igrejas;
- (2) A existência de creches
- (2) Bem servido de comércio;
- (2) Bom para vendas;
- (1) Força de vontade do cidadão humilde (construir sua casa em finais de semana); Honestidade no pagamento da classe pobre

Incomoda:

- (8) Discriminação;
- (7) Falta de emprego;
- (7) Falta de dinheiro;
- (7) Falta de indústria no bairro
- (3) Tudo muito caro;
- (2) Falta asfalto nas ruas periféricas;
- (2) Falta fiscalização da P.M. na limpeza pública;
- (2) Excesso de terrenos baldios (necessário adensar);
- (2) Faltam creches;
- (1) Precariedade da rede de esgoto nas periferias do bairro (vazamento e entupimento); Moradores não pagam associação do bairro; Pouca água que é cortada aos domingos; Muitas crianças por família; Poucos funcionários no Banco do Brasil da Cidade Aracy; Excesso de paranaenses e baianos no bairro; Distante do centro da cidade (onde os produtos são mais baratos); Falta investimento no bairro; Muitos bares; Falta investimento em comércio.

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO ABRANGENTE PARA CLASSIFICAÇÃO DAS VARIÁVEIS DO GRAU DE SATISFAÇÃO NO BAIRRO ANTENOR GARCIA EM SÃO CARLOS¹

Este questionário é parte da pesquisa que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Ecologia e Recursos Naturais da UFSCar. Todas as perguntas se originaram dos comentários de 174 moradores, sobre o que lhes agradava e incomodava no Bairro Antenor Garcia. Para responder a este questionário, após ler a pergunta, o respondente deverá dizer sua “opinião” por meio das seguintes afirmações: Discordo totalmente; Discordo parcialmente; Sem opinião; Concordo parcialmente ou Concordo totalmente. Atentar para a ordem de algumas perguntas, bem como questões que requerem outro critério para respostas.

HABITAÇÃO E AMBIENTE

1. Essa casa é:

<input type="checkbox"/>	Própria	<input type="checkbox"/>	Alugada	<input type="checkbox"/>	Emprestada	<input type="checkbox"/>	Ocupada
--------------------------	---------	--------------------------	---------	--------------------------	------------	--------------------------	---------

2. O aluguel que os vizinhos pagam é barato, então não precisa comprar terreno e nem construir casa;

MS	Concordo totalmente	PS	Concordo parcialmente		Sem opinião	PI	Discordo parcialmente	MI	Discordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

3. O mutirão não funciona mesmo porque as pessoas não ajudaram a construir as casas do Antenor como deveriam;

MS	Discordo totalmente	PS	Discordo parcialmente		Sem opinião	PI	Concordo parcialmente	MI	Concordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

4. A melhor solução para melhorar as condições da sua casa é mudar de rua ou mudar de bairro;

MI	Concordo totalmente	PI	Concordo parcialmente		Sem opinião	PS	Discordo parcialmente	MS	Discordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

5. Casa com laje é mais moderna, mas dá um desconforto de calor que ninguém agüenta;

MI	Concordo totalmente	PI	Concordo parcialmente		Sem opinião	PS	Discordo parcialmente	MS	Discordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

¹ Indicadores temáticos obtidos através de levantamento exploratório sobre aspectos que agradam e incomodam no ambiente comunitário.

6. Às vezes é melhor morar de aluguel numa casa boa, grande, bem baratinha, do que numa casa simples da gente;

MS	Discordo totalmente	PS	Discordo parcialmente		Sem opinião	PI	Concordo parcialmente	MI	Concordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

7. As ruas do Antenor são bem iluminadas;

MI	Discordo totalmente	PI	Discordo parcialmente		Sem opinião	PS	Concordo parcialmente	MS	Concordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

8. Os moradores queimam constantemente o lixo;
 () Lixeiro não é regular; () É costume; () Nem pensa no que está fazendo;
 () Outro _____

9. Se pudesse mudaria a posição das ruas e o tamanho dos lotes;

MS	Discordo totalmente	PS	Discordo parcialmente		Sem opinião	PI	Concordo parcialmente	MI	Concordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

10. Tem gente que disse que o bairro não tem indústria ou serviço de emprego bom porque as pessoas têm pouco estudo na escola;

	Concordo totalmente		Concordo parcialmente		Sem opinião		Discordo parcialmente		Discordo totalmente
--	---------------------	--	-----------------------	--	-------------	--	-----------------------	--	---------------------

11. O mato que cresce nos terrenos baldios contribui para diminuir o calor;

MI	Discordo totalmente	PI	Discordo parcialmente		Sem opinião	PS	Concordo parcialmente	MS	Concordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

12. É melhor ter uma praça com bastante árvores a uns 200 metros do que mais árvores nas ruas;

	Concordo totalmente		Concordo parcialmente		Sem opinião		Discordo parcialmente		Discordo totalmente
--	---------------------	--	-----------------------	--	-------------	--	-----------------------	--	---------------------

13. A mata perto do Córrego da Água Quente contribui para melhorar todos os aspectos do bairro;

MI	Discordo totalmente	PI	Discordo parcialmente		Sem opinião	PS	Concordo parcialmente	MS	Concordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

Aqueles que não percebem a mata

14. O morador do Antenor cuida dos seus animais, inclusive os que estão soltos e vieram do centro da cidade;

MS	Concordo totalmente	PS	Concordo parcialmente		Sem opinião	PI	Discordo parcialmente	MI	Discordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

Nunca viu

15. Já me acostumei com o esgoto correndo nas ruas em alguns lugares;

MI	Discordo totalmente	PI	Discordo parcialmente		Sem opinião	PS	Concordo parcialmente	MS	Concordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

16. Já que a mata ao lado dos córregos do Antenor é usada como esconderijo de bandidos, é melhor cortá-la;

MS	Concordo totalmente	PS	Concordo parcialmente		Sem opinião	PI	Discordo parcialmente	MI	Discordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

Aqueles que não percebem a mata

17. A tubulação de esgoto da rua é bem grande, portanto pode-se jogar a água de chuva no esgoto;

MS	Discordo totalmente	PS	Discordo parcialmente		Sem opinião	PI	Concordo parcialmente	MI	Concordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

18. Não adianta montar um grupo para coleta seletiva no Antenor, quem quiser que leve o material para o lixão;

MS	Concordo totalmente	PS	Concordo parcialmente		Sem opinião	PI	Discordo parcialmente	MI	Discordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

19. O morador do Antenor Garcia não cuida do meio-ambiente;

MS	Discordo totalmente	PS	Discordo parcialmente		Sem opinião	PI	Concordo parcialmente	MI	Concordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

SAÚDE

20. As agentes de saúde tornam mais rápido o atendimento médico;

MI	Discordo totalmente	PI	Discordo parcialmente		Sem opinião	PS	Concordo parcialmente	MS	Concordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

21. Você tem poucos filhos ()

	Discordo totalmente		Discordo parcialmente		Sem opinião		Concordo parcialmente		Concordo totalmente
--	---------------------	--	-----------------------	--	-------------	--	-----------------------	--	---------------------

22. Toda vez que precisou de médico foi possível ser atendido rapidamente no posto de saúde da Aracy, pois tinha médico de plantão;

MS	Concordo totalmente	PS	Concordo parcialmente		Sem opinião	PI	Discordo parcialmente	MI	Discordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

23. Toda vez que foi atendido no posto de saúde da Aracy, os funcionários foram simpáticos e educados;

MS	Concordo totalmente	PS	Concordo parcialmente		Sem opinião	PI	Discordo parcialmente	MI	Discordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

24. Os remédios que os médicos receitam são conseguidos de graça na farmácia do posto de saúde;

MS	Concordo totalmente	PS	Concordo parcialmente		Sem opinião	PI	Discordo parcialmente	MI	Discordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

25. Todos na família vão ao dentista uma vez por ano;

MI	Discordo totalmente	PI	Discordo parcialmente		Sem opinião	PS	Concordo parcialmente	MS	Concordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

26. O acompanhamento dos agentes de saúde junto a família ajudam a reduzir o número de adolescentes grávidas;

MS	Concordo totalmente	PS	Concordo parcialmente		Sem opinião	PI	Discordo parcialmente	MI	Discordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

27. Não há necessidade de falar sobre gravidez indesejada, preservativo, doença sexual ou AIDS com meus filhos pois a escola faz isso;

MI	Concordo totalmente	PI	Concordo parcialmente		Sem opinião	PS	Discordo parcialmente	MS	Discordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

28. A minha saúde depende mais de atendimento médico, exames e remédios do que de boa alimentação, exercícios físicos, casa com água encanada e esgoto;

MI	Discordo totalmente	PI	Discordo parcialmente		Sem opinião	PS	Concordo parcialmente	MS	Concordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

29. O médico do postinho de saúde da Rua 4, resolve bem a maioria dos problemas de saúde da minha família;

MI	Discordo totalmente	PI	Discordo parcialmente		Sem opinião	PS	Concordo parcialmente	MS	Concordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

30. Toda vez que tenho um problema de saúde vou ao Pronto Socorro;

MI	Discordo totalmente	PI	Discordo parcialmente		Sem opinião	PS	Concordo parcialmente	MS	Concordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

EDUCAÇÃO E LAZER

31. Agora está mais fácil vaga na escola;

MI	Discordo totalmente	PI	Discordo parcialmente		Sem opinião	PS	Concordo parcialmente	MS	Concordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

32. O ensino no bairro Antenor é “mais fraco”, por que eles dão muita liberdade, do que nas escolas que tem o ensino “mais puxado”;

	Concordo totalmente		Concordo parcialmente		Sem opinião		Discordo parcialmente		Discordo totalmente
--	---------------------	--	-----------------------	--	-------------	--	-----------------------	--	---------------------

33. O ensino no bairro Antenor é “mais fraco” porque os diretores e professores têm medo da atitude dos alunos e são menos enérgicos;

MS	Discordo totalmente	PS	Discordo parcialmente		Sem opinião	PI	Concordo parcialmente	MI	Concordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

34. O ensino no Antenor é “mais fraco” porque as aulas não são bem dadas e não motivam nossos filhos a aprender;

MS	Discordo totalmente	PS	Discordo parcialmente		Sem opinião	PI	Concordo parcialmente	MI	Concordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

35. O mais importante na escola é a comida que dão para nossos filhos;

MS	Concordo totalmente	PS	Concordo parcialmente		Sem opinião	PI	Discordo parcialmente	MI	Discordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

36. As escolas do lugar de onde você veio são melhores que as daqui do Antenor, as crianças saiam mais bem preparadas;

MS	Discordo totalmente	PS	Discordo parcialmente		Sem opinião	PI	Concordo parcialmente	MI	Concordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

Analfabeta

37. De escola o Antenor já está bem servido, mas não há creches para as mães trabalhadoras deixarem seus filhos;

MS	Discordo totalmente	PS	Discordo parcialmente		Sem opinião	PI	Concordo parcialmente	MI	Concordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

TRANSPORTES

“Comentário se o(a) morador(a) vai regularmente ao centro da cidade.”

38. Qual o maneira que você utiliza para ir ao centro da cidade ou para o trabalho?

A pé Bicicleta Carroça Carro Ônibus

39. Não há necessidade de asfaltar outras ruas de acesso que passam pelo Bairro Antenor Garcia, assim o bairro fica mais calmo;

MS	Concordo totalmente	PS	Concordo parcialmente		Sem opinião	PI	Discordo parcialmente	MI	Discordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

40. Dos lugares onde costuma ir todo dia, sua casa ou o Bairro Antenor é;

MI	Muito longe	PI	Mais ou menos longe		Sem opinião	PS	Mais ou menos perto	MS	Muito perto
----	-------------	----	---------------------	--	-------------	----	---------------------	----	-------------

Mesmo
jeito

41. O sistema de transporte coletivo melhorou com o passar do tempo principalmente porque aumentou a quantidade de ônibus no horário de “pico”;

MS	Concordo totalmente	PS	Concordo parcialmente		Sem opinião	PI	Discordo parcialmente	MI	Discordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

42. O sistema de transportes coletivo piorou por causa dos tipos de caminhos que os ônibus estão fazendo;

MS	Discordo totalmente	PS	Discordo parcialmente		Sem opinião	PI	Concordo parcialmente	MI	Concordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

43. Deveriam tirar todas as lombadas e os ônibus deveriam correr mais para chegar mais rápido nos lugares;

MI	Concordo totalmente	PI	Concordo parcialmente		Sem opinião	PS	Discordo parcialmente	MS	Discordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

44. Ficou mais fácil subir nos ônibus e são mais confortáveis;

MI	Discordo totalmente	PI	Discordo parcialmente		Sem opinião	PS	Concordo parcialmente	MS	Concordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

45. A qualidade melhorou e o preço do transporte é baixo;

MS	Concordo totalmente	PS	Concordo parcialmente		Sem opinião	PI	Discordo parcialmente	MI	Discordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

EDUCAÇÃO E LAZER

46. Melhor que assistir televisão é se distrair conversando com a vizinhança na calçada, mesmo na hora do jogo e da novela;

MS	Concordo totalmente	PS	Concordo parcialmente		Sem opinião	PI	Discordo parcialmente	MI	Discordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

47. Não precisa construir equipamentos de lazer (praça ou parque) porque é melhor ir para a igreja;

MI	Discordo totalmente	PI	Discordo parcialmente		Sem opinião	PS	Concordo parcialmente	MS	Concordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

48. Meus filhos teriam uma educação melhor que eu poderia dar se permanecessem nos equipamentos de lazer e recreação, aqui no bairro, fora do período da aula;

MI	Discordo totalmente	PI	Discordo parcialmente		Sem opinião	PS	Concordo parcialmente	MS	Concordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

49. É besteira gastar com outro tipo de lazer, pois já temos televisão em casa;

MS	Concordo totalmente	PS	Concordo parcialmente		Sem opinião	PI	Discordo parcialmente	MI	Discordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

SEGURANÇA

50. A minha sensação como morador do bairro é que estamos num lugar seguro;

MI	Discordo totalmente	PI	Discordo parcialmente		Sem opinião	PS	Concordo parcialmente	MS	Concordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

51. Os programas de rádio exageram quando comentam que o bairro Antenor Garcia é o mais violento da região do Aracy;

MI	Concordo totalmente	PI	Concordo parcialmente		Sem opinião	PS	Discordo parcialmente	MS	Discordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

52. Os “bandidos” que moram no Antenor Garcia são tão poderosos que fazem com que os moradores mudem para outro lugar;

MS	Discordo totalmente	PS	Discordo parcialmente		Sem opinião	PI	Concordo parcialmente	MI	Concordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

53. Não adianta posto policial, pois os “bandidos” que dormem aqui são mais espertos que a polícia;

MI	Concordo totalmente	PI	Concordo parcialmente		Sem opinião	PS	Discordo parcialmente	MS	Discordo totalmente	Desconhece assunto
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------	--------------------

54. Existem vários casos de adultério, prostituição e uso de drogas entre as bóias-frias (laranja, cana, frango);

MS	Discordo totalmente	PS	Discordo parcialmente		Sem opinião	PI	Concordo parcialmente	MI	Concordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

55. Os pais e mães dos adolescentes do Bairro do Antenor são culpados pelos seus filhos virarem bandidos porque nunca conversaram com eles e deram pouca atenção e amor;

MI	Concordo totalmente	PI	Concordo parcialmente		Sem opinião	PS	Discordo parcialmente	MS	Discordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

56. Os pais e mães dos adolescentes do Bairro do Antenor são culpados pelos seus filhos virarem bandidos porque a maioria é bandida também;

MI	Concordo totalmente	PI	Concordo parcialmente		Sem opinião	PS	Discordo parcialmente	MS	Discordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

SOCIAL

57. É bom que tenha muitos bares no Antenor Garcia pois tudo é mais barato;

MI	Discordo totalmente	PI	Discordo parcialmente		Sem opinião	PS	Concordo parcialmente	MS	Concordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

58. Roupa e comida do mês são compradas no centro da cidade;

	Sim		Só comida		Não sei		Só roupa		Não/cesta
--	-----	--	-----------	--	---------	--	----------	--	-----------

59. A solução contra a discriminação é mudar de bairro;

MI	Concordo totalmente	PI	Concordo parcialmente		Sem opinião	PS	Discordo parcialmente	MS	Discordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

60. Deveriam ser construídas mais igrejas no Antenor, de diversas religiões;

MS	Discordo totalmente	PS	Discordo parcialmente		Sem opinião	PI	Concordo parcialmente	MI	Concordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

61. Acho que a prefeitura agora vai ajudar a encontrar emprego;

MI	Concordo totalmente	PI	Concordo parcialmente		Sem opinião	PS	Discordo parcialmente	MS	Discordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

62. Religião _____. Acho que Deus agora vai ajudar a encontrar emprego;

MI	Discordo totalmente	PI	Discordo parcialmente		Sem opinião	PS	Concordo parcialmente	MS	Concordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

63. Não precisa de oportunidade de trabalho para todos porque os programas sociais já dão o que as pessoas precisam. (Exemplifique com duas famílias com mesmo número de filhos, porém apenas uma recebendo benefícios);

MS	Concordo totalmente	PS	Concordo parcialmente		Sem opinião	PI	Discordo parcialmente	MI	Discordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

64. Todos os problemas do Antenor (inclusive familiar) acabariam se o povo daqui estivesse trabalhando;

MI	Discordo totalmente	PI	Discordo parcialmente		Sem opinião	PS	Concordo parcialmente	MS	Concordo totalmente
----	---------------------	----	-----------------------	--	-------------	----	-----------------------	----	---------------------

65. O que você acha que a cidade pensa de você?

66. Você é feliz?

**Caso não responda, refazer a pergunta:
"O que gostaria que a cidade pensasse..."**

67. Você está satisfeito com o local em que vive?

68. Nome _____

Rua: _____ Número _____

69. Idade _____

70. Escolaridade _____

71. Sexo _____

72. Cidade de Nascimento _____ 73. Estado _____

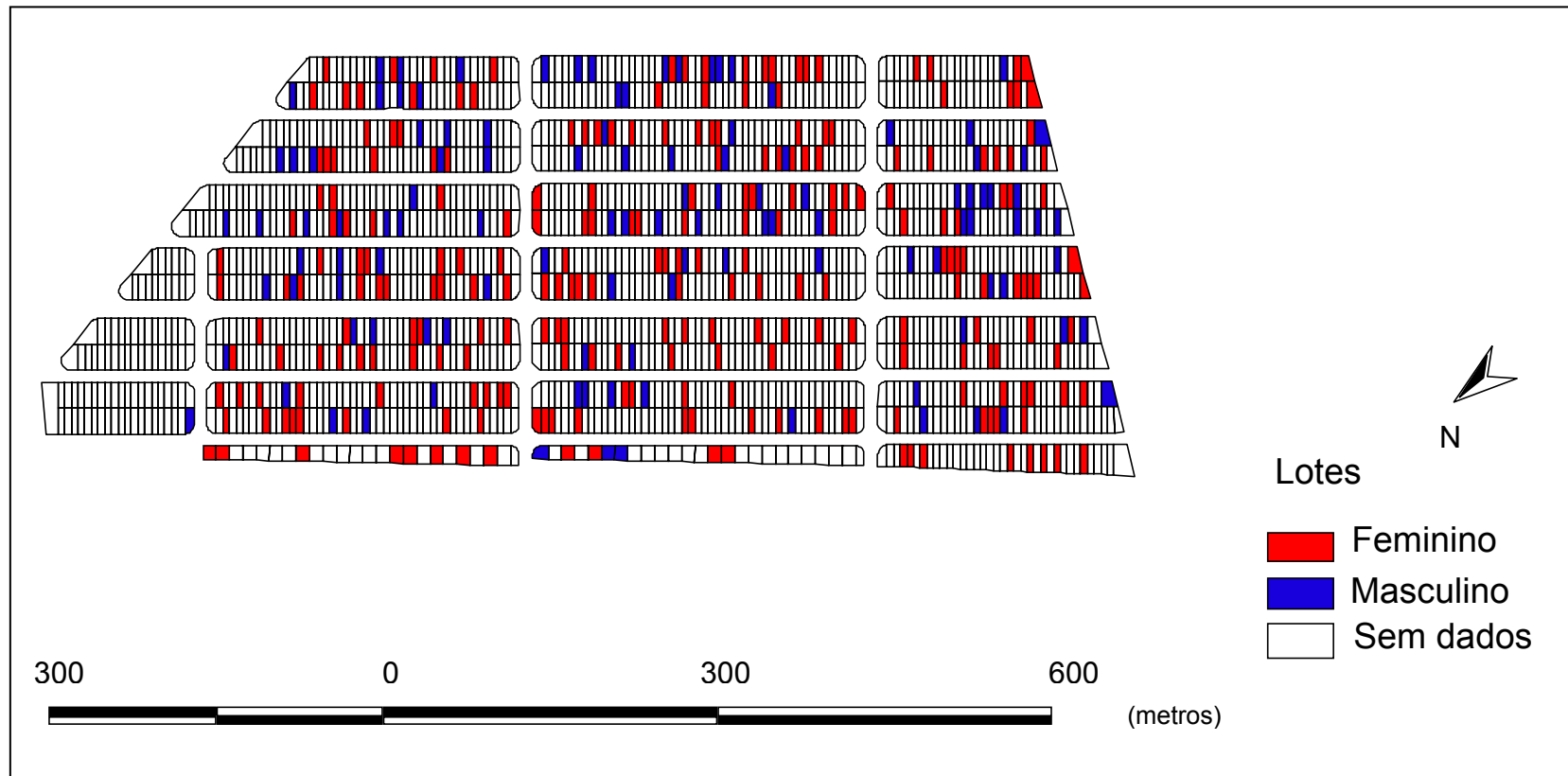
74. Há quantos anos mora no Antenor Garcia _____

75. Número de Filhos _____

76. Religião _____

Está empregado _____ Qual a renda _____

Optativa



APÊNDICE C – LOTES AMOSTRADOS SUBDIVIDIDOS POR SEXO NO BAIRRO ANTENOR GARCIA

Org: o autor (2006).

**APÊNDICE D – TABELA COMPLETA COM TODAS AS RESPOSTAS DOS
MORADORES DO BAIRRO ANTENOR GARCIA**

9. ANEXOS

ANEXO A – SÍNTESE COMPARATIVA ENTRE INDICADORES SOCIAIS URBANOS NOS ANOS 1990	162
ANEXO B – DETERMINAÇÃO DO TAMANHO DA AMOSTRA (A) CONSIDERANDO-SE O TAMANHO DA POPULAÇÃO MULTINOMINAL (N) COM 5 CATEGORIAS DE RESPOSTAS (K=5)	163

METODOLOGIA	INDICADORES DO MAPA DA EXCLUSÃO SOCIAL DA CIDADE DE SÃO PAULO (dez. 1994 a nov. 1995)	INDICADORES DO MAPA DA POBREZA DE CURITIBA (1997)	INDICADORES ÍNDICE MUNICIPAL (INSTITUTO POLIS) (1995)	INDICADORES DO MAPA DA EXCLUSÃO SOCIAL (1996)	INDICADORES IQVU Belo Horizonte (1996)	INDICADORES IDH ONU/PNUD (1999)	INDICADORES QUALIDADE DE VIDA (Folha de São Paulo) (1999/2000)
AUTONOMIA	<ul style="list-style-type: none"> .Renda do chefe de família .Chefe de família abaixo da linha da pobreza (até 2SM) .Oferta de emprego .Concentração de indigência adulta .Concentração de risco infantil 	<ul style="list-style-type: none"> %. de chefes com renda até 2 SM 	<ul style="list-style-type: none"> .Renda média .Chefes com até 2 SM 	<ul style="list-style-type: none"> .Faixa Renda do chefe de família .Chefe de família abaixo da linha de pobreza (sem rendimentos) .Chefe da família na linha da pobreza (até 2 SM) .Oferta de emprego .População de rua 	<ul style="list-style-type: none"> .Cesta Básica: Economia de compra possível 	<ul style="list-style-type: none"> .PIB per capita 	<ul style="list-style-type: none"> .Poder aquisitivo .Trabalho
QUALIDADE DE VIDA	<ul style="list-style-type: none"> .Qualidade ambiental (acesso precário a água lixo e esgoto) .Densidade habitacional .Concentração de população e moradias precárias .Garantia de moradia .Conforto do domicílio (dormitório e banheiro) .Crescimento verticalizado .Acesso a serviços básicos: creche, educação infantil, fundamental e UBS .Tempo de deslocamento 	<ul style="list-style-type: none"> .Saneamento básico, esgoto e lixo .Domicílios sem canalização interna) .Densidade domiciliar .Domicílios precários: subnormais e improvisados 	<ul style="list-style-type: none"> .Acesso inadequado: água, lixo e esgoto .Densidade domiciliar .Cômodos .Domicílios com até 03 cômodos .Matriculas em pré-escola .Leitos /mil habitantes 	<ul style="list-style-type: none"> .Qualidade ambiental (acesso precário à água, lixo, esgoto) .Densidade habitacional .Concentração de população e de moradias precárias .Garantia de moradia. .Conforto domiciliar (dorm/banh) .Acesso a serviços básicos: creche, educação infantil, fundamental e UBS .Crescimento verticalizado .Tempo de deslocamento 	<ul style="list-style-type: none"> .Limpeza Urbana (coleta de lixo, varrição e capina) .Saneamento (água, esgoto) .Energia elétrica (fornecimento domiciliar e iluminação pública) .Conforto acústico .Qualidade do ar (transporte coletivo) .Área verde .Disponibilidade de habitação (área construída por habitante, sujeita a IPTU) .Conforto habitacional (dormitório) .Equipamentos: assist. social, culturais, artísticos, esport., saúde, segurança, pré-escola, 1º e 2º grau .Transporte coletivo (acessos e conforto dos veículos) .Área por habitante de equipamentos de abastecimento 	<ul style="list-style-type: none"> .Transito 	

					<ul style="list-style-type: none"> .Segurança habitacional (grau de predisposição ao risco geológico) .Telefonia (rede telefônica) .Serviços de comunicação (correio, bancas de revistas e telefones públicos) .Serviços pessoais (agências bancárias, pontos de táxi e postos de gasolina) 		
DESENVOLVIMENTO HUMANO	<ul style="list-style-type: none"> .Anos de estudos dos chefes de família .Alfabetização precoce .Alfabetização tardia .Relação de matrícula no ensino fundamental/ensino médio .Reprovação escola .Evasão escolar .Mortalidade juvenil .Longevidade .Mortalidade na infância .APVP .Gravidez na adolescência .Violência 	<ul style="list-style-type: none"> .Chefes com instrução até o 1ª série do fundamental .Taxa de repetência de alunos (1ª a 4ª s.) .Taxa de abandono de alunos (1ª a 4ª s.) .Mortalidade infantil .Coeficiente de doenças imunopreveníveis 	<ul style="list-style-type: none"> .Crianças em domicílios com chefes analfabetos .Relação entre ensino fundamental e médio .Retenção - ensino fundamental .Mortalidade infantil 	<ul style="list-style-type: none"> .Anos de estudo chefes de família .Alfabetização precoce .Alfabetização tardia .Relação matrícula ensino fundamental/ensino médio .Reprovação escolar .Evasão escolar .Mortalidade juvenil .Mortalidade na infância .Longevidade .Violência .Anos Potenciais de Vida Perdidos .Gravidez na adolescência 	<ul style="list-style-type: none"> .Vigilância à saúde (taxa de sobrevivência até um ano e taxa de nascidos com peso normal) .Segurança patrimonial (ausência de roubo e furtos de veículos, moradias e estabelecimentos) .Segurança pessoal (ausência de homicídios, violações de domicílios, estupros, roubos, porte ilegal de armas, atentados ao pudor e lesões corporais) .Segurança no trânsito 	<ul style="list-style-type: none"> .Esperança de vida ao nascer 	<ul style="list-style-type: none"> .Segurança
EQUIDADE				<ul style="list-style-type: none"> .Mulheres chefes de família .Mulheres chefes de família não alfabetizadas .Média de anos de estudo de mulheres chefes de família 		<ul style="list-style-type: none"> .Mesmos indicadores deferenciando sexo: .Alfabetização .Taxa de matrícula .PIB per capita .Esperança de vida ao nascer 	

DEMO- CRACIA				.Relação vereador/população local .Número de Conselhos de direitos e de defesa de interesses por temática			
CIDADANIA							
FELICIDADE				.Pesquisa subjetiva sobre representações			
INDICADORES	.Compostos. .Pesos iguais .Polaridades e não médias .Padrão de inclusão social	.Compostos .4 níveis de carência (bairros em condições boas, razoáveis, críticas e muito críticas) .3 índices: condição dos domicílios, condição de saneamento básico e condição social dos moradores	.Compostos .Índice Social Municipal (ISM): 16 indicadores e 6 índices sintéticos (renda, habitação, ambiental, alfabetização, saúde e educação) .Índice de Gestão Municipal (IGM): % de domicílios com coleta de lixo inadequada, % de crianças entre 4 e 6 anos matriculadas em pré-escolas municipais e coeficiente de mortalidade infantil.	.Compostos .Pesos iguais .Polaridades e não médias .Padrão de inclusão social: escala referenciada aonde se aloca por notas as incidências percentuais das variáveis	.Compostos .Pesos diferentes .Oferta/Acessibilidade aos Serviços .Índice de Qualidade de Vida Urbana	.Compostos .Pesos iguais .Média geral .Índice de Desenvolvimento Humano	.Compostos .Pontos diferenciados conforme resposta .Média ponderada .Índice de Qualidade de Vida
DESAGREGA- ÇÃO TERRITORIAL	.Distritos (96 - São Paulo) .Área Censitária (93 - Santo André) .Municípios (30 - Região de Piracicaba)	Bairro da cidade (75)	.49 maiores municípios brasileiros .189 maiores municípios brasileiros .49 maiores municípios do Estado de São Paulo	.Distritos (96 - São Paulo) .Área censitária (93 - Santo André) .Municípios (30 - Região de Piracicaba)	.Unidades de Planejamento (81)	.Países (174) .Municípios (4491 - Brasil)	.Região da Cidade de São Paulo (centro, norte, sul, leste, oeste)

FONTES PRINCIPAIS	.Censo IBGE 1991 .Secretarias Municipais de Planejamento, Educação, Saúde, Assistência Social .Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social do Estado de São Paulo .PRODAIM - Programa de Aperfeiçoamento de Índices de Mortalidade	.Censo IBGE 1991 .Secretaria Municipal da Saúde .Fundepar .Companhia de Urbanização de Curitiba	.IBGE .IBGE/UNICEF	.Censo IBGE 1991 .Secretarias Municipais de Planejamento, Educação, Saúde, Assistência Social .Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social do Estado de São Paulo .PROAIM - Programa de Aperfeiçoamento de Índices de Mortalidade	.Censo IBGE 1991 .Cadastrros municipais (IPTU, ISS, COPASA, CEMIG) .Secretarias Municipais	.Censo IBGE 1991 (Brasil)	.Pesquisa de opinião mensal
COMPOSIÇÃO DO ÍNDICE FINAL	.Composição do lex Autonomia, lex Qualidade de Vida, lex Desenvolvimento Humano e lex Equidade formando o <i>lex final de Exclusão Social</i>	.Construção dos Índices de condição do domicílio, do saneamento básico e condição social do morador definindo a <i>Condição de Pobreza</i>	.Média entre 4 índices sintéticos: renda, alfabetização, habitação e ambiental compondo o <i>Índice Municipal</i>	.Cálculo do Índice de Discrepância – IDI .Composição dos lex Autonomia, lex Qualidade de Vida, lex Desenvolvimento Humano e lex Equidade formando o <i>lex Final de Exclusão/Inclusão Social</i>	.11 índices agregados no Índice de Oferta Local corrigido pela acessibilidade, produzindo o <i>Índice de Qualidade de Vida Urbana</i>	.Média geral dos índices de renda, educação e saúde formando o <i>Índice de Desenvolvimento Humano</i>	. Media ponderada dos 9 índices produzidos compondo o <i>Índice de Qualidade de Vida</i>

ANEXO A – SÍNTESE COMPARATIVA ENTRE INDICADORES SOCIAIS URBANOS NOS ANOS 1990

Fonte: modificado de Maricato

**ANEXO B – DETERMINAÇÃO DO TAMANHO DA AMOSTRA (A)
CONSIDERANDO-SE O TAMANHO DA POPULAÇÃO
MULTINOMINAL (N) COM 5 CATEGORIAS DE RESPOSTAS
(K=5)**

N	A	N	A	N	A
10	10	220	165	1200	425
15	15	230	171	1300	437
20	20	240	176	1400	448
25	25	250	182	1500	457
30	29	260	187	1600	466
35	34	270	192	1700	474
40	38	280	197	1800	482
45	43	290	202	1900	489
50	47	300	206	2000	495
55	51	320	216	2200	506
60	55	340	225	2400	516
65	60	360	233	2600	525
70	64	380	241	2800	533
75	68	400	249	3000	539
80	72	420	257	3500	554
85	76	440	264	4000	565
90	80	460	271	4500	574
95	83	480	278	5000	581
100	87	500	284	6000	593
110	95	550	300	7000	601
120	102	600	314	8000	608
130	109	650	327	9000	613
140	116	700	339	10000	617
150	123	750	351	15000	630
160	129	800	361	20000	637
170	136	850	371	30000	643
180	142	900	380	40000	647
190	148	950	389	50000	649
200	154	1000	397	75000	652
210	160	1100	412	100000	653

Fonte: Adaptado de Sanathanan (1972)